

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política



Dissertação

**“Não se sabe se é opção, se nasceu assim”: A influência discursiva de Jair
Bolsonaro sobre a Sexualidade no debate político de 2018**

Simone Beatriz Lopes da Silva Magalhães

Pelotas, 2022

Simone Beatriz Lopes da Silva Magalhães

**“Não se sabe se é opção, se nasceu assim”: A influência discursiva de Jair
Bolsonaro sobre a Sexualidade no debate político de 2018**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mendonça

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M188n Magalhães, Simone Beatriz Lopes da Silva.

“Não se sabe se é opção, se nasceu assim”: a influência discursiva de Jair Bolsonaro sobre a sexualidade no debate político de 2018 / Simone Beatriz Lopes da Silva Magalhães ; Daniel de Mendonça, orientador. — Pelotas, 2022.

126 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Sexualidade. 2. Teoria do discurso. 3. Eleições. 4. Política. 5. Conflito. I. Mendonça, Daniel de, orient. II. Título.

Simone Beatriz Lopes da Silva Magalhães

**“Não se sabe se é opção, se nasceu assim”: A influência discursiva de Jair
Bolsonaro sobre a Sexualidade no debate político de 2018**

Data da Defesa: 10/02/2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel de Mendonça. (Orientador)
Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dra. Bianca de Freiras Linhares
Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Prof. Dr. Felipe Corral de Freitas
Doutor em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB)

Dedico esta dissertação à memória de meus pais, em especial a minha mãe que incansavelmente dedicou boa parte de sua vida no investimento, seja financeiro ou motivacional, de meus estudos, contrariando as adversidades de ser uma mãe solo em um mundo patriarcal e machista.

Agradecimentos

Inicialmente, meus mais profundos agradecimentos a todas e todos que contribuíram, de forma direta e indireta, para elaboração desta dissertação, em um período tão difícil de pandemia mundial, que interrompeu a vida e os sonhos de milhares de vítimas da Covid-19, impactando significativamente a saúde mental de toda sociedade, incluindo pesquisadoras e pesquisadores.

Agradeço também, a universidade pública, que proporcionou a mim o acesso à educação gratuita e de qualidade, através do seu investimento na formação do pensamento crítico e do acesso ao conhecimento, da ciência e da tecnologia. Isso fez com que se materializasse não só meus sonhos, como, também, de milhões de pessoas que não teriam condições de acesso à educação.

Não poderia deixar de agradecer, nesse espaço, meu orientador, professor Daniel de Mendonça, que desperta em mim a mais profunda admiração não só pelo profissional admirável e respeitado que é, mas também por sua simplicidade e sensibilidade. Espero que receba meu carinho, gratidão e admiração.

Agradeço também, aos estudantes da educação básica, representado pelos meus alunos e alunas, incluindo minha primeira turma, de Educação de Jovens e Adultos, no ano de 2013, que inspiraram e instigaram minha formação continuada. A todas e todos, que fizeram parte desta trajetória, meus profundos agradecimentos.

Agradeço em especial, a memória de minha mãe, que sempre valorizou a educação, priorizando meus estudos, mesmo em tempos difíceis. Tenho certeza que esta conquista, seria uma alegria compartilhada por nós.

Agradeço também, a memória da querida Aida, uma “jovem senhora” que compartilhou comigo as curiosidades de uma memória de quase nove décadas, e que foi a representação da professora que inspirou a minha escolha profissional e o amor pela educação. Obrigada por ter sido “aldeia”, ao dirigir seu cuidado a mim.

Com amor, destaco aqui, o agradecimento mais que especial, as minhas filhas, Isadora e Valentina, que mesmo com tenra idade, compartilharam todos os sentimentos que envolveram essa pesquisa. Obrigada por serem amor e paciência e pela compreensão e demonstrações de carinho que recebi não só nesse momento, como também desde o primeiro momento de suas vidas.

Com amor, destaco também, o agradecimento especial, a meu companheiro de vida, Marco Antonio, com quem compartilho uma relação de amor, amizade, sonhos e com quem construí minha maior conquista, nossa linda família. Obrigada, pelo cuidado, pelo carinho, pela paciência e pelo ombro afetuoso que sempre esteve presente quando precisei.

Por fim, agradeço todas companheiras e companheiros das organizações e movimentos sociais que participei e participo, em especial ao Coletivo Infância Viva, a Comissão Especial de Educação do Conselho Estadual de Direitos Humanos do Rio Grande do Sul. A estes, agradeço imensamente as lutas que fizemos em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

“Que nada nos defina, nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre”. (Simone Beauvoir)

Resumo

MAGALHÃES, Simone Beatriz Lopes da Silva. **“Não se sabe se é opção, se nasceu assim”: A influência discursiva de Jair Bolsonaro sobre a Sexualidade no debate político de 2018.** 2021. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A presente dissertação visa analisar a construção discursiva sobre o tema da sexualidade levado a efeito por Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018 e sua relevância em relação a outros temas construídos no período. Para tanto, parte-se do pressuposto de que para construir seu discurso, no período eleitoral analisado, Bolsonaro fez uso de uma prática articulatória que buscava instaurar a heteronormatividade no social, enquanto uma ordem hegemônica. Essa lógica discursiva fez uso de elementos que, comumente, atrelavam diferentes significados ao tema, e cujo os quais, corroboraram para marcadores sociais e estereótipos negativos relacionados a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero/Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros (LGBTQIA+). Importante citar que estes foram reconhecidos enquanto inimigos de uma cultura moral e cristã, e com isso, enquanto aqueles que interfeririam no desenvolvimento social e ético do país. Impregnado a um discurso – misógino, sexista, machista e homofóbico – esta estratégia discursiva buscou mobilizar alas mais conservadoras e fundamentalistas da sociedade, através de um discurso fundamentalmente de conflito. Para tanto, a análise da trajetória política do candidato permitiu demonstrar suas influências políticas até a sua projeção nacional em 2018, a qual se colocava como oposição a “velha política”. A Teoria do Discurso desenvolvida por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe se torna imprescindível para compreender como se deu os meandros discursivos, sob o aspecto do discurso amplo e específico, seja na conta oficial do *Twitter* ou nas propagandas eleitorais de televisão e rádio, que buscavam apresentar Bolsonaro como aquele que representaria a mudança e o resgate de uma sociedade em extrema desordem e caos social instaurado, sob o ponto de vista ético, moral, cristão e patriótico.

Palavras-chave: sexualidade; teoria do discurso; eleições; política; conflito.

Abstract

MAGALHÃES, Simone Beatriz Lopes da Silva. **“Não se sabe se é opção, se nasceu assim”: A influência discursiva de Jair Bolsonaro sobre a Sexualidade no debate político de 2018.** 2021. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

This dissertation aims to analyze the discursive construction on the theme of sexuality carried out by Jair Messias Bolsonaro in the 2018 elections and its relevance concerning other themes constructed during the period. For this purpose, it is assumed that to build his speech, in the electoral period analyzed, Bolsonaro used an articulatory practice that sought to establish heteronormativity in the social, as a hegemonic order. This discursive logic made use of elements that commonly linked different meanings to the theme, which corroborated for social markers and negative stereotypes related to Lesbians, Gays, Bisexuals, Transgenders, Queer, Intersex, Asexuals and others (LGBTQIA+). It is important to mention that these were recognized as enemies of a moral and Christian culture and, with that, as those who would interfere in the social and ethical development of the country. Impregnated with a misogynist, sexist and homophobic discourse, this discursive strategy sought to mobilize more conservative and fundamentalist wings of society through a fundamentally conflicting discourse. To this end, the analysis of the candidate's political trajectory demonstrated his political influences until his national projection in 2018, which placed itself in opposition to the “old politics”. The Discourse Theory developed by Ernesto Laclau and Chantal Mouffe becomes essential to understanding how the discursive intricacies took place, under the aspect of broad and specific discourse, whether in the official *Twitter* account or electoral advertisements on television and radio. These sought to present Bolsonaro as the one who would represent change and the rescue of a society in extreme disorder and social chaos, from an ethical, moral, Christian and patriotic point of view.

Keywords: sexuality; discourse theory; elections; politics, conflict.

Lista de Figuras

Figura 1	A trajetória eleitoral de Jair Bolsonaro no sistema partidário brasileiro.....	28
Figura 2	O discurso sobre a sexualidade de Jair Bolsonaro.....	36
Figura 3	O corte antagônico das eleições brasileiras de 2018.....	40
Figura 4	Análise dos Temas Gerais do Discurso no <i>Twitter</i> (%).....	49
Figura 5	Análise dos Temas Gerais do Discurso no HGPE (%).....	61
Figura 6	Análise dos Temas Gerais do Discurso Amplo no <i>Twitter</i> e no HGPE (%).....	65
Figura 7	Análise do Tema da Sexualidade no Discurso do <i>Twitter</i> (%).....	72
Figura 8	Análise do Tema da Sexualidade no Discurso do HGPE (%).....	107
Figura 9	Análise do Tema da Sexualidade no Discurso do <i>Twitter</i> e do HGPE (%).....	111
Figura 10	Prática Articulatória do Discurso Sobre a Sexualidade.....	112

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
AMIU	Aspiração Manual Intrauterina
BSH	Brasil Sem Homofobia
DC	Democracia Cristã
HGPE	Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero/Travestis, <i>Queer</i> , Intersexuais, Assexuais e outros
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MG	Minas Gerais
ONGs	Organizações Não Governamentais
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PDC	Partido Democrata Cristão
PFL	Partido da Frente Liberal
PL	Projeto de Lei
PNDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PP	Partido Progressista / Progressistas
PPR	Partido Progressista Reformador
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PDS	Partido Democrático Social
PT	Partido dos Trabalhadores

PSC	Partido Social Cristão
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

Sumário

1	Introdução.....	16
2	Sobre Jair Messias Bolsonaro e a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe.....	22
	2.1 Introdução.....	22
	2.2 A trajetória política de Jair Bolsonaro.....	24
	2.2.1 A trajetória no Partido Democrata Cristão (PDC).....	24
	2.2.2 A trajetória meteórica de Jair M. Bolsonaro no Partido Social Liberal (PSL).....	29
	2.3 A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe.....	30
	2.3.1 Pontos Nodais.....	35
	2.3.2 Antagonismo.....	38
	2.3.3 Hegemonia.....	42
	2.4 Considerações.....	43
3	Encontrando o lugar do discurso de Jair Bolsonaro: categorização de temas e análise do discurso amplo.....	46
	3.1 Introdução.....	46
	3.2 Encontrando o Discurso de Jair Messias Bolsonaro no <i>Twitter</i> : A análise das categorias no discurso amplo.....	47
	3.3 Encontrando o Discurso de Jair Messias Bolsonaro no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE): Análise das categorias no discurso amplo.....	58
	3.4 Encontrando o discurso de Jair Messias Bolsonaro: Análise das Categorias no discurso amplo (<i>Twitter</i> e HGPE).....	64
	3.5 Considerações.....	66
4	Encontrando o lugar da sexualidade no discurso: categorização de temas e análise do discurso amplo.....	68
	4.1 Introdução.....	68
	4.2 Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso de Jair Messias Bolsonaro no <i>Twitter</i> : análise das categorias no discurso amplo	70

4.3	Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso de Jair Messias Bolsonaro no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE): Análise das categorias no discurso amplo.....	106
4.4	Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso de Jair Messias Bolsonaro: Análise das categorias no discurso amplo (<i>Twitter</i> e HGPE)..	110
4.5	Considerações.....	113
5	Considerações Finais.....	115
6	Referências.....	120

1 Introdução

Na contemporaneidade, os temas sobre gênero e sexualidade vêm ganhando força não só no cenário acadêmico, através dos estudos identitários, como também no cenário político. No Brasil, isso se deve, especialmente, tendo em vista algumas ações desenvolvidas em prol da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero/Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros (LGBTQIA+) nos anos dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT).

Na eleição presidencial brasileira de 2018, tornaram-se comuns rivalidades discursivas com temas que versam sobre a sexualidade nos principais debates políticos. Tais debates dividiram cidadãos entre os que eram considerados “o bem” versus “o mal”, simbolizando uma conflituosa relação binária entre homossexuais e uma parcela heterossexual conservadora da sociedade. Pode-se dizer que houve um antagonismo discursivamente construído entre parte da sociedade que se viu, e ainda se vê, coagida, ameaçada e violada existencialmente por suas crenças religiosas e ideológicas. Parte desse descontentamento se deu devido a alguns debates de reconhecimento de homossexuais nos espaços político, social e educacional.

Dentre esses debates, os motivos que fortaleceram o discurso da extrema direita – e, particularmente seu sexismo, machismo e misoginia –, foram os avanços sociais ocorridos a partir da agenda¹ petista, quando as identidades sexuais ganharam certo espaço. Medidas implementadas pelos governos Lula (PT), como a elevação do status de Secretaria para Ministério dos Direitos Humanos, em que as pautas LGBTQIA+ ganharam destaque nas ações de governo, simbolizaram maior

¹ Pode-se dizer que de 2002 a 2016, houveram muitos pronunciamentos, requerimentos e projetos de lei feitos também por parlamentares do governo do PT, demonstrando uma agenda hegemônica do partido em relação ao reconhecimento da comunidade LGBTQIA+. Sobre essa agenda ressalta-se o Caderno SECAD que inseria temas de gênero e sexualidade no currículo escolar e o polêmico projeto de lei nº 122, de 2006, de autoria da deputada Iara Bernardi do PT, que propunha a criminalização da homofobia no país (o mesmo foi arquivado após oito anos de tramitação no Congresso).

visibilidade a esta comunidade, o que culminou para outras demandas que seguiram até o governo de Dilma Rousseff (PT).

Pode-se dizer que houve um importante avanço na emancipação destas pautas, que começaram a surgir, por exemplo, em debates sobre o programa “Brasil sem Homofobia” (2004), através da criação de secretarias ligadas à questão da diversidade e com seminários e palestras do governo para abordar as sexualidades. Ou seja, houve debates identitários nos espaços formais de poder, impulsionados pela agenda petista, que de fato intensificaram um modelo de governo que rompe com ideias conservadoras na política.

Todas essas ações fortaleceram o que viria a desembocar em uma acirrada disputa eleitoral em 2018, quando Bolsonaro protagonizou um discurso polêmico e antagônico, no campo da sexualidade, contra inimigos que “desviavam” do que seria considerado o “comportamento sexual normal”. Tais inimigos representariam a agenda LGBTQIA+, a qual feriria a moralidade, os bons costumes, a família e a fé cristã.

É nesse contexto que, sob a lente teórica da Teoria do Discurso, esta dissertação versa sobre o tema da análise da construção discursiva sobre a sexualidade levado a efeito por Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Para tanto, o problema desta pesquisa visa responder a seguinte questão: como ocorreu a construção do discurso sobre a sexualidade no contexto da candidatura de Jair Bolsonaro durante o processo eleitoral de 2018 e qual foi a sua proeminência na campanha desse candidato?

Como hipótese, esta análise afirma que para construir seu discurso nas eleições de 2018, Bolsonaro fez uso de uma prática articulatória que buscava instaurar a heteronormatividade no social, enquanto uma ordem hegemônica. Com essa estratégia, a sexualidade, de forma direta e indireta, foi atravessada na grande maioria dos debates que o candidato protagonizou.

Metodologicamente, o período analisado compreendeu o dia 16/08/2018, data que marca a permissão de propagandas eleitorais veiculadas na internet até o acontecimento do segundo turno das eleições presidenciais, em 28/10/2018. Deste modo, o *corpus* da pesquisa foi composto por 648 tweets coletados da conta oficial de

Jair Messias Bolsonaro e por programas de sua candidatura veiculados no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE)².

Os mesmos foram baixados através do *Web Data Research Assistant* e exportados para uma planilha do Excel, compondo, assim, parte do *corpus* da pesquisa. Em um segundo momento, foram baixados do canal *Youtube*, os 22 programas referentes ao HGPE do candidato Bolsonaro (o candidato dispunha de 8 segundos por bloco).

Esses, compondo a última parte do *corpus* discursivo, foram veiculados a partir de 31/08/2018, data que marca a abertura das propagandas eleitorais no rádio e na televisão. É importante explicar que, nestas mídias, 17 propagandas eram inéditas, ou seja, cinco foram descartadas, uma vez que haviam sido já utilizadas no primeiro turno.

É importante explicar que, com o material já coletado, foi realizada uma leitura exploratória, a fim de fazer o levantamento dos temas centrais abordados pela candidatura de Jair Bolsonaro, quantificando, desse modo, a ocorrência de cada um. Deste levantamento, foi realizada uma tabulação indicando percentuais, a fim de verificar a incidência dos principais temas.

Foi a partir dessa análise exploratória que, dentre as temáticas, foi possível analisar de forma mais aprofundada o tema da sexualidade. E assim, tornou-se possível, fazendo uso da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, apresentar os pontos nodais discursivos, cujos conteúdos versaram sobre o tema da sexualidade.

Assim, os pontos nodais, analisados nos capítulos dessa dissertação, são categorias/elementos discursivos amplos sobre a sexualidade que o candidato fez uso tanto em sua rede social quanto nas suas propagandas eleitorais. Para sistematizá-los, utilizou-se o *software Nvivo*, o que permitiu quantificar dados, sem com isso deixar de lado seu carácter qualitativo.

Foi deste modo, tendo alinhado uma série de pontos nodais, através do *Nvivo*, que foi possível perceber os diferentes apelos e sentidos atribuídos a cada ponto nodal, de forma individual. Isso quer dizer que, nesta etapa, para cada ponto nodal foi

² Estudos no campo de mídias e política, tem demonstrado a importância do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na intenção de votos do eleitorado. Segundo Figueiredo (2007, p. 10), “a construção da intenção de voto é fortemente influenciada pelas estratégias de propaganda dos partidos e candidatos envolvidos no processo eleitoral, antes e durante o período eleitoral formal”.

estabelecido uma variedade de elementos de sentidos mobilizados pela candidatura do PSL. Em outras palavras, isso possibilitou significar como o discurso da sexualidade foi construído.

Significar o discurso foi crucial para perceber os antagonismos que foram construídos na trajetória da candidatura nas eleições de 2018. Isso quer dizer que foi possível perceber, nesta dissertação, contra quais elementos, sujeitos, ideias e práticas o bolsonarismo se opôs no momento da campanha eleitoral. É possível dizer que, ao nomear os antagonismos que o fenômeno Bolsonaro fez uso, foi possível significar não só o mundo a que o candidato se coloca em sociedade (o eu), como também de que forma ele significa este mundo e a que mundo ele se opôs.

Tendo esclarecido a parte metodológica da dissertação, justifica-se primeiramente o recorte de pesquisa – o período eleitoral de 2018 – tendo em vista o entendimento de que este foi crucial, na democracia brasileira, para militantes das pautas LGBTQIA+, pesquisadores de gênero e sexualidade.

Pode-se dizer que cientistas e militantes hoje preocupam-se com o reflexo dos significados provocados pelos antagonismos construídos acerca e contra as identidades sexuais representadas pela diversidade. Discursos estes que se propagaram em larga escala a partir das redes sociais e da mídia como um todo.

Optou-se pela análise dos tweets e das propagandas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), tendo em vista que esta escolha metodologicamente consegue dar conta de um discurso amplo que se dirigiu não só para eleitores, como também para a grande maioria de brasileiros.

Assim, o *Twitter* é utilizado, em vez do Facebook, por proporcionar uma análise mais objetiva (a rede permite menos caracteres nas postagens) e também tendo em vista sua aproximação de conteúdos com o que estava sendo postado nas demais redes. Do mesmo modo, as propagandas eleitorais são utilizadas por compreender que significam uma importante via de informação política, permitindo o amplo acesso da sociedade nas diversas regiões do país, reconhecendo seu protagonismo no campo de análise da mídia e da política.

Ainda assim, cabe aqui lembrar que o Partido Social Liberal (PSL), de Jair Bolsonaro, na época da campanha de 2018, tinha pouco espaço televisivo. Isso fez com que as redes sociais se tornassem a ferramenta principal da estratégia de campanha.

Pode-se dizer que, com essa amplitude e disseminação da agenda eleitoral Bolsonaroista, através do *Twitter* e do HGPE, a estratégia discursiva adotada sobre temas ligados a sexualidade atingiram um número significativo de indivíduos. Com essa dimensão de propagação, os elementos antagônicos construídos fortaleceram um discurso amplo, estabelecendo-se a partir de diferentes pontos nodais da discursividade. Isso quer dizer que os pontos nodais, ou seja, os apelos extraídos da campanha eleitoral de Bolsonaro ressoaram em diferentes grupos de interesse. Foi possível, assim, que vários grupos heterossexuais e conservadores se sentissem identificados e representados pelas pautas levantadas pelo então presidencialável.

Deste modo, justifica-se outra relevância da pesquisa que se dá tendo em vista que com o resultado eleitoral, a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, percebeu-se uma maior e mais acentuada divisão social dos sujeitos no campo político e social sob um viés moral e religioso.

Sobre isso, esta dissertação parte da ideia de que tais divisões não são naturais e sim fazem parte de um processo de divisões sociais que ocorre cotidianamente através de disputas de poder. Sobre essas disputas de poder, pode-se dizer que a manutenção de verdades sobre temas da sexualidade, revelam o papel do discurso da linguagem e dos significados a ela atribuídos. Isso quer dizer que as estratégias discursivas exercem influência sobre as pessoas e os entes do mundo.

Em síntese, essa influência exercida pelo discurso nas eleições presidenciais remete a uma preocupação recorrente nesta pesquisa: a de investigar a construção discursiva que Bolsonaro sustentou sua campanha tanto no *Twitter* quanto nos canais de televisão, através de seus programas eleitorais. A partir destes materiais, buscou-se evidenciar um possível esvaziamento teórico e a manutenção de verdades que, para muitos pesquisadores, fere as conquistas de gênero e sexualidade no campo identitário.

É nesse contexto, que esta dissertação, tem como objetivo conhecer a construção discursiva sobre a sexualidade na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro de 2018 e a proeminência dada a utilização deste tema em relação aos demais que foram abordados por sua candidatura.

Deste modo, buscou-se: identificar, percentualmente, os principais temas constituídos ao longo da campanha eleitoral; analisar os pontos nodais que versavam sobre o tema da sexualidade construídos pela candidatura de Jair Bolsonaro; identificar e analisar os elementos do discurso antagonizado pelo discurso

bolsonarista da sexualidade; conhecer, com isso, a significação de mundo a que a candidatura de Jair Messias Bolsonaro se coloca em relação à sexualidade.

Como consequência da pesquisa realizada, esta dissertação organiza-se em três capítulos. No primeiro, “Sobre Jair Messias Bolsonaro e a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe”, busca-se apresentar o candidato, percorrendo sobre sua trajetória política e, também, a teoria desenvolvida por Ernesto Laclau e Mouffe, a qual fundamenta essa pesquisa. No segundo capítulo “Encontrando o lugar do discurso de Jair Bolsonaro: categorização de temas e análise do discurso amplo”, faz-se uma análise, sob o aspecto amplo, dos temas que apareceram no discurso de Jair Bolsonaro. No terceiro capítulo “Encontrando o lugar da sexualidade no discurso: categorização de temas e análise do discurso amplo”, apresenta-se a análise da construção discursiva que versou sobre o tema da sexualidade, de forma mais minuciosa.

Por fim, dedica-se atenção, nas Considerações Finais, em uma revisão das principais discussões levantadas no decorrer dos capítulos, bem como apresenta-se as respostas ao que foi problematizado nesta dissertação, ou seja, a construção discursiva sobre a sexualidade e sua proeminência no contexto da candidatura de Jair Bolsonaro durante o processo eleitoral de 2018.

2 Sobre Jair Messias Bolsonaro e a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe

2.1 Introdução

Estudos na área da Ciência Política e da Educação vêm levantando uma série de debates acerca do pós-estruturalismo³. A fim de explicar o tecido do social, as diferentes áreas detectaram a centralidade da categoria discurso em um debate teórico-filosófico-psicológico de suas pesquisas.

Sob diferentes lentes teóricas, pode-se dizer que há uma emergência dessa discussão que surge com a ideia do rompimento com o Estruturalismo, e sua precariedade explicativa sobre as identidades e desse modo, sobre o tecido do social.

Rompendo com isso, nesta dissertação, autores como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe são utilizados com o objetivo de mobilizar a compreensão sobre o sistema linguístico, a essência, o fundamento, a estrutura, a verdade, o universalismo e uma série de conceitos que alicerçavam a corrente de autores estruturalistas até a primeira metade do século XX.

³ Segundo Mendonça (2020, p. 151), o pós-estruturalismo pode ser compreendido a partir da ideia de que não é possível reduzi-lo a um movimento intelectual, mas sim, a partir da negação do fundamento, da essência, do fechamento de sentidos e que é compartilhado por diversos filósofos franceses a partir do final da década de 1960. A compreensão dessa corrente de pensamento filosófico, passa por uma série de discussões, as quais incluem as análises estruturais de Ferdinand de Saussure e Claude Lévi-Strauss, passando pela discussão ontológica de Martin Heidegger, sendo essa compreensão fundamental para movimentar a trajetória por onde foi construído o pensamento pós-estruturalista. A influência desses autores foi fundamental para chegar em Jacques Derrida, autor que aprofunda a desconstrução fundamentalista, contrapondo sobremaneira as ideias inicialmente levantadas sobre a estrutura e o fundamento.

Para tanto, o capítulo que se apresenta traz alguns pressupostos teóricos sobre a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, os quais embasam o desenvolvimento da presente pesquisa e que serão úteis para compreender a construção discursiva que se busca analisar.

No entanto, antes de propriamente apresentar as categorias analíticas da teoria do discurso, este capítulo busca, em um primeiro momento, apresentar o político Jair Bolsonaro para aí, em um segundo momento, discorrer sobre a teoria que fundamenta a análise de seu discurso no período analisado.

Assim, na primeira seção, há dois momentos, um em que é apresentado a trajetória de Bolsonaro a partir do Partido Democrata Cristão (PDC) e nos partidos derivados de fusões do PDC e, após, com o objetivo de contribuir com as significações construídas no contexto eleitoral analisado nos próximos capítulos, será apresentada a sua inserção no Partido Social Liberal (PSL).

Ainda nessa primeira seção, se faz uma revisão sobre a trajetória política de Jair Bolsonaro, a qual servirá para contextualizar o universo político em que o mesmo se inseriu ao longo dos períodos em que esteve à frente de cargos eletivos. Isso tornará possível, compreender a construção discursiva de uma candidatura que, ganha projeção nacional, chegando à disputa presidencial de 2018.

Na sequência, como antecipado, será analisada a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Nesta seção, serão analisadas as categorias e os principais conceitos dos autores que serviram de base para a análise do discurso sobre a sexualidade no contexto da candidatura de Jair Bolsonaro, durante o processo eleitoral de 2018.

Por fim, faz-se as considerações sobre o decorrido no capítulo, em que pese a trajetória política de Jair Bolsonaro e a teoria que fundamenta a análise realizada nos capítulos seguintes.

2.2 A trajetória política de Jair Bolsonaro

Os sujeitos políticos tendem, ao longo do tempo, a modificar suas estratégias e a forma como se colocam nos espaços de disputa. As mídias assumem um papel fundamental nessa nova onda em que as personalidades públicas se colocam no jogo discursivo, em um projeto cada vez mais amplo de espetacularização midiática.

Jair Messias Bolsonaro, apesar de se colocar como um *outsider* da política na construção imagética, é um exemplo disso. Ele construiu uma imagem a partir de diversas polêmicas ao longo dos seus mandatos, enquanto deputado federal, tendo assumido, através de votações expressivas, sete mandatos consecutivos na Câmara, desde 1991.

Ao longo de sua trajetória política, Bolsonaro passou por diferentes siglas partidárias, tendo sido o Partido Democrata Cristão (PDC), uma agremiação de extrema relevância para compreender sua trajetória política. Como membro deste partido, Bolsonaro assumiu seu primeiro mandato político como vereador na cidade do Rio Janeiro, no período de 1989 a 1991, território onde possui grande força política.

2.2.1 A trajetória no Partido Democrata Cristão

Nascido em Campinas, no estado de São Paulo, em 21 de março de 1955, Bolsonaro ingressa na política, em 1988, assumindo seu primeiro mandato, aos 32 anos, como vereador (1989-1991) do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrata Cristão. Anteriormente a isso, serviu no Exército de 1979 a 1981, tendo sido formado pela Academia Militar das Agulhas Negras em 1977.

Em 1990, após dois anos como vereador, elege-se à Câmara Federal, onde viria a ocupar, por 7 mandatos consecutivos, uma cadeira no legislativo, através de diferentes siglas partidárias que foram se dissolvendo no decorrer de sua atuação política (1991-1995 – PDC; 1995-1999 – PPR; 1999-2003 – PPB; 2003-2007 – PPB; 2007-2011 – PP; 2011-2015 – PP; 2015-2019 – PP).

Seu primeiro partido, o Partido Democrata Cristão (PDC), existiu de 1985 a 1993, e sua proposta era dar continuidade ao PDC de 1945, o qual havia sido criado na cidade de São Paulo, pelo jurista brasileiro e professor da Universidade de São Paulo (USP), Antônio Cesarino Júnior, e extinto pela Ditadura Militar instaurada em 1964.

Na época, em oposição ao Getulismo⁴, a primeira versão do PDC era de um partido moderadamente conservador, que não tinha muita expressão regional, até ter eleito para prefeito, Jânio Quadros⁵, em 1953, na capital paulista, o qual teria sido eleito posteriormente para Presidência em 1961.

Considera-se importante retomar as influências político-partidárias do PDC de 1945, sob o partido com nova roupagem, com que Bolsonaro escolhera ingressar na política. Isso porque, a sua primeira versão, o PDC de 1945, surge com uma característica de se apresentar como uma alternativa política internacional de terceira via, prática comum nas diferentes variações da democracia cristã (DC)⁶.

⁴ Getulismo refere-se a uma fase da história política brasileira, onde o governo presidencialista era dirigido por Getúlio Vargas. A chamada era Vargas, iniciou em 1930 (governo provisório), dando fim ao período da República Velha, e se estendeu até 1945, um período em que foi modificado consideravelmente o panorama político brasileiro. Isso porque seu governo modificou a organização política que até então era dominado pela oligarquia cafeeira, articulando diversas forças sociais (classe média, setores da burguesia urbana e oligarquias dissidentes) e o exército. De 1934 a 1937 (governo constitucional), a segunda etapa do governo varguista, a qual fora eleito indiretamente pelo Congresso, Vargas enfrentou uma crise de comando no país. Em meio a disputas internas, entre integralistas e aliancistas, ganhava poder as forças policiais e fortalecia seu comando no país, que depois de um golpe em 1937, fechou o Congresso e instaurou a ditadura do Estado Novo. Esse período ganha fim, com outro golpe, que impunha dessa vez eleições diretas sem a participação de Vargas (VICENTINO, DORIGO, 2002, p. 539)

⁵ Jânio Quadros foi um político considerado meteórico, que não se comprometia com partido político nenhum e que poucas vezes cumpria um mandato até o final. Chamado de Jango, ele investiu em uma imagem de “um homem simples, de classe média disposto a enfrentar os poderosos na luta pela moralização governamental” (VICENTINO; DORIGO, 2002, p. 556). Seus discursos eram caracterizados pela defesa de um governo nacionalista, tendo como símbolo, uma vassoura, que metaforicamente expressava a ideia de “varrer a corrupção” dos territórios onde concorria. Seu estilo de governo era autoritário, desconsiderando quase sempre possíveis negociações com o Congresso. Com o fracasso de sua política externa, conversações para restabelecer relações diplomáticas com a União Soviética, ele supostamente renunciou, em 1961, a despeito de algumas especulações de uma possível tentativa de golpe. Assumira depois, seu vice, João Goulart (1961-1964) em meio a uma grave crise política.

⁶ A proposta da Democracia Cristã, surge no final da Segunda Guerra Mundial, enquanto “um movimento político autodenominado como distinto dos que até então se apresentaram no cenário político-partidário mundial” (COELHO, 2003, p. 202). Esta alternativa passou “a conquistar uma relativa força eleitoral em diversos lugares, em especial na Europa e na América Latina” (COELHO, 2003, p. 202). Pode-se citar os seguintes Partidos Democratas Cristãos: na Europa, tem-se na Alemanha (União

Sobre essa característica da DC de se apresentar, apesar das variações mundiais, como terceira via:

O ponto em comum entre estes diversos partidos esteve no fato de se apresentarem e se entenderem como diferentes das demais agremiações por formularem a ideia da chamada Terceira Via, a qual, resumidamente, se oferecia como alternativa entre o capitalismo liberal e a doutrina socialista revolucionária (COELHO, 2003, p. 45).

Segundo Coelho (2003, p. 203), os democratas cristãos se apresentam com insistência na defesa dos valores familiares, no respeito pela propriedade privada, firmando preceitos para uma evangelização, enquanto uma estrutura que sustentasse a sociedade, bem como uma moral enquanto o seu marco ordenador.

Segundo o acervo digital da Fundação Getúlio Vargas, o PDC de 1945, nasceu também defendendo uma “terceira via política”, ou seja, uma alternativa entre o liberalismo e o marxismo, com um projeto político que defendia “o respeito à dignidade da pessoa humana”, a “propriedade privada”, a “mensagem evangélica” e a “paz e amor entre os homens, independentemente de diferenças raciais”.

Todavia, o novo PDC também teve vida curta, e, em 1993, fundiu-se com o Partido Democrático Social (PDS), dando origem ao Partido Progressista Reformador (PPR), um partido considerado também conservador. Partido este com que Bolsonaro se elegeu deputado federal em 1995, depois de ter sido eleito duas vezes pelo PDC, sendo uma para vereador e outra para deputado federal.

Posteriormente, em 1995, o PPR funde-se com o Partido Progressista (PP), e a partir deste ano passou-se a chamar Partido Progressista Brasileiro (PPB). Segundo consulta realizada no *website* do Progressistas, o PPB era um partido “comprometido com o apoio ao Plano Real, ao governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) e à estabilização econômica do Brasil”.

Democrata Cristã), na Itália (DC Italiana), na Áustria (Partido Popular), na Bélgica (Partido Social Cristão) e na França (Movimento Republicano Popular) e na América Latina, no Brasil, no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Peru, na Guatemala e em El Salvador, (todos com a denominação de PDC), no Paraguai (Movimento Democrata Cristão), na Nicarágua e na Bolívia (Partido Social Cristão), no Equador (DC Equatoriana), na República Dominicana (Partido Revolucionário Social Cristão) e na Venezuela (Partido Social Cristão — Comitê de Organização Política Eleitoral Independente).

Através do PPB, Bolsonaro elege-se duas vezes para assumir mandatos na Câmara dos Deputados. Posteriormente, com o fim do governo FHC, em 2003, uma nova nomenclatura surgiu e seu partido acabou, retirando o B de sua sigla, e passa a chamar-se Partido Progressista (PP).

Pelo Partido Progressista (PP), Bolsonaro assumiu mais três mandatos como deputado federal. É importante destacar que no meio do percurso, ocorreu uma nova nomenclatura, e o partido passou-se a chamar apenas, Progressistas, ficando assim até o presente momento desta pesquisa.

A fim de elucidar a trajetória político-partidária com que Bolsonaro vinculou-se ao longo de sua vida pública, anteriormente a 2018, apresenta-se a figura 1, na página seguinte.

A trajetória eleitoral de Jair Bolsonaro no sistema partidário brasileiro

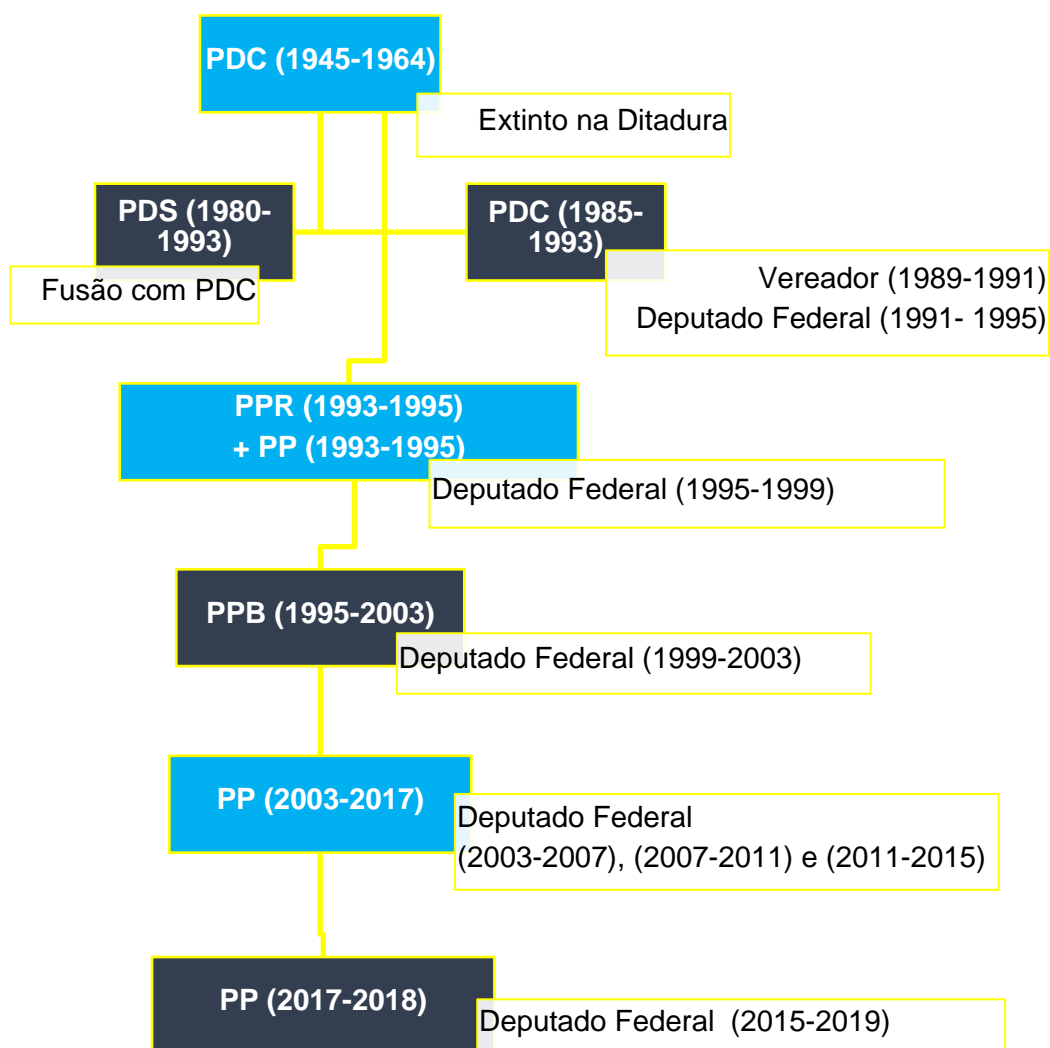


Figura 1. Fonte: Elaborado a partir dos dados no site no Planalto, <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente>.

Como se percebe na figura 1, a trajetória política eleitoral de Bolsonaro, era retilínea, ou seja, ele exerceu mandatos em uma mesma linha político-partidária, desde seu ingresso na política. No entanto, cabe ressaltar, que foi filiado em outros partidos no decorrer de sua vida, tais como Partido da Frente Liberal (PFL) e Partido Social Cristão (PSC), que também seguiam a mesma lógica de articulação partidária.

No entanto, a trajetória política de Bolsonaro, até então advinda de agremiações interligadas, rompeu-se com o seu ingresso no partido que viria a concorrer à presidência da república, o PSL.

2.2.2 A trajetória meteórica de Bolsonaro no Partido Social Liberal (PSL)

A lógica política dos partidos da Democracia Cristã é de se colocarem no jogo político como uma alternativa à “velha política”, a chamada terceira via, comprometida com os ideais de uma sociedade conservadora. Marcas estas, importantes, que acompanham os partidos que Jair Bolsonaro ingressou, até mesmo no PSL.

Fundado pelo empresário Luciano Caldas Bivar, em 1994, o PSL⁷ tratava-se de um partido até então com pouca expressividade na política nacional, até firmar compromisso, em janeiro de 2018, com a pré-candidatura de Jair Bolsonaro.

Importante salientar que, anteriormente a isso, o partido já passava por uma reestruturação interna, entre 2015 e 2018, momento em que ocorriam diversos protestos e manifestações de direita no Brasil, o que sinalizava uma preparação para o contexto das eleições que viria a se estruturar em 2018.

Nesse novo momento, o partido passou progressivamente a assumir uma postura conservadora nos costumes, rompendo em parte com sua ideologia original. Porém, é importante citar, que, em 2006, o partido já estreava na disputa presidencial.

A partir de uma decisão da convenção nacional do partido, Luciano Bivar estreou a primeira disputa presidencial do partido com uma campanha que apostava uma candidatura que simbolizaria uma alternativa entre o PSDB e o PT, partidos detentores do protagonismo das eleições brasileiras.

Todavia, com polêmicas propostas na área da segurança pública, tais como posicionamentos favoráveis à pena de morte, a candidatura de Bivar não assumiu protagonismo nas eleições, passando o mesmo a apoiar o candidato José Serra (PSDB) no segundo turno presidencial.

⁷ importante citar que o PSL se autodeclara no Estatuto (2011), como um partido social liberalista, defensor dos direitos humanos e das liberdades civis. Dentre seus fundamentos, afirma acreditar que o Estado deve exercer seu papel enquanto um órgão regulador da economia, garantindo assim o acesso aos serviços públicos fundamentais (saúde, educação, etc.).

Sem dúvidas, é significativo apresentar um pouco da história do PSL, paralelamente a trajetória política em que Bolsonaro se inseria até então. Isso porque seu ingresso no PSL não foi de imediato, já que antes de lançar-se pelo partido, ele já vinha de uma possível pré-candidatura à Presidência pelo PSC.

Contudo, a aproximação de Bolsonaro com o PSC não teve um bom desfecho e, em janeiro de 2018, sua pré-candidatura foi oficializada em um compromisso mútuo com o PSL. Uma filiação meteórica, que foi rompida no ainda decorrer do período da realização dessa pesquisa.

Apesar de meteórico, o seu ingresso no PSL demonstra uma ruptura na trajetória política de Jair Bolsonaro, haja visto não ter sido encontrado algum dado que sinalizasse sua ligação, seja através de fusões, extinções ou desmembramentos, com os demais partidos com que Bolsonaro elegera-se anteriormente.

Entretanto, essa ruptura, ainda assim, não se desconecta de uma trajetória política em partidos posicionalmente conservadores, que tem como marca construir campanhas com uma discursividade de se colocarem como terceiras vias às que já estão no jogo político e com discursos considerados polêmicos.

Para compreender as ferramentas utilizadas para a análise da discursividade de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, enquanto presidenciável do PSL em ascensão nacional, se faz necessário, um aprofundamento da lente teórica que dê conta desse trabalho, a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, sobre a qual passaremos a discorrer a partir da próxima seção.

2.3 A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe

Para analisar a ordem da discursividade em torno do tema da sexualidade, o ponto de partida é compreender o que é o discurso para Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e quais ferramentas da teoria do discurso servirão para essa análise.

O objetivo, então, desta seção é, a partir dos autores, apresentar uma nova forma de análise do social. E foi isso que fez com que Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, a partir de 1985, desenvolvessem uma teoria que pensasse poder e discurso enquanto centrais neste debate.

Na verdade, os autores buscaram dar uma resposta aos postulados do Marxismo e demonstrar a sua precariedade explicativa. Ou seja, para compreender a formação social, é necessário retirar a visão essencialista que, como será visto, impede a análise das relações na contemporaneidade.

Segundo Laclau, o marxismo advém de uma essencialidade que é calcada sobretudo pela lógica reducionista das relações sociais, as quais se limitam ao antagonismo do capital versus trabalho. Opondo-se a essa noção que coloca a ideia classista enquanto estruturante do social, Laclau demonstra, através de seus postulados, que existe uma complexidade no social e que a classe não é um elemento universal, dado *a priori*, mas isso sim, faz parte de uma cadeia múltipla de antagonismos sociais possíveis (MENDONÇA, 2009).

Um adendo que cabe salientar é que o ponto de partida da teoria aqui explorada se dá através da crítica ao marxismo, mas não se reduz a isso. Tendo o político como premissa de análise, os autores buscaram abordar temas que vão para além desse limitante teórico, para além da relação antagônica das identidades e diferenças, que como se verá, se constituem sempre de forma conflituosa.

Isso quer dizer que existem outros elementos centrais e contemporâneos para a teoria política desenvolvida pelos autores, tais como: a relação entre universalismo e particularismo, a noção de hegemonia e de significantes vazios e o populismo. Temas estes que giram em torno do político.

Dessa forma, o social passa a ser compreendido a partir da lógica do discurso e os sujeitos a partir de identidades sobredeterminadas, que não se limitam à questão econômica. Por não prever a existência de um “finalmente” como produto do social, tal qual previa o marxismo, as identidades se dão por relações que são precárias e contingentes.

Sobre isso, pode-se pensar, no contexto do trabalho, a variedade de identidades sexuais possíveis dentro do campo do social. Ou seja, existe um complexo espectro social formado por inúmeras identidades, constituídas a partir de relações discursivas antagônicas distintas do antagonismo de classe que, segundo a sua análise, têm *locus* particular e não um *a priori* universal neste intrincado jogo (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p. 48).

É possível, a partir de Ernesto Laclau, compreender a multiplicidade de identidades existentes no social, as quais não se reduzem a categoria “classe social”. E é com isso que esse trabalho problematiza alguns antagonismos, problematizando as relações antagônicas possíveis, a partir dos autores, de forma mais refinada e aprofundada.

A exemplo disso, pode-se pensar a dimensão de identidades sexuais que vem crescendo nas últimas décadas. A sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero/Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros) demonstra que não há esgotamento identitário e que se trata de um território sempre aberto.

O que se pretende dizer é que o social que foi abordado até aqui, será entendido a partir da lógica do discurso e que não há o fim da linha para definição de identidades, pois elas são mutáveis. É daí que surge a ideia da “impossibilidade da sociedade”, já que os sentidos sociais são sempre mal fechados e incompletos (MENDONÇA, 2009).

Pode-se dizer então que a importância aqui revelada versa sobre o papel do discurso. Como afirmam Mendonça e Rodrigues (2014), discurso não é um simples reflexo de conjuntos de textos, mas uma categoria que une palavras e ações, que tem natureza material e não mental e/ou ideal.

Discurso é prática – daí a noção de prática discursiva – uma vez que quaisquer ações empreendidas por sujeitos, identidades, grupos sociais são ações significativas. O social, portanto, é um social significativo, hermenêutico (MENDONÇA; RODRIGUES. 2014, p. 49).

Isso quer dizer que o discurso implica a vida prática do social e que, através dele, é possível compreender uma variedade de verdades, que são sempre precárias e contingentes. Contingente, porque não é possível pensar as relações sociais para além dos contextos em que estão inseridos, de forma universal e precária porque mesmo que um discurso se faça contingentemente hegemônico, isso pode ser modificado.

Como afirmou Mendonça (2009, p. 157), mesmo que se consiga constituir um discurso contingentemente hegemônico, ele não será assim para sempre. A inexistência do fim da história, que se contrapõe à ideia revolucionária do marxismo, coloca o sujeito, enquanto produto do discurso e do resultado de contingências históricas.

Curiosamente, a forma como a candidatura de Jair Bolsonaro compreende os sujeitos se dá pelas relações de conflito, que via de regra coloca a população LGBTQIA+ em um contexto específico de disputa, qual seja, onde a norma heterossexual é reconhecida como a única forma para se inserirem e se reconhecerem as relações sociais.

Logo, é importante observar que o discurso de Jair Bolsonaro se constrói sob diferentes relações de conflito, seja do ponto de vista amplo, o qual explora-se no segundo capítulo, ou de forma mais específica, no que diz respeito a sexualidade, como se verá no terceiro capítulo. Mas este conflito, aqui analisado, só é possível a partir do discurso e de suas práticas articulatórias.

Dessa maneira, para compreender como se dá o discurso, é preciso compreender a prática articulatória, que é o que o dá origem. É dado uma importância à articulação, entendida como:

[...] qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória. A totalidade estruturada resultante desta prática articulatória, chamaremos discurso (LACLAU; MOUFFE. 1987, p. 178).

Neste trabalho, se verá que existe uma determinada prática articulatória entre elementos, a qual Bolsonaro sustentou a ordem do discurso durante a campanha eleitoral. Essa estratégia utilizada fez com que ele se opusesse ao discurso antagônico ao qual disputava as eleições.

Para essa oposição ser possível, uma série de elementos, antes dispersos no social, foram articulados, a fim de construir o discurso de Bolsonaro. Diferentes identidades, como por exemplo, cristãos, heterossexuais e outros grupos com ideais conservadores, articularam suas demandas (seus elementos) e passaram a assumir uma equivalência de diferenças.

Todavia, é preciso ter claro que as diferenças entre as identidades não desaparecem com a lógica da equivalência. Aliás, para haver discurso, é necessária a existência das diferenças e, então, a sua equivalência.

Assim, é preciso ter claro que nessa totalidade discursiva, os elementos, ou seja, as demandas, são reduzidas a momentos do discurso. Para que exista discurso, é necessária a relação entre as demandas dessas diferenças.

Sob o ponto de vista da análise ampla do discurso da candidatura realizada neste trabalho, demandas antes dispersas no social, que versavam sob os temas da segurança pública, da corrupção, da educação, da sexualidade e outros dez temas, que serão explorados no próximo capítulo, constituíram elementos-momentos do discurso mais abrangente, os quais Bolsonaro, tensionou na ocasião das eleições.

Essa é a regularidade na dispersão da qual se faz necessária para obter a prática articulatória. Assim, se perceberá que “no limite, esses elementos não deixam de continuar sendo elementos e que, contingencialmente tornam-se elementos-momentos em uma determinada prática articulatória” (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p. 50).

Pode-se dizer que a prática articulatória se deu a partir de uma quantidade de equivalências na relação desses elementos-momentos, que assumem temporariamente uma lógica de equivalências. É importante ter claro que essa relação entre diferenças, em que elementos viram momentos, nunca é completa. Trata-se de um caráter flutuante que penetra o social e que é necessário ao discurso.

Pode-se perceber isso ao analisar os elementos da lógica articulatória de Bolsonaro e que são objeto de pesquisa desse trabalho. As identidades e o social são parciais e a articulação se dá a partir de pontos nodais, que fixam sentido, ainda que parcialmente (LACLAU; MOUFFE, 1985).

Na análise realizada sobre a construção discursiva do tema da sexualidade, por exemplo, se verá que se articulou, a prática homofóbica da candidatura, elementos de uma visão de mundo religiosa, uma compreensão heteronormativa na constituição da família e um projeto de educação que condena temas que versam sobre a pluralidade sexual.

Portanto, elementos-momentos articulam-se em torno de pontos nodais, a fim de gerar um discurso e dar sentido a essa construção. Os elementos nesse momento, assumiram uma ligação equivalencial, qual seja, colocar LGBTQIA+ como uma ameaça.

2.3.1 Pontos Nodais

Como se viu anteriormente, o discurso resulta da prática articulatória de elementos-momentos. Mas como se dá a articulação a partir da variedade de demandas? Como diferentes elementos podem ser representados através de uma demanda equivalente a todos?

Segundo Mendonça e Rodrigues (2014, p. 50), discurso não é uma simples soma de palavras, mas uma consequência de articulações concretas que unem palavras e ações, no sentido de produzir sentidos que vão disputar espaço no social. Logo, é importante dizer que dentro do campo discursivo, há um excesso de sentidos em constante disputa. A despeito do objetivo dessa análise, que não é analisar o discurso construído pelos adversários políticos de Bolsonaro, pode-se afirmar que no jogo eleitoral dado em 2018, houve uma variedade de elementos-momentos articulados (diferenças não articuladas) que disputavam sentido.

A prática articulatória, a qual originou o discurso de Bolsonaro, aconteceu a partir disso, de elementos (diferenças não articuladas) que de maneira incompleta, passaram a assumir a qualidade de momento do discurso, ou seja, deixaram de ser elementos, e suas diferenças assumiram uma equivalência de demandas provisoriamente. Diz-se provisoriamente, porque o momento das identidades se dá de forma precária e contingente.

Porém, é importante dizer que, quando não há relação de equivalências, ou seja, quando a qualidade de diferenças prevalece, não ocorre prática articulatória e as demandas seguem dispersas no social. É comum que elementos não possuam força articulatória para construção discursiva.

No discurso sobre a sexualidade, construído por Bolsonaro, o que antes estava disperso no social, ganhou força, articulando diferentes elementos-momentos em um mesmo ponto nodal.

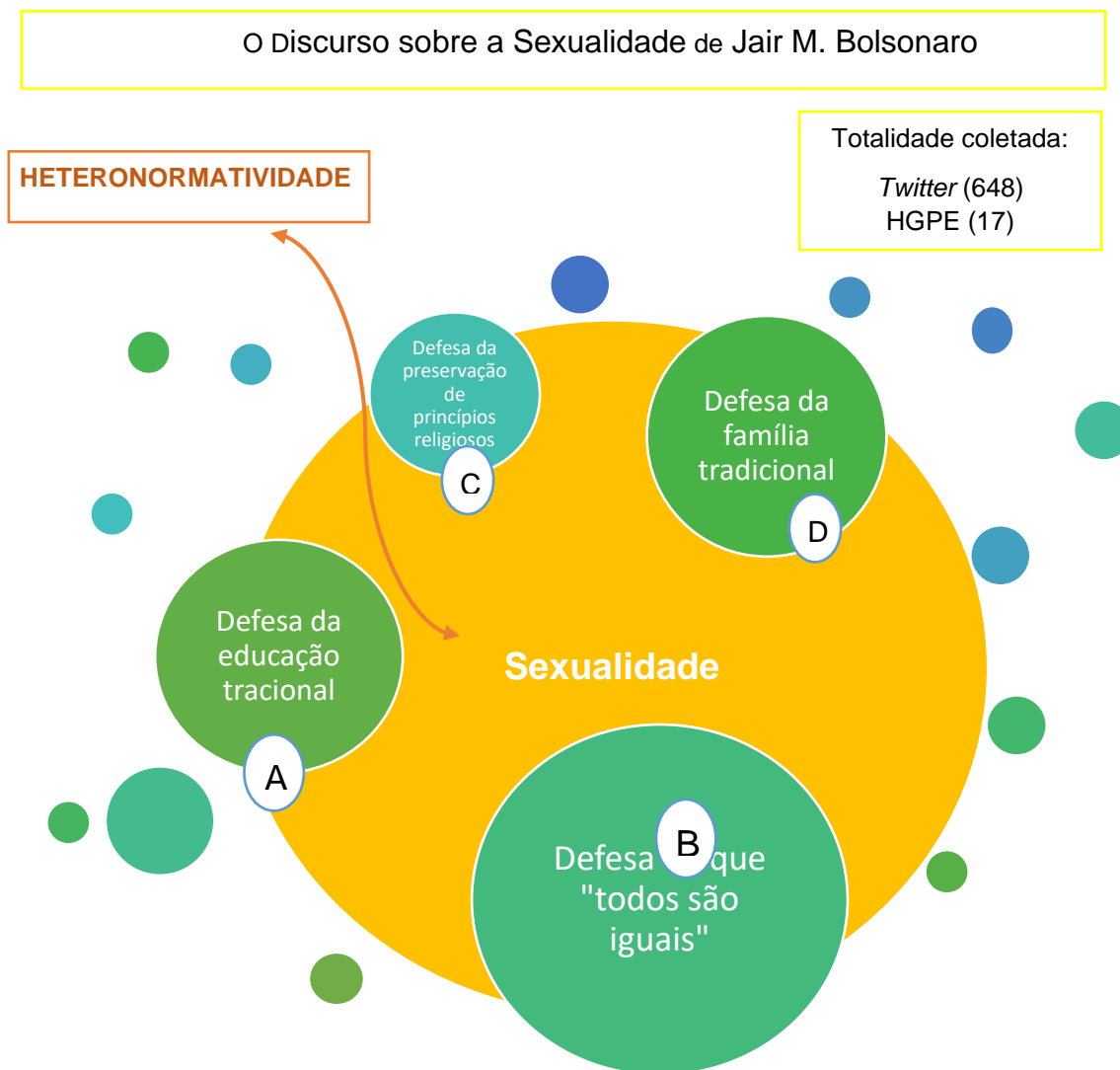


Figura 2. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter*.

Analizando o discurso sobre a sexualidade construído por Bolsonaro, nas eleições de 2018, algumas coisas são possíveis perceber. Por exemplo, elementos de heterossexuais, cristãos e outros grupos conservadores (na figura 2, representados pelas letras A, B, C e D), em um determinado instante (momento do discurso), da campanha eleitoral, assumiram um discurso comum que os possibilitou uma identificação única.

Esse discurso comum, denomina-se ponto nodal. Isto quer dizer que, a partir de um discurso comum articulador de todas essas diferenças (o ponto nodal), pode-se afirmar que grupos de cristãos, heterossexuais e conservadores identificaram-se através de um ponto que versava sobre a defesa da preservação de princípios

religiosos, defesa da família tradicional, defesa de que “todos são iguais” e defesa da educação tradicional.

Um exemplo de elementos que estiveram presentes na defesa da educação tradicional, e que se verá no capítulo de análise, diz respeito à preocupação de Bolsonaro com a preservação da infância e que, segundo ele, estaria sendo ameaçada em virtude de um currículo com uma política afirmativa inclusiva, na perspectiva das diversidades sexuais.

Pode-se citar outros elementos que estiveram presentes nesse nó, como uma preocupação com a “ideologia de gênero”, algo que já vinha sendo discutido em uma esfera legislativa e que assumiu na pesquisa, um nó que via de regra atendia uma reivindicação que buscava expurgar a população LGBTQIA+ para fora do currículo escolar.

O que se quer dizer é que a partir de um mesmo ponto nodal, esses e outros elementos articularam-se, ganhando força no espaço discursivo. É importante dizer que outros elementos que versariam também sobre uma compreensão de uma educação tradicional, mais conservadora e excludente, foram sendo contemplados e representados enquanto demandas comuns.

Assim, no caso explicitado, os pontos nodais articularam elementos que versavam sobre o entendimento de que as diversidades sexuais e suas práticas eram consideradas uma ameaça ao conjunto da sociedade. Articulou-se a partir daí algo que, em suas visões, visava defender todas suas demandas particulares, qual seja, a família, os bons costumes, a infância, a religião, a tradição, etc.

No conjunto, os pontos nodais articulados demonstram uma formação discursiva que demonstrarão nas análises dos próximos capítulos, práticas discriminatórias, preconceituosas e que traduzem sentimentos puramente negativos em relação à população LGBTQIA+.

O desprezo, a patologização e a antipatia em relação à população LGBTQIA+ foram articulados em diversos pontos nodais. Assim como todas as demandas que tinham como característica, a aversão, a repressão e o ódio, a esse grupo de pessoas.

Mas essas articulações, como já se anunciou, nunca será completa/total, visto que os sentidos das identidades não são fechados. Vez ou outra, essas modificações de sentido são passíveis de acontecer, inclusive se por ventura fossem analisados os sentidos atribuídos pelo principal adversário político de Bolsonaro.

Isso porque, o social é repleto de discursos, que assumem diferentes sentidos e que, em constantes disputas, podem ser modificados, inclusive fazendo com que determinada relação de equivalências se reconfigure, fazendo com que um mesmo discurso passe a se articular a outros elementos e, assim, passe a assumir novos momentos do discurso.

No entanto, é nesse processo das diferenças assumirem uma relação de equivalências que se estabelece, a partir do ponto nodal, da prática articulatória, o corte antagônico. Ou seja, um inimigo comum.

Então, na prática articulatória apresentada, quem é a ameaça ao discurso de sexualidade do então candidato presidencial do PSL? Para responder esse questionamento, é fundamental compreender o conflito político, teoricamente elaborado por Laclau e Mouffe a partir da noção de antagonismo.

2.3.2 Antagonismo

Como já se viu, os elementos-momentos são diferenças articuladas que não perdem suas demandas particulares em relação à articulação que as envolve. Pelo contrário, há uma suspensão de suas demandas na prática articulatória e é por essa razão, a qual se afirmou anteriormente, que as diferenças das identidades não desaparecem com a lógica de equivalências.

Isso é decisivo para a prática articulatória. O que une as identidades diferenciais, para além de suas demandas, é um inimigo comum. Ou seja, é o fato contingente de se ter um inimigo comum entre os próprios inimigos (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014).

A identificação de um inimigo é fundamental para a articulação de demandas. Trata-se de um discurso externo ao que é construído pela prática articulatória e que se quer combater, exterminar. Como afirmam Mendonça e Rodrigues (2014), o antagonismo resulta da própria impossibilidade da constituição objetiva e necessária de uma totalidade discursiva, em razão da presença de um discurso antagônico que impede essa constituição plena.

Na verdade, na compreensão desse trabalho, percebem-se os antagonismos⁸ para além de dois discursos antagônicos que estão em conflito, mas isso sim, enquanto identidades que reivindicam direitos específicos e que no caso analisado, disputam um cunho conservador e moralista, no que diz respeito ao tema da sexualidade.

Não é difícil perceber que o grupo de heterossexuais, cristãos e conservadores foram articulados por uma ameaça existencial comum de identidades sexuais que, de certo modo, impediam suas demandas. Ou seja, a demanda da família tradicional estaria sob ameaça por conta da possibilidade legal do casamento e da adoção de casais homoafetivos, por exemplo.

Ao passo que a pureza da infância estaria sob ameaça, tendo em vista o debate sobre a educação sexual nas escolas. Sobre isso, se verá no capítulo de análise sobre o discurso da sexualidade, a aversão dada a todas as demandas que significariam uma reivindicação pelo reconhecimento das identidades consideradas minorias.

⁸ O antagonismo é um conceito ainda dúbio na Teoria Política. Cabe aqui salientar que segundo Mendonça (p. 136, 2003) há empregos distintos sobre o antagonismo, no já clássico livro *Hegemony and Socialist Strategy* (1985), escrito por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. O primeiro emprego está na oposição “povo-antigo regime”, o qual coloca a noção de antagonismo com o objetivo de demarcar duas formas de sociedades absolutamente distintas: a “sociedade do antigo regime” em oposição à “sociedade do povo”, e em que um é impedido pela completa constituição do outro. Dele demarca-se a linha entre o interno e o externo, a linha divisória na qual o antagonismo foi constituído na forma de dois sistemas de equivalências opostos (MENDONÇA, 2003). E a outra variante do antagonismo que pode ser extraída dessa obra, é para caracterizar uma situação em que movimentos sociais são constituídos para reivindicar uma demanda identitária comum no contexto do Estado, que não nega sua existência, inclusive pela questão democrática que envolve o pluralismo de identidades.

O Corte antagônico das eleições brasileiras de 2018

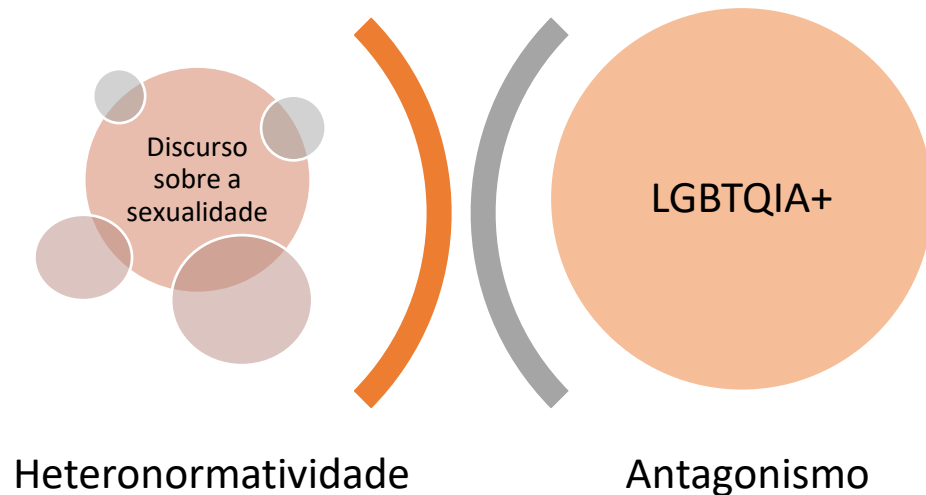


Figura 3. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter*.

Na formação discursiva, apresentada na figura 3, pode-se dizer que existe uma impossibilidade da constituição plena, total do discurso. Isso se deve não só pelo corte antagônico (externo), como também pelas estruturas de cada demanda articulada (interna), que assumem uma relação de equivalências (temporariamente).

Como afirma Mendonça (2003, p. 136-137), a constituição plena de qualquer forma discursiva se dá por uma impossibilidade dupla: a impossibilidade da falta e a impossibilidade da abundância. A primeira pelo próprio antagonismo, que impede essa constituição plena e a segunda em razão da sua própria estrutura em relação aos outros elementos em que se dá a articulação.

Para exemplificar, isso quer dizer que a defesa da preservação de princípios religiosos não se constitui plenamente porque tem uma força antagônica que o impede de se constituir de forma plena enquanto discurso. E também por não ter força suficiente para se constituir como tal, já que necessita de outros elementos discursivos, como a defesa da família tradicional, a defesa de que “todos são iguais” e a defesa da educação tradicional.

Os pontos articulados impedem a constituição plena das identidades envolvidas na lógica equivalencial e são articuladas contra uma força, o antagonismo, que é sempre um discurso externo, além da fronteira, definida no fluxograma, como corte antagônico. Esse além da fronteira é marcado como “contra LGBTQIA+”.

É importante dizer que o antagonismo é fundamental para que haja o discurso e ele se constitui a partir da diferença e da negação da existência do outro, que na compreensão do trabalho é a população LGBTQIA+. O antagonismo implica perceber que o “exterior constitutivo” ameaça a existência de um “interior”. Por essa razão, surge a necessidade do conflito político. Assim, para bloquear o sentido dado a casais homoafetivos, defende-se a família tradicional, para a educação sexual, defende-se a moral através de uma educação tradicional, etc.

Ao mesmo tempo em que o antagonismo é a condição de impossibilidade de sentidos vistos no conflito, ele é também, conforme a Teoria do Discurso, a condição de possibilidade da própria constituição discursiva (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014). Essa possibilidade é o que permite a existência das identidades dentro do campo discursivo.

Se, de um lado, há a tentativa de bloquear o sentido da homossexualidade, o exterior, por outro, se possibilita a identidade interna dos próprios heterossexuais. Como afirmam Mendonça e Rodrigues (2014, p. 52), “enfatizamos, portanto, que a relação interior/exterior é antagônica uma vez que a presença sempre constante de um impede a constituição completa do outro”.

Assim, a Teoria do Discurso foge de uma visão essencialista, pois percebe as constituições identitárias como incompletas, contingentes, precárias e ameaçadas. Ou seja, a presença de homossexuais impede que heterossexuais sejam eles mesmos e vice-versa, sendo ambos impossibilitados de se constituírem plenamente.

Para o discurso, então, o antagonismo é crucial, visto que é necessário o conflito entre os sentidos. E isso explica muito o porquê de alguns sentidos ficarem de fora da lógica discursiva no enfrentamento político. Estes permaneceram dispersos, pois não encontraram um polo antagônico possível.

Assim, para aprofundar a impossibilidade de um discurso pleno, a partir dos antagonismos, será discutido a seguir a categoria Hegemonia.

2.3.3 Hegemonia

Para Mendonça e Rodrigues (2014), estabelecer uma relação hegemônica significa a tentativa da constituição de uma relação de ordem. Em outras palavras, um discurso hegemônico é essencialmente um discurso que sistematiza uma determinada ordem.

Nesse sentido, hegemonia é um discurso em que há a presença de uma unidade, a partir de uma aglutinação de diferenças sistematizadas. Dentro disso, é preciso analisar a particularidade da ordem discursiva no campo da sexualidade e na qual este trabalho se propõe a fazer.

Sem dúvida, o discurso hegemônico a que se propõe Jair Bolsonaro é atravessado por uma visão de mundo heteronormativa e que busca a fixação de um sentido, com o objetivo de organizar e regimentar os sujeitos. Esta é inclusive a ordem estabelecida na prática articulatória.

Nesse sentido, o mundo a que pertence a candidatura é muito importante para a definição dessa ordem no campo discursivo, reconhecido por ele enquanto uma desordem, um caos. É a partir dele que as identidades diferenciais se identificaram e se sentiram representadas no discurso.

Segundo Mendonça e Rodrigues (2014), hegemonia é uma relação em que uma determinada identidade, em um determinado contexto histórico, de forma precária e contingente, passa a representar, a partir de uma relação equivalencial, múltiplos elementos.

Se considerarmos as identidades que se sentiram representadas pela pauta da ordem heteronormativa, é possível compreender como os apelos morais, por exemplo, articularam identidades em oposição a outras. Ou seja, é possível compreender como, no contexto histórico-discursivo das eleições de 2018, o discurso de Jair Bolsonaro, “passa a representar, de forma precária e contingente, a partir de uma lógica equivalencial, apresentada na seção anterior, múltiplos elementos” (MENDONÇA, p. 159, 2009).

Na verdade, a ausência de plenitude, o vazio constitutivo a que foi discutido anteriormente é, na teoria de Laclau e Mouffe, explicado com a categoria hegemonia. Ela é o que, aparentemente, sustentaria um preenchimento identitário, o qual tanto se busca.

A ordem heteronormativa busca, nesse contexto, hegemonizar-se e instaurar uma nova lógica discursiva em que se exclui os antagonismos representados pela sigla LGBTQIA+. Todavia, a teoria é precisa ao afirmar que é impossível tal plenitude.

O que se quer demonstrar é que o conteúdo particular a que a candidatura de Bolsonaro fez apelo no período eleitoral em questão, ou seja, a heteronormatividade é nada mais que a busca hegemônica. E sobre isso, é importante frisar que:

[...] o processo de constituição de uma ordem hegemônica parte sempre de um discurso particular que consegue suplementar (no sentido de *supplément* de Derrida), ou seja, representar discursos ou identidades até então dispersas. Essa organização ocorre a partir desse discurso centralizador, de um ponto nodal que consegue fixar seu sentido e, a partir deste, articular elementos que previamente não estavam articulados entre si. (MENDONÇA; RODRIGUES, 2014, p. 54)

Essa busca por uma ordem hegemônica é centralizada e organizada a partir de um ponto nodal que como já se viu ao fixar um sentido busca articular elementos que anteriormente, não estavam articulados entre si.

Contudo, como afirmam Mendonça e Rodrigues (2014), a fixação de sentidos é sempre parcial, precária e contingente. Nesse sentido, não há garantias que um determinado discurso ou grupo social, a priori, consiga articular outros discursos ou grupos sociais, como o marxismo clássico fez com o proletariado na sua luta política.

2.4 Considerações

Como se viu nesse capítulo, a trajetória política de Jair Bolsonaro sempre foi ligada a partidos com fortes posicionamentos frente a uma democracia cristã que, via de regra, acompanharam uma crescente projeção em diversos partidos após o período do Estado Novo. Período este conturbado, para a sustentação de agremiações e partidos políticos.

Cabe salientar que, sob o ponto de vista de uma uniformidade política, Bolsonaro assumiu mandatos em partidos que partiam de uma mesma lógica hierárquica, apresentando-se sempre como uma alternativa política aqueles que estavam ou estiveram no poder. Essa lógica se fez presente nos partidos políticos que surgiram a partir do PDC de 1945.

O PSL, que não possuía ligação a essa sucessão da primeira versão do PDC, acabou assumindo, a partir de sua reestruturação, uma alternativa, a chamada “terceira via”, que simbolizaria a mudança necessária ao país. Caminhava-se aí, uma projeção nacional ao partido em que Bolsonaro não só se elegia, mas reconduzia uma ideia que muito se assemelha a sua história político-partidária.

O que se percebe é que na análise realizada, sua trajetória sempre foi marcada por uma lógica discursiva que muito se assemelha à campanha que conduziu em 2018, a qual problematizou temas caros à sociedade, sob uma perspectiva de o “representante da família”, aquele que romperia com a velha política, corrupta e imoral.

Assim, nas eleições brasileiras de 2018, a disputa discursiva foi marcada pela busca de uma ordem hegemônica heteronormativa, investida pela candidatura de Bolsonaro. Essa ideia de ameaça à heterossexualidade, foi construída a partir de uma particularidade do universo da candidatura de Bolsonaro (percebida como algo muito presente em sua trajetória política) e, no qual, ele recorreu para fortalecer o embate eleitoral.

É assim que a utilização da Teoria do Discurso é adotada no trabalho, possibilitando uma nova análise do social, a partir da lógica do discurso. Ou seja, através de um conjunto de palavras e ações que representaram diferentes identidades em torno de uma demanda comum.

Para isso ser possível, no espaço político-eleitoral, demandas antes dispersas no social, articularam-se entre si, anulando parcialmente suas diferenças, em nome de uma lógica equivalencial. E através de pontos nodais, que serão compreendidos como nós nos próximos capítulos, essas diferenças, encontraram inimigos comuns, fundamentais para o necessário conflito da prática discursiva.

No momento político analisado, o inimigo comum, aquele que diferentes identidades buscaram eliminar, à custa de um projeto de sociedade mais conservador e excludente, demonstra o papel do corte antagônico, enquanto fundamental para explicar, junto a reivindicação de outras identidades, a impossibilidade da falta e da abundância de uma demanda identitária.

Com isso, compreende-se que a candidatura de Jair Bolsonaro que trabalha com destreza nas redes sociais, fez uso de diferentes estratégias discursivas em 2018, para construir uma nova ordem social, através da articulação de diferentes reivindicações identitárias, chamadas de momentos do discurso.

Jair Bolsonaro, como se verá nos próximos capítulos, buscou no contexto analisado, a construção de um imaginário que coloca em constante disputa, a necessária repressão de identidades que estariam obstruindo a estabilidade da sociedade brasileira, sendo seu principal inimigo, a população LGBTQIA+.

3 Encontrando o lugar do Discurso de Jair Bolsonaro: categorização de temas e análise do discurso amplo

3.1 Introdução

Nas eleições de 2018, o Partido Social Liberal (PSL) esteve entre os três partidos que obtiveram o maior desempenho nas disputas eleitorais, ampliando significativamente sua bancada na Câmara dos Deputados e, principalmente, alterando a tradicional rivalidade política existente no país. A mudança de rumo na alternância de poder que ora era destinado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e ora ao Partido dos Trabalhadores (PT), se deve muito pelo protagonismo exercido pelo discurso de Jair Messias Bolsonaro neste período.

O ingresso de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais modificou o cenário político, através de uma estratégia que apresentava a candidatura enquanto um representante dos valores familiares e morais, da mudança e do rompimento com as velhas práticas políticas. O PT, acostumado a protagonizar as eleições com o PSDB desde 1994, encontrou um novo adversário político, um *outsider* que instalaria uma forte polarização no tecido do social.

Para compreender a construção discursiva que encontrou ressonância na sociedade, nesse capítulo, será apresentada, na primeira seção, uma análise de como foi conduzido o discurso de Jair Bolsonaro em 2018 no *Twitter* e, na segunda seção, como se deu a discursividade no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). Em ambas seções, foram investigados os principais temas da campanha e qual a proeminência de cada tema em relação a totalidade discursiva.

Na terceira seção, copila-se os dados encontrados nas análises realizadas nas seções anteriores e conclui-se como foi realizada a construção discursiva nas eleições de 2018, no conjunto da campanha eleitoral. Conclui-se também nessa seção a proeminência dos temas no conjunto, *Twitter* e HGPE.

Ao final foram realizadas algumas considerações dos materiais investigados, a partir da relevância de temas que estiveram presentes tanto no *Twitter* quanto no HGPE e que se pode concluir como sendo a estratégia final da campanha eleitoral da candidatura de Jair Bolsonaro.

3.2 Encontrando o Discurso de Jair Messias Bolsonaro no *Twitter*: A análise das categorias no discurso amplo

Na proposta de análise da pesquisa, o período analisado do *Twitter* compreendeu o dia 16/08/2018, tendo em vista a data que marca a permissão de propagandas eleitorais veiculadas na internet até o acontecimento do segundo turno das eleições presidenciais, em 28/10/2018. Dentro dessa linha temporal, entendeu-se ser importante, não só analisar o tema da sexualidade de forma mais minuciosa, mas perceber também, dentro de uma visão macro, outros elementos que compuseram o discurso do candidato Jair Bolsonaro.

Para esta análise geral, criou-se 15 nós, sendo eles compreendidos como grandes temas, aos quais construíram a discursividade ao longo do período analisado. São eles: “Corrupção”, “Economia”, “Educação”, “Eleições”, “Facada”, “Justiça e Democracia”, “Pessoal”, “Posicionamento ideológico de direita”, “Posicionamentos sobre cenário político nacional e internacional”, “Posicionamentos sobre políticas e reformas”, “Partido dos Trabalhadores (PT)”, “Religião”, “Segurança nacional”, “Sexualidade” e um nó para tweets “Não classificáveis”⁹.

Uma informação importante é que, em todas as análises feitas, houve um grande número de vídeos, entrevistas e *lives* veiculadas no Facebook (as quais foram

⁹ A categoria “Não Classificáveis” foi destinada às manifestações que não foram possíveis serem classificadas, seja pela variedade de elementos desconexos aos nós construídos ou por não demonstrarem relevância à análise do discurso, quais sejam, menções a datas comemorativas e a futebol, interação com internautas, informes e indicações, destaque a polêmicas de rua, entre outros. Tweets excluídos também estiveram nessa categoria.

adotadas, por Bolsonaro, de forma periódica a partir do segundo turno). Também é crucial explicar que as análises se deram de forma detalhada e todos elementos compartilhados e indicados pelo perfil da candidatura, foram categorizados como parte de seu discurso.

Fazendo uma análise em linha geral, pode-se dizer que há elementos fortes de um discurso marcado pelo ataque, seja ele direcionada a políticos, partidos, mídias, regimes de governo de esquerda, pautas identitárias, movimentos sociais, entre outros. Pode-se dizer que, de forma genérica, todos os elementos, são carregados de um ataque que, não raras vezes, retomavam a algo de cunho pessoal em relação à candidatura.

Por essa razão, pode-se afirmar que houve um número significativo de antagonismos construídos por ocasião das eleições de 2018, dentre eles pode-se dizer, em relação a alguns artistas, institutos de pesquisa e meios de comunicação. Destaca-se a Folha de São Paulo, a revista Veja, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), o Data Folha, mas também pessoas do meio artístico, como o cantor Marcelo D2, o humorista Gregório Duvivier e sua mãe, Olivia Duvivier, entre outros.

É importante introduzir esse aspecto antagônico como sendo uma característica significativa e que atravessou quase que a totalidade dos tweets analisados. Ademais, outra característica importante de salientar em um aspecto amplo e que cabe aqui detalhar, foi que, para cada nó criado, outros nós foram agregados (de forma secundária), a fim de organizar a pesquisa e tornar clara a intenção e o tipo de abordagem dado aos temas pela candidatura.

Assim, tendo utilizado a ferramenta *Nvivo*, é importante acompanhar abaixo quais foram os temas mais explorados pela candidatura de Jair Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018, dentre os nós criados.

Análise dos Temas Gerais do Discurso no *Twitter* (%)

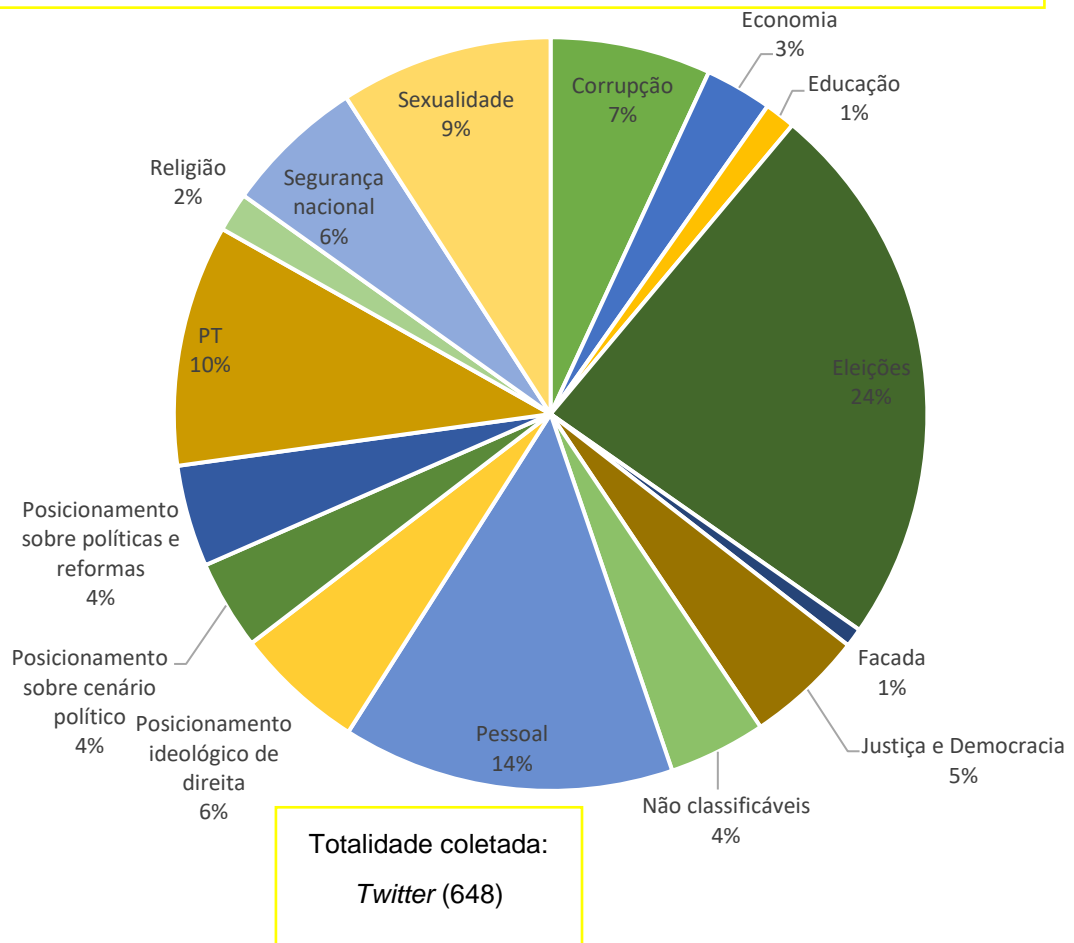


Figura 4. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter*.

Em uma totalidade de 648 tweets, 14 nós foram categorizados e um espaço (aqui também denominado nó) foi destinado para categorizar os elementos “Não classificáveis”, sendo que dentro de cada nó foi criado um número significativo de sub-nós, a fim de considerar um critério de regularidade discursiva nos nós.

Isto quer dizer que, os nós foram tanto elementos-momentos em relação a outros nós, como também foram construídos internamente por outros elementos-momentos que permitiram com que o nó exercesse sua função dentro da prática articulatória. Por essa razão, na análise, será exemplificado todos elementos que se considerou para compor cada nó.

O nó que esteve mais presente nos tweets da candidatura refere-se a “**Eleições**”, tendo sido 1465 menções no *Twitter*. Dentro deste nó, considerou-se as hashtags #BolsonaroSim (tweets de apoio de mulheres, opondo-se ao movimento

#EleNão), #Caixa2doBolsonaro e #robôsnarua (Quando a candidatura fez referência a movimentos de seu eleitorado, os quais faziam campanha de forma gratuita).

Também fez parte do nó “Eleições”, o afastamento a partidos (ressalta-se, entre eles o PSDB, a Rede, o PDT, entre outros), o apoio a candidaturas e a aproximação a partidos e bancadas (bancadas do agronegócio, evangélica, ruralista e que defendem o armamento protagonizaram esse nó). Alguns apelos eleitorais e menção a brasileiros de bem (quando o candidato se referia a uma cidadania compartilhada de pessoas de bem, geralmente opondo-se a “crimes e criminosos”) compuseram também esse nó.

Ainda dentro do nó “Eleições”, há posicionamentos contrários a *fake news*, ao controle do *WhatsApp* (isso tendo em vista um pedido do Partido dos Trabalhadores junto ao TSE, no curso das eleições que solicitava restrições ao uso da rede social), contra opositores eleitorais diversos e contra Fernando Haddad (PT). Também se considerou a defesa de seu programa eleitoral e da equipe técnica, destaques a manifestações de rua, menções à possibilidade de fraude eleitoral ou defesa da legitimidade eleitoral, pesquisas eleitorais (constatando-se um sentimento de desconfiança a pesquisas), propaganda de seus canais de comunicação e menções a debates (quase que a totalidade deste elemento, se referia ao fato de sua candidatura não ir a debates).

Esmiuçando o que se considerou na categoria “Eleições”, houve elementos de certo modo muito amplos do período eleitoral, o que explicaria o grande número de vezes em que esse tema foi investido no discurso. Essa análise também serve para o nó “Pessoal”, tendo em vista que este aglutina muitos aspectos marcantes da candidatura e que caracterizaram o discurso enquanto algo muito pessoal.

Deste modo, dentro de “**Pessoal**”, tema que apareceu no discurso 884 vezes, considerou-se a agenda do candidato (seja ela privada ou eleitoral, pois ambas se atravessaram), apoios e agradecimentos, crítica e ataques a artistas e meios de comunicação, saudações (Bom dia, Boa tarde, *emojis*, etc.), destaque a entrevistas, vídeos e *lives*, esclarecimentos frente a acusações suas ou contra os filhos, família (seus filhos e filha, esposa, etc.) e respostas a ataques das mídias. Como curiosidade,

pode-se dizer que a candidatura recebeu um relevante número de apoios do meio artístico¹⁰, ampliando sua imagem a demais meios de comunicação.

O terceiro nó que disputa elementos-momentos diz respeito ao “**Partido dos Trabalhadores (PT)**”, sendo referido 643 vezes. Sobre esse elemento, pode-se dizer que houve crítica e ataque ao partido e a seus membros, também a seus apoiadores e militantes, a crise econômica e acusações de que o PT significava uma “*fábrica de fake news*”, como assim referiu-se a candidatura.

Ainda teriam elementos que poderiam causar desconfiança na pesquisa por não estarem dentro de alguns nós que também de fato caberiam neste nó, como menção à prisão do ex-presidente Lula, que se optou por colocar em “justiça e democracia” e a própria “corrupção” que, na pesquisa, ganha uma valoração ampla, sendo categorizada como um outro nó. Todavia, entendeu-se que ambos, fariam mais sentido na pesquisa nos nós adotados, os quais serão explicados na ocasião.

Sob uma análise ampla, é possível dizer que dentre os nós que mais tiveram menção no discurso, o tema da “**Sexualidade**”, objeto de análise neste trabalho, se fez presente, sendo referido 566 vezes. Isso porque, discursivamente, ele esteve atrelado, em grande medida, a outros nós criados.

A partir do ponto de vista conservador da candidatura, todo um discurso sob sexualidade se articulou. Essa articulação, a qual analisaremos de forma mais profunda no próximo capítulo, pode-se dizer aqui que envolveu quatro grandes pontos nodais articuladores: “Defesa da preservação de princípios religiosos”, “Defesa da família tradicional”, “Defesa da educação tradicional” e “Defesa de que todos são iguais”.

¹⁰ Dentre os apoiadores conhecidos pela grande mídia estão os atores Carlos Vezzeza, Sandro Rocha e Regina Duarte, os cantores Amado Batista, Luciano de Camargo, Leonardo, Marrone, o sertanejo Felipe (ressalta-se um grande número de cantores sertanejos), Eduardo Costa, o músico Roger Moreira, El Veneco (cantor e compositor da música “O mito chegou”), entre outros. Do meio esportivo, pode-se citar o automobilista Emerson Fittipaldi, o jogador Felipe Melo, os lutadores Royce Gracie e Paulo Henrique (Borrachinha), Fernando Sardinha (fisculturista), entre outros. Também o apresentador de televisão Sikêra Júnior, esteve entre os apoiadores da candidatura. *Youtubers* também estiveram em grande número na lista de apoiadores, como as influenciadoras digitais, Débora Albuquerque e a cubana naturalizada brasileira Zoe Martinez, além de Nando Moura, Rafael Valera e Roderick Navarro. Outros nomes conhecidos apesar de não estarem no meio artístico são, Bene Babosa (autor do Best-seller *Mentiram Para Mim Sobre o Desarmamento*) e o príncipe Luiz Philippe de Orleans e Bragança.

É importante citar que gênero e sexualidade, conflitam juntos no discurso, justamente porque há uma associação dos conceitos que teoricamente são indissociáveis nas discussões. Sexualidade sendo compreendida como uma gama de possibilidades de os sujeitos relacionarem-se entre si e gênero associando-se ao fato de como se percebe os sujeitos, ou como esses sujeitos são constituídos socialmente.

Aliás, apesar das inúmeras atribuições dadas pela candidatura, o termo sexualidade no discurso relaciona-se tanto à prática sexual em si (homo e hétero), como também à população LGBTQIA+. Será possível perceber isso na análise feita no capítulo posterior.

Outro tema importante foi **“Corrupção”**. Ele esteve presente 428 vezes nos tweets da candidatura. Seguindo a sequência de elementos que mais compuseram essa discursividade, pode-se citar apoio a Lava Jato e a Sérgio Moro, críticas ao PT, menção a esquemas de corrupção e fraudes. Pode-se dizer que o tema corrupção aglutinou elementos diversos para além do PT. Isso quer dizer que ainda que o partido ocupasse boa parte das menções, corrupção esteve ligado a outros elementos, tais como fraudes do Bolsa Família, desvios nos serviços públicos, etc.

Na sequência, **“Segurança nacional”** esteve em 374 menções de tweets, sejam eles para se colocar contra crimes e criminosos, para criticar a agenda de segurança do PT, para defender políticas mais efetivas de encarceramento e armamento ou para defender as forças de segurança.

Os discursos sobre segurança pública são atravessados pelo sentimento de insatisfação a governos anteriores que, segundo a candidatura, ou se omitiram ou compactuaram com a “bandidagem”, como assim se refere. Em tom de apelo eleitoral, a candidatura afirmou que “pegaria firme” nesse tipo de política pública, retirando, por exemplo, o direito de presidiários ao indulto, colocando em prática uma política de armamento e modificando penas que passariam a ser mais rígidas em um possível governo seu.

Chama a atenção que políticas para mulheres, são relacionadas, quase que a totalidade, a uma agenda de segurança. Castrações químicas a estupradores e uma agenda de segurança a seus filhos e filhas, ocupam destaque nas políticas para mulheres. Não obstante, direitos sociais, trabalhistas e combate ao machismo (reivindicações históricas das mulheres) não preocuparam a discursividade.

Ainda, seguindo a esteira do que foi protagonizado no discurso, não se constatou nenhum posicionamento ideológico de esquerda. Por essa razão, a criação desse nó não se fez necessário, sendo criado apenas os que se referenciavam enquanto “de direita”.

O nó “**Posicionamentos ideológicos de direita**”, apareceu 346 vezes na análise. Para essa classificação, consideraram-se menções contra a esquerda, o comunismo, o socialismo, o marxismo e a luta de classes, o Foro de São Paulo, a defesa da diminuição do Estado e também oposição ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e aos partidos e políticos de esquerda.

Nos temas que reverberaram sobre o agronegócio, a candidatura defendeu, por exemplo, a unificação dos Ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, sob a justificativa de que o homem do campo não poderia ficar mais refém de fiscais do Ibama, lidas por Bolsonaro como indústrias da multa¹¹. Também, as demarcações de terras indígenas e as ações do MST e MTST, intituladas “terroristas”, foram objeto de muita crítica, alimentando um discurso ideológico presente na discursividade.

A diminuição do Estado, teve um forte apelo eleitoral, inclusive foi parte do programa de governo. Segundo Bolsonaro, o PT teria inchado a máquina pública, o que teria contribuído para a corrupção desenfreada. Em seus apelos, foi possível constatar que Bolsonaro defendeu que diminuiria o número de ministérios bruscamente e que manteria apenas algumas estatais estratégicas.

Após os posicionamentos ideológicos de direita, a candidatura adotou em seu discurso 315 vezes, o tema “**Justiça e democracia**”. Ou seja, a defesa da liberdade de imprensa e Lula na cadeia, pedidos de esclarecimentos à justiça, defesa da democracia e da Constituição Federal, foram alguns dos interesses que ocuparam esse nó.

A defesa de “Lula na cadeia”, esteve não só atravessada a um discurso antipetista, como também ligada ao tema corrupção. No entanto, por compreender

¹¹ A expressão “indústrias da multa” é utilizada no discurso para demonstrar a insatisfação da candidatura com a aplicação de multas e taxas de órgãos de controle ambiental e de trânsito. Destaca-se a crítica as multas ambientais aplicadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama) que segundo a candidatura atingem negativamente empresários e produtores rurais. Esses órgãos são compreendidos no contexto discursivo como proliferadoras de multas no Brasil em decorrência de seu caráter ideológico.

que este significante estaria atrelado a uma posição também de pedido de justiça (a manutenção da prisão de Lula), optou-se por mantê-lo no nó Justiça e democracia.

Todavia, é importante ressaltar que a defesa da prisão de Lula, envolve outras categorias, que não poderiam ficar de fora dessa categorização. Assim, as menções de prisão do ex-presidente também foram categorizadas ao nó PT e nas ocasiões em que foram mencionados esquemas de corrupção, também se codificou no nó “Corrupção”.

É importante dizer que um dos ataques direcionados a seu rival, Fernando Haddad, é por considerá-lo como uma ameaça à democracia. Bolsonaro, algumas vezes, afirmou que Haddad buscaria a soltura do ex-presidente, lhe dando indulto e o colocando como um de seus ministros, a fim de obstruir a Justiça. Esse fato é mais um esclarecimento dos motivos para adotar na pesquisa, a escolha metodológica de manter o significante Lula na cadeia no nó “Justiça e democracia”.

Seguindo os elementos que mais constituíram o discurso, tem-se **“Posicionamentos sobre políticas e reformas”**, com 271 menções. Defesa da maioria penal, das reformas administrativa, tributária e previdenciária, do Escola Sem Partido¹², oposição à legalização das drogas, ao Estatuto da Criança e do

¹² Existe uma série de projetos de lei que versam sobre o Escola sem Partido, criados e tramitados nas câmaras municipais, Assembleias Legislativas e Congresso Nacional. O movimento, Escola Sem Partido parte sob linha geral, de uma proposta de lei — federal, estadual e municipal — que torna obrigatória a afixação, em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio de várias propostas, dentre elas neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado, o direito aos pais sobre educação religiosa e moral aos pais, bem como define que o Poder Público não se imiscuirá no processo de amadurecimento sexual dos alunos, nem permitirá qualquer forma de dogmatismo ou proselitismo na abordagem das questões de gênero. Além de competências ao Estado, estipula atribuições dos professores, dentre as quais destacam-se não permitir a promoção de seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias. Também define que o professor não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas. A justificativa para o projeto é prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas e a usurpação do direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções. Com grande apoio da bancada católica e evangélica, um dos projetos é de autoria do senador Pastor Magno Malta (PR).

Adolescente (ECA), ao Estatuto do Desarmamento, críticas à Lei Rouanet¹³, ao Programa Mais Médicos¹⁴, aos Direitos Humanos e às políticas para mulheres.

Salienta-se que, em políticas para mulheres, percebeu-se que as políticas de segurança foram os elementos mais considerados como programa de governo destinado às mulheres. Como explicado nessa dissertação, esta foi a agenda de governo destinada as mulheres.

Seguindo a esteira de temas da discursividade, o discurso do *Twitter* teve também 259 elementos considerados “**Não classificáveis**”, que versavam sobre menções a datas comemorativas, destaques a polêmicas de rua (como brigas entre militantes, na maioria dos casos), futebol, indicações, informes e interação com internautas. Também dentre esse número estiveram tweets excluídos (não encontrados) que tornaram impossíveis a categorização.

Na sequência, **Posicionamento sobre o cenário político nacional e internacional**, ocuparam 238 vezes dos interesses da candidatura no *Twitter*. Defesa do Impeachment de Dilma, crítica aos governos de Cuba, da Venezuela, do Chile e do Equador foram presentes na discursividade. Cabe ressaltar que há uma crítica muito forte ao Foro de São Paulo¹⁵, considerando a organização uma possível ameaça

¹³ A Lei Rouanet, oficialmente denominada Lei Federal de Incentivo a Cultura (lei nº 8313, de 1991), foi sancionada por Fernando Collor. A lei que institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências, foi alvo de muitas críticas no período eleitoral. Segundo a candidatura de Jair Bolsonaro, o Fundo Nacional de Cultura (FNC) seria um incentivo do governo ao que ele julgou não ser considerado cultura verdadeira. Em um dos ataques a que a candidatura fez a legislação, ele diz que o dinheiro público tem que parar de financiar absurdos como oficinas de masturbação ou performances com pessoas cutucando seus orifícios. A referência dada retoma o Espetáculo Performance Macaquinho, produzido pelo SESC de Arte e Cultura. Outra crítica atribuída, seria o espetáculo ocorrido no Museu de Arte Moderna (MAM) de um artista que esteve nu na presença de crianças e que Bolsonaro juntamente com o Movimento Brasil Livre (MBL), acusou de apologia à pedofilia.

¹⁴ O Programa Mais Médicos foi criado no governo petista. Ele objetivava suprir a ausência de médicos nos municípios do interior e nas periferias das grandes cidades do Brasil.

¹⁵ O Foro de São Paulo é uma organização que reúne partidos políticos e organizações de esquerda, criada em 1990, a partir de um seminário internacional promovido pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Formado por partidos políticos da América Latina e do Caribe, a organização buscou promover alternativas às políticas dominantes na região durante a década de 1990, chamadas de “neoliberais”^[4], e promover a integração latino-americana no âmbito econômico, político e cultural. Segundo site da organização, compõem atualmente 28 países o Foro de São Paulo. Importante citar que segundo a candidatura, o Foro trata-se de uma organização criminosa que mantém as Forças Armadas Revolucionárias da Colúmbia (FARC). Assim, a organização influenciaria políticas e reformas nos países acordados, como por exemplo, o Estatuto do Desarmamento, a redução da maioridade penal, a chamada “ideologia de gênero”, etc.

de implantação de uma ditadura comunista unificada entre os países da América Latina.

Também esteve presente em “Posicionamento sobre o cenário político”, a defesa de uma política externa com países, como Itália, EUA e Iraque. Cabe salientar aqui que Matteo Salvini, líder da Liga Norte e ex-vice-primeiro ministro da Itália (2018-2019) trocou ligações para discussão de uma possível política bilateral entre os países e declarou solidariedade a Bolsonaro após o atentado a facada, a qual a candidatura sofrera no período eleitoral.

Na sequência, **“Economia”** foi investida 178 vezes no discurso, sendo considerada a defesa de empresas privadas, as privatizações, o livre comércio, a equipe técnica na figura de Paulo Guedes (aquele que viria a ser seu ministro) e a defesa da propriedade privada. Este nó está muito atrelado ao da Segurança, visto que, para a candidatura de Bolsonaro, o maior mal da economia seria a ausência de segurança no país, o que afetaria diretamente o turismo, um fator imprescindível para assegurar a estabilidade econômica brasileira.

Depois de “Economia”, o nó **“Religião”** foi atravessado também no discurso, ocupando 104 investidas. Apoiadores religiosos (cidadãos comuns) ou que faziam parte de uma Frente Parlamentar, crítica a agnósticos e ateus e o slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, atravessaram o campo da discursividade.

Posteriormente, vem **“Educação”**, o qual esteve presente 82 vezes nos apelos eleitorais da candidatura. É importante mencionar que foi categorizado o nó educação seguindo um critério para ora classificar dentro de sexualidade, ora como tema amplo. Para “Educação”, enquanto nó amplo, considerou-se todo discurso que criticou uma possível doutrinação da educação, a crítica às universidades e políticas educacionais¹⁶ e a defesa de professores vítimas de violência escolar e políticas na educação¹⁷. A doutrinação a que foi embasada esta análise se deu com enfoque

¹⁶ As críticas às universidades são fortemente construídas no discurso. Os espaços acadêmicos, são acusados no *Twitter*, de formar militantes de esquerda e não “empregados” e “bons liberais”. Do mesmo modo as escolas não priorizam as disciplinas curriculares exatas, como matemática, ciências, português. Ou seja, o currículo educacional é atravessado pelo que a candidatura considera ideologização.

¹⁷ A política na educação defendida pela candidatura é o ensino de disciplina e do amor à pátria. Também, a defesa da implantação de escolas militares nos estados brasileiros. Cabe salientar que essa promessa eleitoral faz parte do plano de governo da candidatura.

ideológico de esquerda, sobretudo ao marxismo e críticas ao educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire.

É importante mencionar que “Educação” esteve presente no nó “Sexualidade”, quando abordado de forma clara e direta ao tema da sexualidade. Inclusive alguns elementos vão se repetir, mas a análise foi fidedigna a identificação do discurso, que ora versava ideológico-politicamente a uma doutrinação puramente de cunho educacional, ora ideológico sobre uma visão de mundo sobre a sexualidade.

“**Facada**”¹⁸ também foi um elemento importante na construção discursiva, sendo referida 50 vezes. Considerou-se menção ao quadro médico, ao atentado da facada ocorrido em Juiz de Fora (MG), a Adélio Bispo (o agressor) e a partidos como PSOL e PT, enquanto possíveis agentes envolvidos no ato criminoso.

Pode-se dizer que dentre a totalidade de nós criados, todos atuaram enquanto elementos-momentos que se articularam a fim de compor o discurso. Carregada de antagonismos, pode-se dizer que a candidatura foi extremamente combativa no *Twitter*, por vezes adotando tom de deboche ou um tom agressivo em relação a visões de mundo e práticas divergentes a sua.

Outra característica da rede social é que ela ampliou o alcance e a variedade das abordagens do discurso que passou a não ser limitado, sobretudo em comparação com o pouco tempo destinado no primeiro turno nas propagandas eleitorais. Também permitiu uma maior interação com internautas, fato este que não seria possível no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), pela ausência dialógica e impessoalidade. Ambos objetos de análise, *Twitter* e HGPE, permitiram uma riqueza de elementos para compreensão inclusive do contexto de emergência em que se inseriu a campanha eleitoral.

Tendo esclarecido a especificidade do *Twitter*, em última análise, pode-se afirmar que os temas de maior interesse veiculados na conta oficial do candidato Jair Bolsonaro foram respectivamente: “Eleições”, “Pessoal”, “PT”, “Sexualidade”, “Corrupção”, “Segurança”, “Posicionamento ideológico de direita”, “Justiça e

¹⁸ Importante citar que a candidatura sofreu um atentado durante uma agenda de campanha, no mês de setembro, nas eleições de 2018. Bolsonaro sofreu um golpe de faca na região abdominal, desferido por Adélio Bispo de Oliveira. O agressor foi identificado e preso imediatamente em flagrante, em Juiz de Fora (MG).

democracia”, “Posicionamento sobre políticas e reformas”, “Tweets não classificáveis”, “Posicionamento sobre o cenário político”, “Economia”, “Religião”, “Educação” e “Facada”. Sexualidade, foi o quarto tema que deteve maior importância a candidatura no *Twitter*.

3.3 Encontrando o Discurso de Jair Messias Bolsonaro no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE): Análise das categorias no discurso amplo

Resgatando informações já dadas na metodologia adotada para análise do HGPE, é importante mencionar que foram analisadas 17 propagandas eleitorais da candidatura, veiculadas a partir de 31 de agosto de 2018. A fim de contribuir para a análise discursiva em um aspecto amplo, é importante explicar que a análise desse material se deu também através do *Nvivo*, sendo mais significativos, para essa etapa, os vídeos circulados no segundo turno, já que os candidatos obtiveram maior tempo televisivo.

Dito isto, pode-se dizer que o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral é marcado por outro tipo de abordagem, onde a candidatura explorou apelos mais objetivos. Inclusive, na análise do material veiculado no primeiro turno, quando havia apenas 8 segundos televisivos, percebeu-se uma acentuada incapacidade de formulações amplas de temas no discurso, o que já justifica o motivo do segundo turno ser mais explorado nesta análise.

Assim, é importante apontar que o primeiro turno permitiu ao candidato apenas um apelo eleitoral sucinto, momento em que Bolsonaro utilizou para se apresentar como defensor da família e da pátria e citar seu slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Complementando sua apresentação, para o enquadramento, o *layout* adotou um visual das cores da bandeira brasileira.

A utilização de símbolos nacionais em oposição a cores que expressariam seu antagonismo político é uma marca presente nas propagandas eleitorais adotadas. Pode-se dizer que houve uma aposta no marketing de curto (1º turno) e longo tempo (2º turno) que compreendiam que estes elementos nacionais traduziriam não só a representação de uma alternativa política como também o anseio da sociedade.

Ainda no primeiro turno, é relevante mencionar que, após o atentado da facada, no qual o candidato foi vítima em Juiz de Fora (MG), o HGPE passou a gerar agradecimentos pelo apoio recebido e o apelo era para que o “povo brasileiro caminhasse naquele momento junto”, pela vida do candidato. A hashtag #ForçaJair e a veiculação de imagens de Bolsonaro sob as mãos de multidões ganhavam espaço no horário televisivo.

Um dos elementos que marca a propaganda no segundo turno são as suas aberturas, que introduzem temas como corrupção, ataques (ao PT, a mídias e a regimes de esquerda), crise econômica e política no país e esclarecimentos frente a acusações contra a candidatura. Sempre em tom agressivo, se fez presente resgates de acontecimentos realizados por uma interlocutora que teve a função de provocar o telespectador para uma divisão social mal *versus* bem, a bandeira brasileira *versus* as cores da bandeira vermelha, etc.

Palavras-chave e provocativas também ocuparam essa abertura, na medida em que a interlocutora fazia a chamada e resgatava matérias comprometedoras referentes ao PT. Algumas expressões comuns como “mentira”, “corrupção”, “*fake News*”, “fique atento”, “13 anos”, “42 bilhões” (referência aos roubos do esquema de corrupção “Petrolão”), “#PTNãO”, “burocracia”, “desemprego”, “basta”, “vamos salvar o Brasil”, foram utilizadas na introdução das propagandas eleitorais.

Assim como no discurso construído no *Twitter*, a Folha de São Paulo foi uma das mídias mais atacadas pela candidatura, bem como o PT, o partido que mais vezes foi mencionado em tom acusatório. O símbolo do partido e as cores foram explorados e atrelados à expressão “corrupto”.

Na sequência, após a abertura que constrói um contexto de emergência do discurso, anunciava-se a proposta que representaria a mudança, na figura do candidato Jair Bolsonaro, apresentando-o como o candidato “livre” e “independente”. O apelo eleitoral nesse momento adotou tons mais moderados, uma trilha sonora suave e um enfoque maior na imagem do candidato.

Com mais tempo de televisão, 5 minutos para cada candidato, o segundo turno trouxe mais possibilidades de arranjo de propaganda, em comparação com o primeiro turno. Foram utilizados, por exemplo, declarações de apoio e depoimentos de

eleitores, que acabaram trazendo relatos de descontentamento com a política atual, em especial pontuando críticas aos governos petistas.

Ainda assim, na propaganda eleitoral do candidato, em 17 de outubro, relatou-se que Bolsonaro ter ido ao segundo turno e ter ampliado a bancada do partido¹⁹ significou uma vitória ao PSL, considerado o pouco tempo televisivo do partido. A interlocutora, que apresentava a propaganda, considerou que uma das razões é o fato das redes sociais terem modificado o cenário desfavorável do candidato que não advinha da “velha política”, revolucionando o acesso a comunicação política.

Ainda dentro desse tema, a propaganda eleitoral da candidatura em análise destacou, por diversos momentos, que o PT teve boas condições financeiras, recurso este entendido como oriundo das “cidadãs e cidadãos brasileiros” que através do fundo eleitoral, patrocinavam a campanha eleitoral do partido. Segundo a candidatura, o partido deteria das ferramentas eleitorais, quais sejam, marketeiros profissionais e fundo eleitoral.

Tudo isso, contribuiria para, segundo Bolsonaro, evidenciar sua oposição a “velha política petista”. Deste modo, na propaganda, o apelo era para alertar o telespectador para simplicidade de sua campanha, que se daria através de doações genuínas e do trabalho gratuito de apoiadores, destacando inclusive que Bolsonaro teria abdicado de receber o fundo partidário a que teria direito.

Tendo elencado algumas considerações necessárias, antes de expor o resultado da análise das categorias gerais do HGPE, é importante dizer que se mantiveram os mesmos 15 nós criados anteriormente, também para pesquisa do conteúdo veiculado no horário televisivo, conforme se verá na página que segue.

¹⁹ O cenário conjuntural das eleições de 2018 traz elementos importantes para essa análise. As maiores bancadas eleitas para o Congresso Nacional em 2018 foram do Partido dos Trabalhadores (PT), com 56 eleitos do Partido Social Liberal (PSL), com 52 eleitos. O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) foi o partido que mais perdeu cadeiras dentro dessa conjuntura, passando de 66 para 34 eleitos. O PSL, partido a qual Bolsonaro concorreu, se destaca nesse cenário, pois de 1 deputado federal eleito em 2014, passa a ter 52 eleitos. Outro dado importante é que houve uma teoricamente uma renovação na Câmara de Deputados, onde dos 513 deputados, apenas 240 se reelegeram. Sem dúvida, a democratização das redes sociais foi um elemento significativo para a mudança no cenário político nacional em 2018, dando destaque especial, a ascensão de partidos que outrora não conseguiriam ocupar os altos espaços formais de poder.

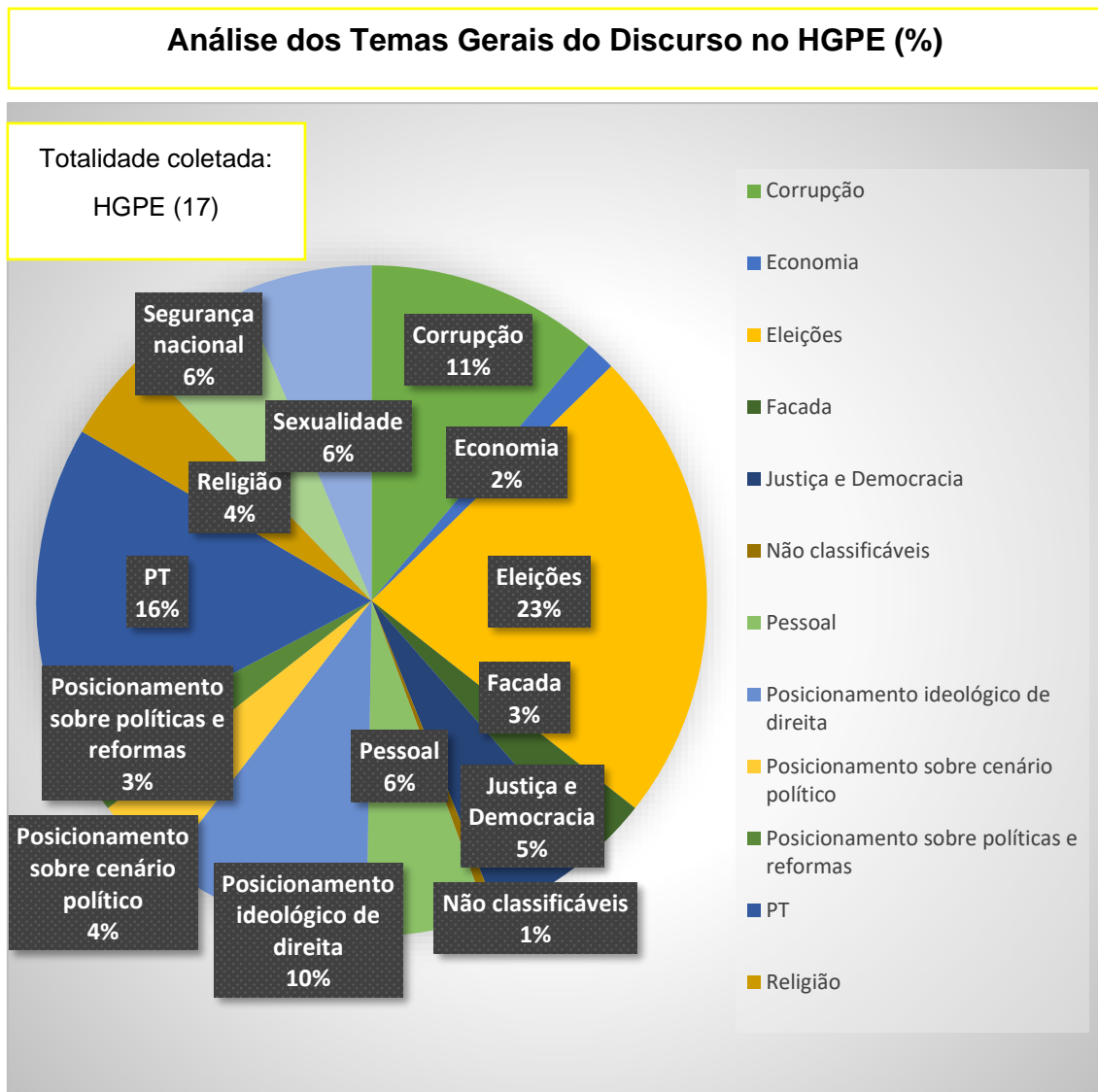


Figura 5. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *HGPE*.

Importante destacar que na análise realizada, diferentemente dos Tweets, a propaganda eleitoral da candidatura não abordou o tema educação. Os temas mais abordados também divergiram dos abordados na rede social.

“**Eleições**” se mantém no ranking de preferências de assunto tratado pela candidatura, somando 94 menções. Apelos eleitorais, defesa do programa de governo, destaque às manifestações de rua, menção a Haddad enquanto “poste de Lula” (a referência “poste”, se dava em parte por considerar Fernando Haddad inexpressivo, e por outra parte, por entender que ele representaria o ex-presidente Lula, preso na sede da Polícia Federal, local onde ficou detido no período eleitoral analisado), propaganda dos canais de comunicação, oposição ao movimento “Ele

Não”, defesa de “brasileiros de bem” e menção a eleitores que trabalhariam de forma gratuita para a campanha, foram considerados nessa análise.

Na sequência, **“Partido dos Trabalhadores”** foi um dos temas mais citados, contabilizando 66 menções. Ataque ao PT, oposição a políticos do partido e acusações de que o partido seria “uma fábrica de *fake News*” foram os argumentos mais utilizados. Esse nó se destaca, em especial, por conta da abertura das propagandas do segundo turno, as quais enfatizavam, sobretudo, ataques violentos ao partido.

Posteriormente, com 46 menções, **“Corrupção”** esteve entre os assuntos mais falados na propaganda eleitoral. Percebeu-se que apoio a Lava Jato, ao juiz Sérgio Moro, menção a esquemas de corrupção e críticas ao PT foram os enfoques principais desse tema.

Na sequência, **“Posicionamento ideológico de direita”** engajou a candidatura 42 vezes. A crítica a ideologias de esquerda, ao comunismo, ao Foro de São Paulo, ao MTST e ao MST foram os elementos abordados nesse tema. O apelo de que “Nossa bandeira jamais será vermelha” foi utilizado também para encerramento das propagandas, em especial destacado pelo jingle de campanha, o qual no refrão trazia “Azul, branco, amarelo e verde é nossa bandeira. Com fé na força do povo, ela jamais será vermelha”.

Seguindo a sequência, “Sexualidade” foi abordado 26 vezes, sendo que os assuntos mais abordados nesse tema, foram a defesa da família tradicional, a defesa da educação tradicional (momento em que a candidatura critica a abordagem da sexualidade dentro das escolas), a defesa de princípios religiosos e a defesa de que todos são iguais. Tudo isso, será abordado, de forma mais aprofundada, no próximo capítulo.

Após sexualidade, assuntos de cunho “Pessoal” também se fizeram muito presentes, sendo abordados 24 vezes, através de apoios e agradecimentos, ataques a artistas e meios de comunicação, bem como respostas a ataque da imprensa e menções a sua família. Importante explicar que alguns trechos das propagandas foram direcionados a contar a vida de Bolsonaro e mostrar sua família e que o apelo emocional se fez presente nesse tema.

“Segurança”, na sequência, obteve 24 menções no discurso. Dentro deste tema, a candidatura utilizou a propaganda eleitoral para denunciar situações de crimes e seu descontentamento com aqueles que cometiam crimes. Também criticou a agenda de segurança dos governos do PT e apresentou como uma das alternativas, em seu plano de governo, para essa problemática uma política de armamento implantada em todo território brasileiro.

“Justiça e Democracia” que vem posteriormente a “Segurança”, obteve 22 menções, sendo a maioria destinada a menção à prisão do ex-presidente Lula. Houve também a preocupação em defender a liberdade de imprensa e a Constituição Federal, tendo em vista uma possível ameaça do PT aos princípios democráticos brasileiros.

Sob o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, **“Religião”** foi um dos apelos que obteve 18 menções no discurso. O slogan bem como agradecimentos e “invocações” a Deus, foram os elementos mais citados.

Houve também 16 menções a **“Posicionamentos do cenário político nacional e internacional”**, sempre em tom de ataque a países como Venezuela e Cuba. Considerou-se nesse nó, a imagem que a candidatura destaca sobre sua votação favorável ao impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT).

“Posicionamentos sobre políticas e reformas” e menção à **“Facada”**, obtiveram ambas 12 menções na propaganda eleitoral do candidato Jair Bolsonaro. Defesa da redução da maioridade penal (e consequente crítica ao Estatuto da Criança e do Adolescente), políticas para mulheres, oposição ao Estatuto do Desarmamento e a legalização das drogas, guiaram o tema “Posicionamentos sobre políticas e reformas”.

Cabe ressaltar que, igualmente ao discurso provocado no *Twitter*, a ideia ampla da agenda de políticas para mulheres é, para o candidato, o investimento em segurança. A campanha no HGPE levantou, inclusive, estatísticas de violência doméstica e estupros, sempre culpabilizando o Partido dos Trabalhadores pela ausência de políticas públicas efetivas para garantia da segurança das mulheres.

“**Economia**” foi um assunto de menor relevância na proposta de campanha eleitoral, tendo apenas 6 menções que versavam sobre a importância do livre mercado e a defesa da propriedade privada. O mesmo ocorreu com “**Não classificáveis**”, que somaram apenas 2 menções, sendo ambas de informes e indicações de matérias.

Assim, pode-se afirmar que os temas que foram de maior interesse na propaganda eleitoral foram respectivamente: “Eleições”, “PT”, “Corrupção”, “Posicionamento ideológico de direita”, “Sexualidade”, “Pessoal”, “Segurança”, “Justiça e democracia”, “Religião”, “Posicionamento sobre o cenário político”, “Posicionamento sobre políticas e reformas” e “Facada” (que foram equivalentes, ou seja, apareceram no discurso na mesma quantidade de vezes), “Economia” e “Não classificáveis”. Ou seja, “Sexualidade”, foi o quinto tema de maior interesse na propaganda eleitoral da candidatura.

3.4 Encontrando o Discurso de Jair Messias Bolsonaro: Análise geral das categorias no discurso amplo (*Twitter* e HGPE)

Via de regra, a construção da intenção de voto do eleitorado é fortemente influenciada pelas estratégias de campanha adotadas pelas candidaturas durante o período eleitoral. Do mesmo modo, os temas sustentados pelo discurso político estão intimamente ligados aos temas de interesse público.

Então, pode-se dizer que os temas abordados pela candidatura, no decorrer das eleições foram de interesse de cidadãos e cidadãos brasileiros, haja visto a ressonância que obtiveram. Ou seja, a condução ao primeiro turno, a vitória de Jair Bolsonaro e a ampliação de sua bancada partidária, demonstram que o partido, antes inexpressivo no cenário nacional, não só elegeu um presidente, como também ascendeu através do aumento de suas bancadas.

Seja através da rede social ou somente por meios de comunicação tradicionais, como rádio e televisão, e, a despeito das diferenças que lhes cabem, percebeu-se que ambas estratégias de comunicação, utilizadas no *Twitter* e HGPE, articulam o discurso sob os mesmos critérios de interesse.

Se analisarmos o conteúdo veiculado em ambos meios de comunicação, utilizados na campanha eleitoral, perceberemos que os temas centrais do debate pouco modificam, conforme segue.

Análise Geral dos Temas do Discurso Amplo (*Twitter* e HGPE)

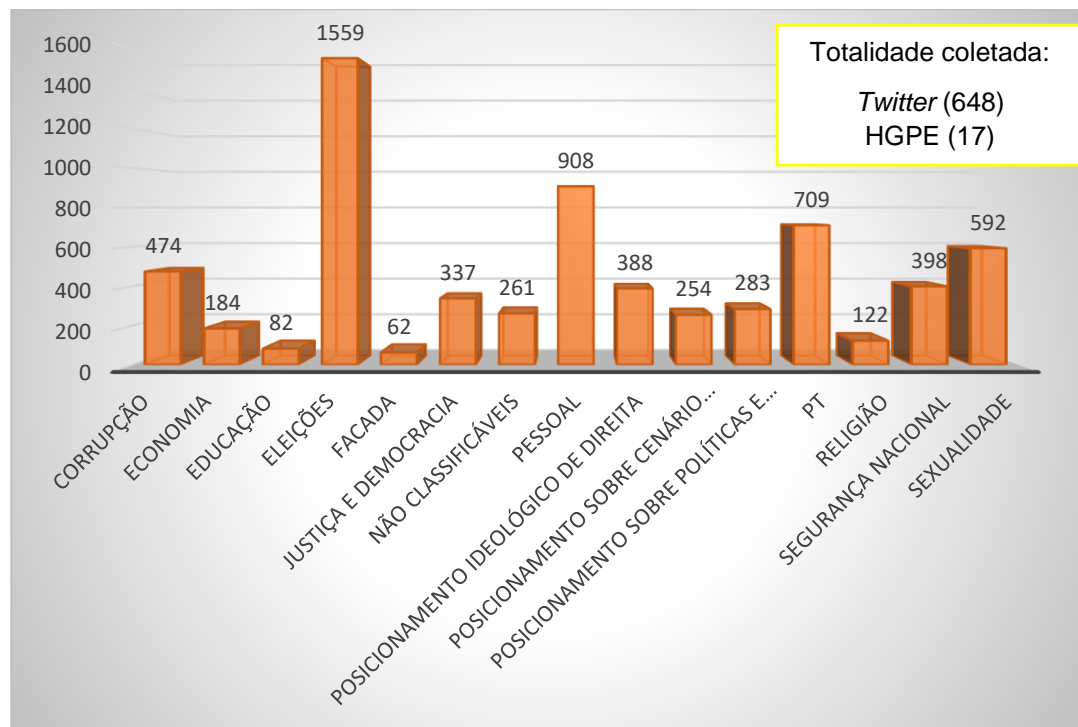


Figura 6. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter* e HGPE.

Analisados os conteúdos veiculados em ambos canais de comunicação, ou seja, copilando os dados dos gráficos 1 e 2, concluiu-se que o tema “Eleições” se manteve como o tema mais adotado na campanha eleitoral. Também importante destacar que os demais temas pouco modificaram as posições de prioridades no discurso, se for considerado a forma isolada da análise do *Twitter* e HGPE realizado nas seções anteriores.

Assim, com base na investigação, pode-se afirmar que os temas mais relevantes das eleições de 2018, no conjunto da campanha eleitoral, ou seja, no *Twitter* e no HGPE, são na ordem: “Eleições”, “Pessoal”, “PT”, “Sexualidade”, “Corrupção”, “Segurança”, “Posicionamento ideológico de direita”, “Justiça e democracia”, “Não classificáveis”, “Posicionamento sobre políticas e reformas”, “Posicionamento sobre o cenário político”, “Economia”, “Religião”, “Educação” e

“Facada”. “Sexualidade”, portanto, é o quarto tema que deteve maior importância a candidatura na agenda de campanha.

3.5 Considerações

Analisados isolados e o conjunto dos meios de comunicação utilizados para a construção discursiva da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, algumas premissas precisam ser consideradas. Por exemplo, a campanha eleitoral, veiculada no HGPE, no primeiro turno, trouxe poucos elementos (se for considerado oito segundos televisivos), mas que no amplo aspecto corroboraram para a construção discursiva que estava sendo realizada no *Twitter*.

Sobre isso, argumenta-se que os discursos curtos e objetivos juntamente com o design adotado nas propagandas eleitorais, alimentaram o sentimento provocado, quer ser ele, o da mudança. No *Twitter*, o apelo era reconduzido, para uma agenda de temas que construíram a totalidade discursiva.

Na provocação dada ao eleitorado no HGPE, percebeu-se que se fez presente no discurso o interesse de convite, para que o eleitorado buscasse conhecer a candidatura que representaria a mudança e no *Twitter*, esse discurso articulava a ideia da mudança a temas melhor explorados. Os apelos eleitorais, que estiveram no nó “Eleições”, mostram na análise realizada, que esse elemento foi muito explorado.

Outra premissa, a ser considerada é que elementos patriotas estiveram presentes na construção discursiva. Com isso, apesar das diferenças entre os materiais investigados, pode-se afirmar que a candidatura se apresentou em todos temas abordados, sob o pano de fundo patriota, como aquele que romperia com as velhas práticas políticas e instalaria a ordem social, através de valores éticos, cívicos, morais e cristãos.

Sobre a pertinência dos temas, percebeu-se que o tema da “Sexualidade”, objeto principal de análise nessa pesquisa, esteve na lista de prioridades da candidatura, sendo o quarto tema de interesse, e estando atrás apenas de “Eleições”, “Pessoal” e “PT”.

No próximo capítulo, se perceberá que este tema esteve atravessado em demais grandes temas do discurso. Esse aprofundamento da investigação, tornará possível não só identificar e analisar os elementos do discurso, como também, conhecer a significação de mundo que a candidatura se coloca em relação à sexualidade.

4 Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso: categorização de temas e análise do discurso amplo

4.1 Introdução

Como viu-se no capítulo anterior a “Sexualidade” foi um dos temas que mais preocupou a candidatura de Bolsonaro nas eleições de 2018. Sob um olhar conservador, o tema impulsionou divisões sociais que alimentaram o discurso amplo e fortaleceram a construção de antagonismos que reconheciam a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero/Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros (LGBTQIA+) como uma das ameaças ao *status quo* da sociedade.

Assim, pode-se dizer que os interesses do eleitorado de Jair Bolsonaro encontraram elementos em seu discurso que provocavam a necessidade de uma cultura ética e moral na política. Ou seja, se verá aqui, que é inegável que, em 2018, correlacionaram-se forças conservadoras que construíram uma agenda ampla que visou à defesa de um estereótipo de família – a heterossexual –, o rompimento com o Estado Laico, garantido constitucionalmente no Brasil, e a busca pela invisibilidade das lutas sociais identitárias.

As estratégias discursivas adotadas em oposição às sexualidades não-hegemônicas – representadas pela população LGBTQIA+ – demonstram atravessamentos no discurso que rompem com uma agenda identitária que no Brasil, são via de regra, protagonizadas por partidos progressistas. Apesar de não serem objeto de análise nesse trabalho, o tamanho e a forma como se dá o protagonismo nessas agendas, cabe aqui ressaltar que se perceberá que o discurso construído seja no *Twitter* ou no HGPE, é de oposição a esses partidos, justamente por tal acusação, qual seja, a de considerar que estes privilegiam essa população nas políticas públicas.

Sobre essa acusação, será percebido na análise realizada nesse capítulo, que os antagonismos identificados foram contra o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Destaca-se aqui o PT, tendo em vista que foi o partido, que na análise ampla, esteve presente enquanto grande nó, em razão da intensidade de vezes em que incidiu na totalidade discursiva.

Cabe aqui ressaltar que o primeiro ano do governo Lula (2002-2006) foi, de fato, ainda que de forma reduzida, um momento em que as pautas da diversidade se deslocaram de uma agenda estritamente de segurança e saúde, para um espaço de participação social²⁰ e rearranjo político. Isso se deve tendo em vista a abertura de diálogo que o Partido dos Trabalhadores promoveu junto à população LGBTQIA+ e em especial em decorrência do Programa Brasil sem Homofobia (2004), criado pelo governo petista, o qual visava o combate à homofobia no território nacional.

O que se quer dizer com isso é que a construção discursiva de Bolsonaro analisada neste capítulo, coloca os partidos de esquerda, em especial o PT, como àqueles que privilegiaram as demandas minoritárias em detrimento dos interesses das majorias. Assim, é importante trazer essa premissa, com o objetivo de compreender

²⁰ A população LGBTQIA+ historicamente foi pautada nas agendas de governo no âmbito da saúde, através de políticas para prevenção e tratamento do HIV/AIDS e na segurança, através de ações do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH). De acordo com o PNDH-2 (2002), por exemplo, é preciso assegurar atenção às especificidades e diversidade cultural das populações, as questões de gênero, raça e orientação sexual nas políticas e programas de combate e prevenção das DST e HIV/AIDS, nas campanhas de informação e nas ações de tratamento e assistência. Também tem por objetivo, propor o aperfeiçoamento da legislação penal no que se refere à discriminação e à violência motivadas por orientação sexual. Já, no PNDH-3 (2007), por exemplo, dispõe que a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República deve fomentar a criação de redes de proteção dos Direitos Humanos a essa população. Em se tratando do governo petista, é possível citar também, o deslocamento dado no Plano Plurianual, através de uma das diretrizes, que versa sobre o combate à discriminação aos homossexuais, com a garantia de seus direitos. Ainda nessa legislação, tem-se como desafio fortalecer a cidadania com a garantia dos direitos humanos, respeitando a diversidade das relações humanas. Ou seja, há sem dúvida, algumas mudanças no modo como a pauta é abordada pelo governo, ainda que efetivamente, tenha ocorrido poucas ações que coubessem aos órgãos estatais. Pode-se dizer que as ações do Brasil sem Homofobia, foram em grande medida, de forma dispersa, colocadas como incentivo a ONGs ativistas e dando visibilidade a pauta, na qual o governo de fato deu voz em espaços importantes. Pode-se citar como marco histórico, o discurso de Lula (PT), presidente na época, na I Conferência Nacional de Políticas Públicas para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, intitulada “Direitos Humanos e Políticas Públicas: O caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais”, ocorrida em junho de 2008. Na abertura, ele se disse orgulhoso por ser um presidente que convocara um evento de reparação histórica. Ele também, fez questão de colocar um boné da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) e segurar a bandeira do arco-íris, símbolo do orgulho e do movimento LGBTQIA+, desde a década de 1970.

que a discursividade aqui explorada, pautará uma disputa hegemônica polarizada também nesse sentido.

Assim, este capítulo organiza-se em quatro momentos. Na primeira seção, será abordado como foi conduzido o lugar da sexualidade no discurso de Jair Bolsonaro, em 2018, no *Twitter*. Importante explicar que essa análise, foi mais detalhada, tendo em vista, a grande quantidade de *Tweets*.

Na segunda seção, de forma mais reduzida, será analisado como se deu a sexualidade na articulação bolsonarista no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). A redução deste material se dá, tendo em vista que há uma reutilização de propagandas eleitorais e deste modo uma repetição de elementos utilizados na análise. Em ambas as seções, serão discutidos quais foram os significantes que agendaram o tema da sexualidade e de que forma, foram conduzidos na totalidade discursiva.

Na terceira seção, igualmente ao capítulo anterior, copilam-se os dados encontrados nas análises realizadas nas seções anteriores e demonstra-se a cadeia de equivalências que constituíram a construção discursiva sobre a sexualidade nas eleições de 2018, no conjunto da campanha eleitoral.

Ao final, são realizadas algumas considerações dos materiais analisados, dialogando sobre o quanto o tema esteve atravessado direta e indiretamente no discurso amplo. Apresenta-se depois, a compreensão do trabalho sobre a significação de mundo que a candidatura se coloca em relação à sexualidade.

4.2 Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso de Jair Messias Bolsonaro no *Twitter*: análise das categorias no discurso amplo

Como se viu no capítulo anterior, a “Sexualidade” foi um dos temas de maior relevância dentro da agenda de campanha, sendo abordada 566 vezes no *Twitter* durante as eleições. Este, ficou atrás apenas dos temas “Eleições”, “PT” e “Pessoal”.

Mas de que forma essa abordagem foi realizada? Quais foram as estratégias adotadas nas eleições de 2018? Para responder a esses questionamentos é preciso analisar como foi construído o discurso, ou seja, no sentido de Laclau e Mouffe (2015),

quais elementos, antes dispersos no social, articularam-se entre si, e quem foi ou quais foram os inimigos comuns a essas demandas articuladas.

Antes de qualquer coisa, primeiramente é preciso explicar quais foram os critérios utilizados para categorizar o discurso da sexualidade na candidatura analisada. Um deles, parte da ideia de que gênero e sexualidade²¹ são desvinculados ao fator biológico e que as demandas da população LGBTQIA+ representaram uma ameaça para o social, na visão da candidatura, no contexto das eleições de 2018.

Assim, na análise dos *tweets*, veiculados em 2018, pela candidatura de Jair Bolsonaro, percebeu-se que os apelos foram categorizados através de quatro nós, os quais assumiram uma demanda comum: Defesa da Família tradicional, Defesa da Educação Tradicional, Defesa de Princípios Religiosos e Defesa de que “todos são iguais”. Desta forma, utilizando o *Nvivo*, foi possível perceber quais desses nós, protagonizaram o discurso e de que forma.

É importante mencionar que, para a organização da pesquisa, em cada nó, alguns elementos foram considerados, com o objetivo de manter uma uniformidade de critérios de classificação, tal como no capítulo anterior. Ou seja, elementos secundários, que serão discutidos no decorrer deste capítulo, fortaleceram os nós primários.

²¹ A compreensão de identidade de gênero e sexualidade adotados neste trabalho parte das ideias provocadas pela terceira onda feminista, que surge nos anos 1990, respondendo as falhas da segunda onda. Ou seja, é quando se passa a apontar que não são características biológicas e fisiológicas que definem as diferenças entre homens e mulheres, mas, isto sim, a forma como a linguagem constrói essas diferenças, como também explicou Meyer (2010). A partir daqui, a argumentação feminista voltou-se a compreender os modos como são valorizados, representados, distinguidos e reconhecidos o que é feminino e o que é masculino, ou seja, o que se pode dizer sobre homens e mulheres que vai constituir efetivamente o que passa a ser vivido e definido como masculino e feminino, em uma dada cultura e um determinado momento histórico. A exemplo, segundo Louro (1997. p. 27) tanto a identidade de gênero quanto a sexualidade são construídas e não são dadas ou acabadas num determinado momento. Nesse sentido, não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida.

Análise do Tema da Sexualidade no Discurso do Twitter (%)

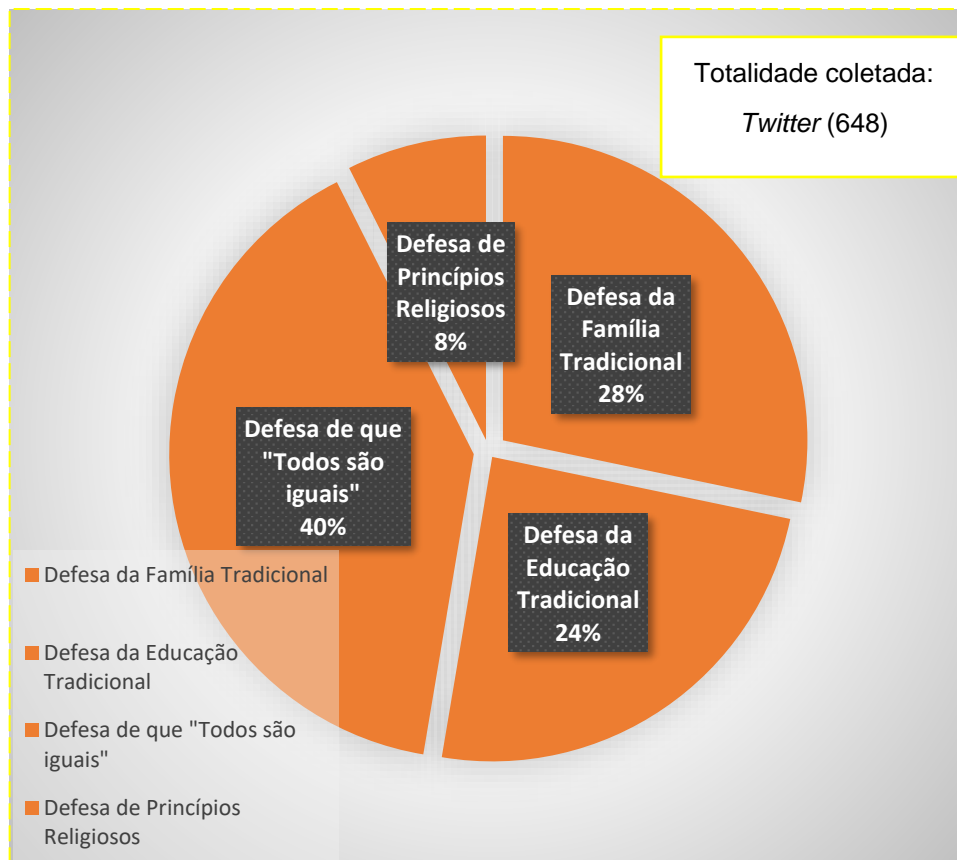


Figura 7. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter*.

Do mesmo modo como a análise do capítulo anterior, os nós agiram tanto como elementos-momentos em relação a outros nós, como também foram construídos internamente por outros elementos-momentos que permitiram que o nó exercesse sua função dentro da prática articulatória.

Pode-se dizer então que, a partir de uma totalidade de 566 abordagens do tema sexualidade, **“Defesa de que ‘todos são iguais’”** foi o nó (ponto nodal) que esteve mais presente nos *tweets* da candidatura, aparecendo em um total de 226 vezes. Considerou-se nesse nó, o apoio de sujeitos LGBTQIA+ à candidatura²², menções à

²² A candidatura de Jair Bolsonaro, tendeu a se desvincular de acusações de machismo, racismo e homofobia, ao longo das eleições de 2018. Uma das estratégias adotadas para isso foi enfatizar o apoio desses sujeitos no *Twitter*. Pode-se citar, Amin Taher Khader, homem gay, promotor de eventos, repórter, ator e humorista brasileiro, conhecido por suas coberturas de eventos do meio artístico. Lili Ferraz, conhecido maquiador de famosos do meio artístico, também é um dos nomes que consta dentre os apoiadores da candidatura.

LGBTQIA+ e minorias enquanto cidadãos como outros quaisquer, oposição à LGBTQIA+ e apelos no que diz respeito a divisões sociais de gênero e sexualidade.

Nesse último apelo, cabe explicar que a candidatura considerava um problema, a divisão social, e que todos deveriam ser reconhecidos pelo governo sem diferenciações, a fim de que não se priorize a população LGBTQIA+ – que representariam uma minoria – em detrimento do que, segundo Bolsonaro, representaria a maioria da população (referência a heterossexuais).

Desse modo, os *tweets* em que a candidatura defendia ideias que giravam em torno da expressão “todos somos iguais”, percebeu-se sérios problemas, que demonstravam conflitos no que seria de fato igualdade/equidade de direitos. Mas segundo, Bolsonaro, a intenção dessa defesa seria de que, ao evitar diferenciações, atribuir-se-ia uma totalidade social.

Todavia, na prática, no conjunto da análise, percebeu-se que o tratamento de equidade/igualdade atribuído, visava à exclusão das pautas identitárias e, deste modo, dos direitos e da própria população LGBTQIA+. Tratava-se de uma lógica equivocada no que diz respeito a inclusão social destes sujeitos.

De fato, muitos *tweets* de Bolsonaro são dedicados a defender essa afirmação de “todos somos iguais”. A exemplo disso, no tweet postado em 24/10/2018, o então candidato defendeu a necessidade da equidade na forma como o governo percebe a população.

Na ocasião, ele afirmou que os sujeitos deveriam ser valorizados por caráter e competência, sem diferenciações por “sexo ou cor”. Segundo ele, a ideia seria não dispensar tratamento especial aos sujeitos enquanto “coitadinhos”, de forma descabida (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 24/10/2018, 18h33min). Ou seja, é possível perceber que há um estereótipo adotado no discurso, no qual reconhece que as minorias históricas, sem acesso a políticas públicas, são vitimizadas, sem fundamento para tal.

O tema aparece também, sendo atravessado no discurso contra os partidos de esquerda, em que Bolsonaro investe no discurso de que o Brasil não poderia “parar por conta de minorias, a qual a oposição defende”. Na mesma oportunidade, ele acusa a oposição de ser intransigente, não aberta ao diálogo e que, segundo ele, sempre quer “fazer valer a sua vontade” sobre a maioria da população.

Percebeu-se, assim, que foi recorrente essa estratégia discursiva de acusar a esquerda enquanto responsável pelas segregações sociais e regimes de exceção. Ou seja, ele afirma no *Twitter* que binarismos e separações raciais, são práticas típicas de "ditaduras de esquerda" (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 16/10/2018, 14h09min).

Percebeu-se neste nó, a tentativa do discurso, ao negar e criticar a forma como são reconhecidas as diferenças sociais, de agir para o aprofundamento do apagamento da população LGBTQIA+ e suas pautas, mesmo quando havia elementos que poderiam promover a ideia de que há interesse, por parte da candidatura, na preservação dessa população.

Em um material visual, veiculado em 16 de outubro, a candidatura abordando o tema da segurança pública, fez a defesa de punição mais rígida nos casos de crimes passionais, independentemente da sexualidade da vítima. Nesse material, ele salienta que mulheres são as mais atingidas, mas também homossexuais.

Como parlamentar, propus penas mais severas para crimes passionais, independentemente de sexualidade. Mulheres são as maiores vítimas desses crimes, que também atingem homossexuais. Seguirei defendendo que todos somos iguais, perante a lei, e que assassinos sejam punidos duramente! (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 10/10/2018, 20h42min)

É curiosa a forma como a população LGBTQIA+ é colocada no *Twitter* ao longo da campanha. É nítido que há a tentativa de inseri-la no discurso, como uma espécie de acréscimo a outras demandas que já constam como sendo necessárias.

Considerando o caráter secundário em que os sujeitos LGBTQIA+ são abordados, fica evidente ao longo da campanha, que os direitos sociais dessa população, no que diz respeito as políticas públicas, não eram prioridade. A invisibilidade destes sujeitos, colocava-se no discurso, a partir de um *heterocentrismo* e na medida que se negava a existência das diferenças de gênero e sexuais.

Por exemplo, foi comum perceber a presença de expressões como "mas também homossexuais", sendo que nessas discussões, estes sujeitos, reiteradamente estavam atrelados a discursos que enfatizam o "todos somos iguais". Há de se considerar a existência de divergências epistemológicas nessa expressão, o que acaba por demonstrar que a equidade/igualdade suscitada recaía de forma contrária à proposição, ou seja, promovia o apagamento dessa população e não a prometida inclusão.

Por exemplo, é possível citar uma *live* ocorrida no segundo turno, veiculada no Facebook e replicada no *Twitter*. O objetivo da *live* era prestar esclarecimentos frente às acusações de que Bolsonaro seria contrário às pessoas com deficiência.

O fato refere-se ao PL 7699/06, que institui o Estatuto do Portador de Deficiências e dá outras providências. Bolsonaro afirmou que votou simbolicamente contra parte da legislação em razão da inclusão da população LGBTQIA+.

Frente acusações de que a candidatura teria negado a lei de inclusão, ele admitiu que queria barrar a tentativa de partidos de esquerda de incluir os sujeitos LGBTQIA+ na legislação, o que ele claramente, demonstrava discordância na época. Isso torna evidente a lógica que permeava o ponto nodal “Defesa de que ‘todos são iguais’”.

Segundo a candidatura, a inclusão deveria ser para todo mundo e não teria que ter relação com “opção sexual” (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 19/10/2018, 19h10min). Ele argumentara que não é possível criar uma subclasse dentro da emenda e que, por essa razão, por considerar que havia uma deformação da lei, ele e outros parlamentares votaram contra na época.

Nessa *live*, ele afirmou que há um ativismo muito forte da população LGBTQIA+ e que tudo acaba por os envolver dentro das pautas políticas. Segundo ele, o Estado “não tem nada que ver com isso” e que em Brasília, tudo, tem alguém do PT, PCdoB e PSOL para fazer uma “emendinha”, “para chamar a atenção de quem é bissexual, transgênero, gay, seja lá o que for” (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 14/10/2018, 19h10min).

A candidatura, que colocou esse assunto em discussão em diversos momentos no *Twitter*, afirmou que “não podemos aceitar isso”, e que “somos todos seres humanos, com direitos e deveres iguais”. Ele reiteradamente afirmou que não seria legítimo criar classes especiais “só porque o elemento diz que é ou porque é mesmo, para ter privilégios numa lei” (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 19/10/2018, 19h10min).

Bolsonaro, na sequência do pronunciamento, na ocasião da *live* analisada, atacou o seu adversário, Fernando Haddad (PT), afirmando que ele estaria mentindo ao dizer que ele (Bolsonaro) havia votado contra um projeto que teve votação simbólica. Ele acrescentou que era a favor da legislação, mas admitiu que era contra a “questão LGBTQIA+”.

É importante salientar que esse assunto esteve atrelado a diversos grandes temas do discurso da sexualidade e envolveu não só a candidatura, mas também seu filho, o parlamentar Eduardo Bolsonaro. O filho, também esclareceu, em diversas ocasiões, que o PL 7699/06 e a possível votação "simbólica" contrariavam a legislação que trataria do direito à saúde para pessoas com deficiência.

Em um dos vídeos compartilhados pela candidatura analisada, Eduardo Bolsonaro afirmou que o texto do PL em questão incluía que as ações e os serviços de saúde pública destinados a pessoa com deficiência deveriam assegurar o "respeito à especificidade e a identidade de gênero e orientação sexual da pessoa com deficiência" (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 19/10/2018, 19h10min).

Eduardo classificou na época, de forma agressiva, que os parlamentares que tentaram incluir essa pauta, são "deturpados mentais". Comumente, a pauta da sexualidade, esteve atrelada a discursos com esse tom, com acusações e estereótipos de doença mental.

O vídeo compartilhado por Bolsonaro, menciona ainda, a mãe do ator e escritor Gregório Duvivier, Olívia Byington, que já havia sido atacada por Jair Bolsonaro em outras ocasiões que versavam sobre o mesmo tema. Segundo a mídia compartilhada, Olívia, que é compositora, cantora e escritora, estaria disseminando a notícia falsa de que Eduardo e Jair Bolsonaro seriam contra a lei de inclusão.

Eduardo então, alertou seus eleitores e solicitou que checassem a veracidade das informações. E, demonstrando um discurso de oposição à esquerda, afirmou que a mãe de Duvivier é filiada ao PSOL e que esse seria um motivo para desacreditar, sob o argumento de que "não dava para acreditar em 'psolistas'".

Os discursos que envolveram a clara oposição à população LGBTQIA+ se fizeram muito presente, seja na forma de promover a ideia de omissão do Estado em relação a essas pautas, ou simplesmente pela oposição declarada a suas práticas e singularidades. Como exemplo desse primeiro caso, no dia 14 de outubro, a candidatura publicou, no *Twitter*, o apoio recebido de Lili Ferraz, maquiador(a) de famosos do meio artístico e que se identifica como homossexual.

Na ocasião da postagem, a candidatura declarou que todos são iguais e que o Estado não deveria “tocar nessa área”, referindo-se à pauta LGBTQIA+. Ao invés disso, segundo ele, seria preciso priorizar emprego e segurança, nas políticas públicas.

Ou seja, percebeu-se que Bolsonaro não aborda enquanto identidades sexuais e retira sua responsabilidade, se eleito, das pautas relacionadas ao respeito à diversidade, ao enfrentamento à intolerância e à violência de gênero, entre outras pautas e lutas dessa população.

Mostrando que a sexualidade apareceu atravessada em outros temas do discurso amplo e que Bolsonaro é contrário à ideia de divisões sociais, por compreender que tais divisões tem o objetivo de dar privilégios a determinados grupos sociais, no dia 8 de outubro a candidatura *twittou*: “Não vai colar essa divisão! O Brasil é um só e todos estamos no mesmo barco que afunda em violência e corrupção generalizada” (BOLSONARO, Jair Messias. *Twitter*, 8/10/2018, 13h22min).

Importante citar que não raras as vezes, esse assunto irritou a candidatura, que, na maioria das vezes, tratou como sendo um problema originado por partidos de esquerda. Atribuía nessas ocasiões uma culpabilização que esteve atrelada a outras críticas e acusações a esquerda como um todo.

Outro exemplo disso é a *live* postada no dia 7 de outubro, em que, ao lado de Paulo Guedes, Bolsonaro afirmou que só há duas saídas para o Brasil, o da prosperidade, da família, dos valores, ou ao que ele se dirige como “aquela gente” que mergulhou o país num abismo ético, moral.

Ele então, acrescenta, que é preciso unir o povo, unir os cacos que haviam construído no governo anterior, separando negros e brancos, colocando sulistas contra nordestinos, pais contra filhos e até mesmo quem tem opção sexual, jogando homossexuais contra heterossexuais. Segundo Bolsonaro (*Twitter*, 07/10/2018, 22h03min), sua candidatura tem a missão de unir o país para ser uma grande nação, já que, segundo ele, “somos um só povo, temos uma só bandeira e um só coração”.

Nessa mesma *live*, em que também está ao lado do filho Carlos Bolsonaro, e as vésperas do segundo turno, o candidato agradece os apoios. E dirige-se ele, “em especial aqueles que se viram divididos pelo 13 do PT” (referindo-se ao número da legenda do Partido dos Trabalhadores).

Ele então questionou: “Por que brancos e negros? Por que homossexuais e heterossexuais? Por que homens de um lado, mulheres de outro? Por que nordestinos de um lado, sulistas de outro? Pais contra filhos na lei das palmadas, rico contra pobre?”.

Ele, nessa ocasião, seguiu afirmando que ser rico no Brasil passou a ser motivo de vergonha e argumenta na sequência que o que ele quer dividir é riqueza e não pobreza, que são as marcas do socialismo e do comunismo. Na sequência, ele acaba falando de sua família, de sua filha de 7 anos e diz que fez uma brincadeira no passado, referindo-se a ela através da expressão "fraquejada", utilizada para compará-la aos filhos, homens.

Bolsonaro, então, assumiu que foi uma brincadeira na época e que tem que fazer piada de gaúcho, de cearense, entre outros. Ele então recorreu a máxima adotada na campanha, afirmando que "vão unir o povo" e que é linda a miscigenação, apesar de toda trajetória discursiva demonstrar sua dificuldade em abordar o tema da inclusão e reconhecimento da diversidade social.

Está chegando o momento da mudança; de nosso valor ser medido pelo nosso caráter, não pela nossa cor, sexo ou crença; de governar pelo exemplo; de se espelhar em grandes nações; de se livrar das amarras ideológicas; de pôr fim ao sistema falido que impera há décadas no Brasil! (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 5/10/2018, 15h41min)

Como se percebe, em alguns dos *tweets* citados, a estratégia adotada foi relacionar a culpa pela ruptura da totalidade social (divisões sociais) a outros aspectos ideológicos. Com essa estratégia, a candidatura se colocava no cenário político como a única mudança possível.

Em outra postagem, Bolsonaro (*Twitter*, 29/08, 9h34min) afirmou: "Destilando amor e diversidade: via @Odiodobem2²³" e, junto, a postagem de uma imagem que teria sido compartilhada pelo perfil do *Twitter*, "Ódio do Bem". Este último referia-se a um suposto perfil de um sujeito LGBTQIA+, a qual teria postado "eu venero os traficantes, tô imaginando Bolsonaro eleito e eles indo matar o Bolsonaro que sonho".

²³ O perfil oficial de @odiodobem2 no *Twitter* refere-se a um perfil de clara oposição a Bolsonaro, tendo como sua descrição "Jair Bostonaro". A postagem contida na foto compartilhada pela candidatura, não foi localizada para verificar sua veracidade.

A postagem da internauta, compartilhada pelo @Odiodobem2, seria referente a uma notícia (a qual foi citada de forma recorrente) na qual afirmava que o Comando Vermelho, uma grande facção criminosa no Brasil, haveria proibido propaganda e apoio a Bolsonaro no Ceará. O que se percebe é que a menção à população LGBTQIA+, de forma crítica, se faz presente em grande parte do discurso eleitoral de 2018, a despeito do conteúdo que seria abordado.

Isso quer dizer que, as críticas não se faziam aos sujeitos e aos seus discursos de ódio, mas ao fato de serem LGBTQIA+. Toda prática, de fato inaceitável, é reduzida ao ser, sentir e estar no mundo, dessa população.

É importante mencionar que as acusações de intolerância são rebatidas, seja desmentindo a veracidade do teor da acusação, seja acusando a esquerda de intolerante. Em um de seus *tweets*, a candidatura afirma que o acusam de intolerante, mas teria sido ele quem sofreu um atentado à faca, referindo-se ao crime em que fora vítima, ocorrido em Juiz de Fora (MG).

Assim, ainda neste nó, encontrou-se discursos que versavam sobre “Machismo e homofobia”, enquanto um assunto de interesse da candidatura, muito na tentativa de desfazer a construção da sua imagem de um candidato homofóbico e machista, como citado. Ainda assim, houve momentos em que a candidatura, na tentativa de desvincular-se dessa acusação ou fortalecer o discurso de “todos somos iguais”, fez com que contraditoriamente, elementos segregadores se fizessem presentes.

A *live*, ocorrida às vésperas das eleições, do dia 07/10/2018, também esteve presente nesse nó. Foi um momento em que Bolsonaro utilizou para prestar esclarecimentos frente a acusações e para desfazer possíveis *fake news*, envolvendo machismo, racismo e homofobia.

Em tom irônico, ele fala sobre racismo, afirmando que é daltônico já que seu sogro era “Paulo negão”. Ele seguiu então, na tentativa de desfazer possíveis *fake news*, como assim ele se refere, afirmando que todos são iguais e não há diferenças no país (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 07/10/2018, 21h18min).

Ele afirmou nessa ocasião, que a esposa torce para o Flamengo e ele para o Botafogo, confirmando que a lógica “todos são iguais” não é de fato para abordar pautas, caras a sociedade, como o racismo, a LGBTFobia, a misoginia e o machismo. Fica evidente o conflito de igualar temas que divergem de sua natureza.

Atrelando “a todos somos iguais”, ele então, afirmou na *live*, que faria um governo para os religiosos, inclusive para quem é ateu e também para os “gays”, afirmando que “tem gay que é pai e outros, mãe”. A ideia impressa no “todos somos iguais”, em se tratando da sexualidade, como já demonstrado ao longo desse capítulo, é secundarista, ou seja, anular as políticas para a diversidade, compreende a candidatura, seria trata-los com equidade.

Em outro momento, Bolsonaro em uma longa entrevista a jornalista Leda Nagle, presta também esclarecimentos a algumas acusações, a partir da pergunta da entrevistadora: “Você é homofóbico?”. Na entrevista que foi longa e descontraída para ambos, ele rebate afirmando que essa história havia começado em 2010, quando ele viu em um corredor da Câmara de Deputados, em uma sala fechada com uma série de pessoas que segundo ele “alguns pareciam que iriam participar da parada gay” uma discussão que o incomodara.

Ele então, afirma que perguntou na época para um colega militar se teria parada gay naquele dia na Câmara. Referindo-se as vestimentas dos presentes, ele afirmou para Leda que as pessoas não vão falar com um juiz de biquini e que na Câmara não dava pra ir com “aquela vestimenta”.

Então, Bolsonaro acaba explicando que, um militar presente havia dito que, eles estavam reunidos para discutir um material para combater a homofobia e que o que ele viu, na época, o espantou. Depois disso, ele teria visto um vídeo de 6 minutos de André Lazaro, ex-secretário de alfabetização do MEC, em que o mesmo afirmava que ficaram seis meses discutindo “onde a língua de uma menina entraria na boca de outra menina, para fazermos um filme de beijo lésbico, com o propósito de combater a homofobia” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Bolsonaro que imitava a possível fala do secretário na época, onde o mesmo estaria rindo, afirmou na sequência: “eu tive que entrar com as 4 patas em cima disso”. Ele argumentou que “passar um vídeo desses para criancinha de 6 anos de idade, nem gays querem isso” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Ele explicou que num primeiro momento, os ativistas o criticaram, mas que hoje já está explicado que ele não tem nada a ver com a maneira que cada um quer ser. A jornalista afirma, que de fato, nunca sabe dizer o que é, se é escolha sexual, ao passo que Bolsonaro acrescenta “não se sabe se é opção, se nasceu assim”.

A abordagem dada demonstra uma visão totalmente heteronormativa, e mais, que os desvios a norma são incompreensíveis, estranhos e anormais. Muito ligado a uma visão patologizante dos sujeitos, considerados “anormais”, a entrevista perpassa demonstrando uma visão de mundo em que está impregnada ao longo da construção discursiva sobre a sexualidade.

Na mesma entrevista, Leda afirmou então, que ser gay é uma questão individual e que se refere a adultos, não a crianças, questionando se o candidato concorda com isso. Bolsonaro rebate a pergunta dizendo que “nosso patrimônio são os filhos, que eles sejam melhores do que nós” e retoma a frase que “um pai não quer encontrar um filho de 6 anos de idade brincando de boneca por interferência da escola” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Na sequência ele afirma que com 12,13 anos de idade, idade esta que segundo ele ocorre o despertar sexual, o adolescente pode ter a “opção”, ou dizer que nasceu de uma determinada forma, mas isso seria uma questão familiar. A candidatura reconhece que quanto a isso, não tem nada a ver, mas que inserir esse tema na escola - ideologia de gênero -, ele não admitirá.

Ele então, não reconhece legítimo ensinar, nas palavras dele, “o Joãozinho ou a Mariazinha” que se quiserem, “podem ser o Pedrinho com 13 anos de idade” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min). Leda então contribui com a fala, afirmando que tem famílias que criam filhos sem definir seu gênero, para que eles escolham mais tarde o que serão.

Bolsonaro rebate, indignado, questionando, que quem nasce com órgão reprodutor masculino, como que faz para ter filhos mais adiante? Ele revoltado com o teor da discussão, segue afirmando “pelo amor de Deus, isso é genético” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

A candidatura nesse momento da entrevista, assume a visão biológica com que inscreve as sexualidades. O binarismo – homem/mulher – se reafirma então nas falas seguintes.

Ele acaba assumindo na entrevista que, uma minoria pensa dessa maneira (contrariamente à lógica biológica) e que escola não é lugar de aprender sexo, já que quem deve fazer isso é “papai e mamãe”. Revoltado, ele afirma que não vai impor o que uma minoria quer, sob uma maioria (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Ou seja, o tema que abordava as sexualidades, passa a versar sobre a prática sexual em si, referindo-se à educação sexual. Prática muito comum adotada no discurso, qual seja, colocar o sexo, tratado como um tabu, para argumentar o insistente, apagamento das sexualidades.

Bolsonaro seguiu na entrevista, afirmando que uma vez chegou a exagerar e disse que daqui a pouco um pai vai descobrir que uma menina de 8 anos adquiriu uma doença venérea, e que perdeu a virgindade a 2 anos. Ele reconhece que seria isso que aconteceria com o modelo de educação proposto.

Para além do nó “Defesa da educação tradicional”, que se fez presente, percebe-se que houve uma preocupação na candidatura em esclarecer possíveis acusações de homofobia, mas que repercutiram contrariamente a tal propósito. A exemplo disso, Bolsonaro vinculou o tema a casos de pedofilia retomando seu entendimento sobre a performance “*La Bête*”.

Para além de atrelar a homossexualidade a pedofilia, prática muito comum no meio conservador, ele afirmou que “o natural é contar ao pai ou a mãe” referindo-se ao abuso sexual infantil. Segundo ele, esse seria o propósito ao colocar “ideologia de gênero” na escola, qual seja, modificar essa realidade e fazer com que a criança não falasse mais a família, casos como esse, já que consideraria normal.

Bolsonaro demonstrando incômodo, afirma na sequência que “é isso que esses tarados, esses psicopatas querem fazer com a nossa juventude”. Segundo ele, uma juventude que não possui educação, porque não conhece conteúdos duros, citando na ocasião o conteúdo da tabuada (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Esse elemento, presente também no nó “Defesa da educação tradicional”, configurou-se como sendo um discurso que versava enquanto prática de homofobia, apesar da tentativa de desfazer tal imagem. Estaria desse modo, a educação tradicional, para a candidatura, nas mãos do eleitorado, sendo sua candidatura a única mudança possível para que não “deturpem a cabeça das crianças em sala de aula” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Leda questionou então, se ele é contra adoção de casais homoafetivos. E Bolsonaro que fica nitidamente incomodado, diz que não tem que ser contra, nem a favor, mas afirma que tem uma lei maior – a constituição brasileira – que diz o que é família e que lá diz que família é “homem e mulher” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Ele afirmou que para corrigir isso, deveriam apresentar uma emenda para dizer que isso se estende a casais homoafetivos, alterando para colocarem como família, a união de 2 seres humanos, de forma “genérica”. Ele disse que depois disso, ele passaria a dizer que casais homoafetivos são família também, mas no momento, a lei diz que é homem e mulher (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Após a declarada aversão a família homoafetiva, ele foi questionado sobre esse posicionamento, mas a candidatura acabou afirmando que não tem medo de suas posições, nem que isso o faça perder votos. Ele assume que não seria "bundão, cheio de não me toques", como outros candidatos (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Bolsonaro, na longa entrevista, disse também, que está dando sua opinião e ironizando, afirma que nem ele nem ela (Leda) sabem se um dos dois é gay ou lésbica. Ele assume que poderia ser, mas Leda rebateu que ele não parecia (demonstrando a vinculação a estereótipos atrelados a gênero e sexualidade).

Leda na sequência, brinca dizendo que ela não é mesmo. Em tom mais íntimo da entrevista, ele inclusive afirmou que o que se faz em 4 paredes, diz respeito somente a nós, e que “tem caras que tem prazer em contar para os outros” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min).

Bolsonaro, depois, ratificou sua preocupação através da afirmativa: “deturpar a cabeça de criancinhas na escola, que é o patrimônio do pai e da mãe” (BOLSONARO, *Twitter*, 3/09/2018, 5h04min). Em um trecho descontraído para ambos na entrevista, Leda retoma o assunto, questionando se ele é gay e Bolsonaro rindo afirma, que se fosse gay seria virgem, pois ninguém iria querer um cara magrelo (ambos riram).

Bolsonaro nessa entrevista ainda esclareceu a polêmica de ser contra mulheres, que segundo ele nunca teria dito algo que remetesse a tal acusação. Segundo ele, o que importa é a competência e que em uma hospitalização, ninguém busca saber se o médico é homem, mulher ou gay.

Ele segue o assunto, falando de sua filha de 7 anos, contando a entrevistadora que ela – a filha – algumas vezes participou de vídeos, mas que no caso do vídeo sobre livro que “ensina crianças a fazer sexo na escola” – referindo-se ao vídeo sobre “*kit gay*” – ele pediu para ela sair (segundo ele, seu vídeo teve 40 milhões de acesso, e foi resultado de uma irracionalidade do PT).

A longa entrevista, caracterizada por falas sexistas, é encerrada quando Bolsonaro atrela gênero a características socialmente reconhecidas como sendo femininas e masculinas. Isso porque, ele afirmou que ver uma filha com namorado é diferente de ver um filho com namorada, já que o menino é reconhecido como “machão” ao relacionar-se, diferentemente da menina, que segundo a candidatura é tida como “frágil”.

Em outra postagem, da candidatura, ele advertiu sobre uma matéria de mortes da população LGBTQIA+, cujas quais são reconhecidas como vítimas de homofobia, no jornal “O Globo”. A partir dessa afirmativa, a candidatura argumentou que a matéria não seria confiável, pois é baseada em matérias de jornais e não inquéritos policiais.

A ausência de credibilidade dada a reportagem é acompanhada de uma tentativa de desfazer uma possível acusação de homofobia. Isso é percebido quando a candidatura afirmou que os dados contidos na matéria demonstram um desrespeito aos homossexuais que segundo ele, sofrem com a violência, mas são tratados pelas mídias como ferramenta ideológica.

Percebe-se na postagem, que o discurso é confuso e não descarta a existência da violência em si. No entanto, percebeu-se que a disputa ideológica, algo recorrente na discursividade, para a candidatura, é algo mais importante do que os crimes de homofobia em si.

Importante dizer que, nas oportunidades em que a candidatura esclareceu sobre possíveis posicionamentos homofóbicos, e citou políticas para seu enfrentamento, sujeitos LGBTQIA+ apareceram em carácter secundário. Isto quer dizer que, a pauta da diversidade apareceu como adentro na máxima defendida, “todos somos iguais”.

A exemplo disso, em uma reportagem compartilhada, cuja fonte não foi identificado na análise, Bolsonaro (*Twitter*, 3/10/2018, 14h28min) trouxe notícias eleitorais e alguns tweets polêmicos que tratavam de sua candidatura. Uma delas, traz esclarecimentos do candidato frente a acusação de homofobia e machismo.

Na ocasião, a resposta é dada a partir de sua autoria no projeto 5242/2013, o qual tornaria homicídio passional em hediondo, independentemente de sua natureza, decorrente de relação afetiva ou homoafetiva.

Bolsonaro (*Twitter*, 3/10/2018, 7h27min) em outro material, retomando a pauta da população em questão dentro do tema da segurança, compartilha no *Twitter* um card cujo título diz “mais alguns dos muitos detalhes que omitem”. No card tem a

imagem de Bolsonaro, com o seguinte texto: "Autor do projeto de lei 5242/13, que torna crime passional em hediondo independente de sua natureza sexual".

Na análise, percebeu-se que a pauta da diversidade, quando foi abordada, no sentido de promoção de cidadania e enfrentamento e combate à violência sexual e de gênero, esteve atrelada as pastas de segurança. Também, a critério de um adentro, esta pauta apareceu na grande maioria das vezes, de forma secundária, a fim de dar conta de acusações de machismo e homofobia.

Também, atrelada a ataques, ao PT e mídias, homofobia apareceu na postagem do perfil oficial Jair M. Bolsonaro, dando respostas aos internautas sob acusações frente ao tema. O card compartilhado com sua imagem, trazia supostas frases de Lula:

"Pelotas é cidade pólo, né? Exportadora de veado! (Homofobia)", "O Hitler mesmo errado tinha aquilo que eu admiro num homem (nazismo)", "cadê as mulheres do grelo duro do nosso partido? (estupidez e misoginia)", "Ela não é nenhuma nordestina. Ela é uma mulher bem formada" (xenofobia), "Ele nunca suportou negro. Em nosso tempo de namoro, ele dizia que detestava negro...(racismo), (ex-mulher falando)". "Se fosse Bolsonaro se faria textão, mas como foi do Lula, será ignorado" (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 23/09/2018, 19h19min)

Culpabilizar terceiros com acusações que são para si, foi também, uma estratégia adotada nesse período. O que demonstrou uma outra forma, de lidar com acusações.

Ou seja, prestava-se esclarecimentos, mas desfocava-se a acusação direta direcionada a sua candidatura, nos casos que versavam sobre homofobia, racismo, xenofobia, etc. Essa estratégia permitia desfocar o conteúdo que não o favorecia.

O segundo nó que mais preocupou a candidatura foi "**Defesa da Família Tradicional**", a qual apareceu 160 vezes no discurso. Esse nó considerou elementos, como: oposição ao aborto, defesa dos valores familiares (instaura-se aqui a ideia de família de bem) e defesa da infância.

Esse nó esteve atrelado a vários significantes da campanha, sendo como premissa aqui, relevante de ser considerada, o fato de que Bolsonaro se coloca como defensor da família tradicional. Família está, que via de regra, estava em ameaça caso houvesse a ascensão de governos de esquerda.

Considera-se também, a existência de muitos antagonismos, que igualmente, podem ser percebidos nos demais nós criados em torno da sexualidade. Antagonismos estes que estiveram inclusive, relacionados a outros temas da discursividade.

Pode-se citar que os principais antagonismos percebidos aqui foram: partidos de esquerda, em especial o PT, população LGBTQIA+ e não-religiosos. Estes foram atacados de forma ríspida, evidenciando a existência de marcadores sociais de gênero e de sexualidade como critérios para a construção antagônica.

Um *tweet* relevante nessa análise, diz respeito a *live* postada no *Youtube* e replicada no *Twitter*, no dia 24 de outubro, momento próximo ao segundo turno eleitoral. Na oportunidade, foi possível perceber o atravessamento religioso, que será também importante para o nó “Defesa de princípios religiosos”.

A *live*, que já fazia parte da agenda diária de campanha do segundo turno, tinha como título: “Novas informações e mentiras que estão sendo difundidas a meu respeito”. Boa parte do discurso, ou a candidatura atacou seus adversários políticos (considerados inimigos) ou prestou esclarecimentos frente a acusações ou ambas as coisas.

A *live* tinha como objetivo prestar esclarecimentos frente a acusações, ou como a candidatura citou, prestar esclarecimentos frente “às mentiras e fake news do PT”. Nela, por diversas vezes, Bolsonaro argumentou que sem mentira, o PT não existiria.

Ele então, na sequência de esclarecimentos e em tom de deboche, acaba afirmando que se buscarem o PT, vão encontrar apenas corrupção e “*kit gay*”. Introduz-se nessa análise, o que compôs boa parte do discurso.

O “kit gay”²⁴ será tema do próximo nó analisado, mas é importante esclarecer que ele faz parte de um excesso de elementos do discurso, que a candidatura considerou como sendo uma ameaça à família tradicional. A família aqui foi considerada como algo sagrado, ligado ao modelo cristão e ao modelo heterossexual normativo.

É possível perceber isso na *live* citada, quando Bolsonaro (*Twitter*, 24/10/2018, 21h) afirma:

“[...]E parece que tem gente que se esqueceu, nós precisamos valer o valor da família no Brasil. Você vê o Haddad, recebe uma bíblia e joga no lixo. Ele diz que ora passou pra sua funcionária, depois passou para trás, para o pessoal que está lá atrás, e sim, mexem descaradamente. Você viu no Roda Viva agora, um jornalista perguntou pra ele se tinha uma passagem bíblica, uma! Ele poderia ter citado uma minha, o João 38... E conseguireis a verdade e a verdade vos libertará [...]”.

Ele seguiu, na ocasião, referindo-se ao PT, como “esse povo que não tem qualquer compromisso com a família” e afirmando que, para eles, “família é qualquer ajuntamento de qualquer coisa por aí”. Ele complementou neste momento, afirmando que “eles” (referindo-se novamente ao PT), “não têm princípios e nem respeito com

²⁴ A denominação pejorativa “kit gay” refere-se ao livro “Aparelho Sexual e cia – Um guia inusitado para crianças descoladas”, de Hélène Bruller, o qual Jair Bolsonaro acusou o Ministério da Educação (MEC) pela compra e distribuição nas escolas públicas brasileiras. Todavia, em 2016, após a circulação de um vídeo de Jair Bolsonaro sobre o caso que envolvia o Partido dos Trabalhadores, o Ministério da Educação (MEC) já havia emitido uma nota desmentindo tal aquisição e relatando que a obra não constava sequer no programa de distribuição as escolas. A editora Companhia das Letrinhas que publicou o livro, confirmou a nota e afirmou que em 2011 o Ministério da Cultura que havia adquirido 28 exemplares para distribuição em bibliotecas públicas. O caso polêmico que iniciou em 2011, veio à tona em 2018, após a retomada das acusações por parte do candidato do PSL no contexto eleitoral. Sobre o caso, importante resgatar aqui a memória dos acontecimentos, já que aparecerá por diversas vezes a nomenclatura “kit gay”, assim nomeada por Jair Bolsonaro, no trabalho. Para isso, importante citar que em 2004, o governo petista lançou o programa Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual, elaborado em articulação com o movimento social LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) e outras forças sociais e políticas. Dentre as diversas propostas, uma das propostas para a Educação era a produção de materiais educativos específicos para discutir questões como orientação sexual e homofobia. No entanto o Caderno escola sem homofobia, foi engavetado pelo governo após forças políticas do Congresso Nacional e setores conservadores da sociedade. O conteúdo do caderno, contudo foi analisado neste trabalho e não possui relação com o material veiculado, o livro de Hélène Bruller. O caderno em questão é dividido em três capítulos, sendo o primeiro “Desfazendo confusões”, que propõe explicar confusões feitas sobre identidade de gênero e orientação sexual, o segundo é “Retratos da homofobia na escola” que aborda preconceitos e estereótipos e o último capítulo “A diversidade sexual na escola”, que apresenta uma proposta para gestores e educadores, visando o combate a homofobia. A polêmica do material protagonizou o discurso de Jair Bolsonaro contra seu adversário e ex-ministro da Educação Fernando Haddad (PT), considerado pelo candidato como “pai do kit gay”, e também alimentou diversos temas da campanha, tais como a defesa da família e da infância.

crianças e que queriam ensinar sexo para as crianças” (BOLSONARO, Jair. *Twitter*, 24/10/2018, 21h).

A referência “qualquer ajuntamento por aí”, diz respeito a casais homoafetivos, a qual a candidatura desconsidera ser família ao longo do discurso. Logo, a compreensão do que deve ser considerado família no contexto analisado é a família heterossexual, consagrada pelos princípios religiosos cristãos.

Uma *live* de 21 de outubro, de Olavo de Carvalho também foi postada no perfil oficial da candidatura, com o mesmo teor, qual seja, o da preocupação com a família. O objetivo do escritor era comentar o livro “Em defesa do Socialismo”, do adversário política de Bolsonaro, Fernando Haddad, o qual dedicou pouco mais de uma hora para apontamento de críticas.

A crítica central de Carvalho foi enfatizar que o livro buscava a desconstrução da autoridade e que, para isso, era necessário desconstruir a família, através do que ele denominou “sociedade erótica”. Ele então fala sobre a erotização mãe-filho, enfatizando que isso é uma política incestuosa a qual o adversário de Bolsonaro, Haddad, compactua.

Carvalho afirmou na ocasião da *live* que Haddad falava em destruição da família em seu livro, corroborando para o protagonismo central de Bolsonaro em defesa da família. Segundo ele, os comunistas atenuam a escrita, mas é isso que, intrinsecamente, o autor buscou tratar.

O escritor, autodeclarado filósofo, ironizou que Haddad busca erotizar a relação mãe e filho por diversos momentos, afirmando que ele seria um pseudointelectual. No final da *live*, ele explica que como o novo manifesto escrito por Haddad quer destruir a família, ele quer materializar o “*kit gay*”.

Mais adiante ele explica que o “*kit gay*” seria, na verdade, até leve perto dessa erotização, porque, segundo ele, é até melhor que a criança “brinque de ser homossexual”. O que se quer, segundo Olavo de Carvalho, é a universalização o incesto.

Na análise realizada, é importante destacar que foi percebida a presença de diversos insultos direcionados a Haddad e a busca por atrelar a homossexualidade a condutas como incesto e pedofilia. Ou seja, há impregnações de um discurso que relaciona a homossexualidade a atos pecaminosos e não naturais e mais ainda, trata-se de associar os sujeitos LGBTQIA+ ao crime.

Daí surge a defesa da infância e da família que precisam, acima de qualquer coisa, ser preservadas de uma cultura erotizada, que engloba tudo que esteja atrelado às diversidades sexuais. Essa preocupação esteve presente no discurso, produzido diretamente por Bolsonaro, mas também por seus apoiadores.

Um deles refere-se ao ator Carlos Verezza, que aparece em um vídeo, postado em 24 de setembro. O ator apareceu ao lado de Bolsonaro no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, local onde Bolsonaro ficou internado após o referido atentado à facada. O ator no vídeo, destacou que é um dever seu estar ali, pela família, pelas crianças e pelo país.

A defesa da infância esteve presente em boa parte do discurso da sexualidade. Outro exemplo dessa afirmativa, é um vídeo compartilhado no *Twitter de Bolsonaro*, cuja fonte é possível identificar como “Pátria”.

Nele, aparece a cena polêmica vivida na campanha de Bolsonaro, na qual a candidatura faz sinal de arma com a mão de uma criança em uma campanha de rua. Na sequência, aparece um vídeo, que circulou na internet, ocorrida no Museu de Arte Moderna em SP.

O caso diz respeito a polêmica performance “La Betê” (A besta), do coreógrafo brasileiro Wagner Schwartz, o qual é criticado ao longo do vídeo. A performance tratava-se da interação de uma criança com o corpo nu de um homem durante uma apresentação, ocorrida em 26 de setembro de 2017, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

O locutor no vídeo, postado por Bolsonaro, acaba rebatendo críticas atribuídas ao ato de rua em que Bolsonaro fez gestos de arma com a mão de uma criança, comparando seu teor a performance, afirmando que a sociedade não se incomoda com cenas como a do Museu, ou com crianças dançando funk (foi mostrado na sequência, crianças dançando o ritmo). Bolsonaro, então, posta, junto ao vídeo:

A inversão de valores e politicamente correto implementados propositalmente provocam o caos justificando ações exclusivas do “estado-mãe”. O socialismo nos sufoca por todos os lados, com o único intuito de nos moldar como “cordeirinhos” e sejamos dominados sem resistência (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 30/08/2018, 11h43min).

Na postagem, a candidatura reforça a ideia de inversão de valores e proteção da infância e que o chamado “politicamente correto” provoca o caos. Ou seja, a sexualidade esteve presente também em um discurso que percebia o tema vinculado à erotização e a colocando como uma ameaça.

Em outro vídeo compartilhado por Bolsonaro, e que corroborou para outra narrativa que a candidatura construiu sobre a infância, foi retratado crianças, bem pequenas, marchando como soldados. O texto da postagem é o que segue:

“ATENÇÃO: CENAS FORTES! Não há nada de errado em ensinar valores e disciplina aos nossos filhos, pelo contrário, é fundamental e edificante. A bronca de parte da imprensa agora é que não vesti meus filhos de menina, nem incentivei o ensino de sexo para crianças na escola” (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 23/08/2018, 17h34min).

Como se vê, há uma preocupação da candidatura em reforçar o discurso heteronormativo, evidenciando os estereótipos naturalizados na sociedade do que é considerado ser homem em oposição ao que é considerado ser mulher. Outro elemento que cabe destacar é que, ao lado dos partidos de esquerda, aparece a imprensa, como sendo aqueles que também instauram a dita desordem no social.

Porém, não só a imprensa e os partidos políticos, mas também o currículo escolar era entendido como aqueles que comprometem a seguridade heteronormativa. Desse modo, o nó “**Defesa da Educação Tradicional**”, o qual será analisado a partir daqui, esteve presente 138 vezes no discurso do *Twitter* e se articulou ao nó “Defesa da família tradicional”, fortalecendo as diversas narrativas construídas sobre a sexualidade.

Para essa categoria, considerou-se doutrinação da educação (aquelas que estiveram atreladas a questões da sexualidade), “ideologia de gênero”, “*kit gay*” e manifestações populares que traziam a canção do venezuelano “El Veneco”. A letra dessa canção, assim como demais elementos, serão abordados ao longo dessa análise.

É importante mencionar que a candidatura colocou diversos elementos para análise discursiva sobre a sexualidade, como um grande número de nós que atravessavam ao mesmo tempo um mesmo discurso, e que do mesmo modo, construíam antagonismos que se correlacionavam. Por exemplo, ser contrário à população LGBTQIA+ está diretamente relacionado a ser contrário ao PT, a partidos de esquerda e a parte da mídia, acusados de provocar a desordem do *status quo* social.

Isso fica claro, em uma *live* importante – que será analisada também no nó “Defesa de Princípios religiosos” – é a de 12 de abril, denominada “PT Camaleão”²⁵. Nela, Bolsonaro, que já vinha de um apelo religioso, admite que não queria mais tocar no assunto, pois segundo ele estava pacificado, mas que teria que voltar ao tema do “*kit gay*”.

Na sequência, ele questionou: “quem não tem um amigo, um parente, um gay, um homossexual? E ninguém tem nada a ver com isso” (BOLSONARO, Jair M. *Twitter*, 12/10/2018, 20h42min). Segundo ele, sua candidatura, na realidade, é contra o material escolar para a “garotada” em sala de aula, já que um pai não quer encontrar um filho brincando de boneca, por influência da escola. Mais uma vez, percebe-se o quanto gênero é compreendido a partir de um estereótipo social e que comportamentos tidos como sendo de meninos e meninas, podem servir como uma influência a constituição identitária dos sujeitos.

A ameaça a infância se daria, tendo em vista um suposto kit escolar, que colocaria em xeque a norma heterossexual. Sinalizava-se aí, uma narrativa de repúdio a intervenção escolar nas pautas identitárias.

Contudo, ele admite, então, que na vida adulta é diferente, já que é possível tomar suas próprias decisões e, segundo ele, “tomar outro caminho”. O que se percebe é que o elemento “outro caminho”, evoca a ideia de um carácter secundário, que coloca a homossexualidade de forma inferior à norma heterossexual, como sendo, um desvio de conduta.

Ele seguiu, na oportunidade, a retórica, afirmando que Haddad estaria negando o chamado “*kit gay*”, ao passo que ele citava a portaria que criou o programa “Brasil sem homofobia” e o “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT no âmbito do Ministério da Educação”, ambas assinadas por Haddad, comprovando sua real existência.

²⁵ A expressão “PT Camaleão” é utilizada pela candidatura ao longo do segundo turno eleitoral com o objetivo de atacar o partido em razão de uma clara mudança política nos seus posicionamentos em relação ao primeiro turno. Com uma forte polarização vivida no país, o PT passa a adotar um posicionamento mais moderado, Haddad passa a não fazer visitas ao ex-presidente Lula, preso em Curitiba e modifica alguns elementos da campanha, como o marketing e design dos materiais veiculados, que passa a adotar as cores verde e amarelo, atrelando Haddad a bandeira nacional.

É importante citar que o referido Plano foi organizado por uma Comissão Técnica interministerial e visava fortalecer direitos sociais à população em questão, bem como fortalecer o Programa Brasil Sem Homofobia (BSH), criado em 2004. Dentre as conquistas importantes do BSH, destaca-se o protagonismo dado pela participação social LGBTQIA+.

Muito mais ligadas à área dos Direitos Humanos, do que às demais pastas, essas normativas buscaram provocar gestores públicos sobre a necessidade de construir políticas públicas de equidade, eliminando discriminações e combatendo preconceitos. Ou seja, promovendo uma cultura da paz (BRASIL, 2009, p. 7).

Todavia, segundo Bolsonaro, esses materiais apresentavam 180 itens para crianças a partir de 6 anos de idade, os quais, ele considerou enquanto uma ameaça à infância. Ele justificou isso afirmando que o currículo escolar previsto nos materiais instituía uma doutrina em que se reconheceria todas as configurações familiares e que, segundo ele, eram protagonizadas por gays, lésbicas, com base na desconstrução da heteronormatividade (BOLSONARO, Jair M. 12/10/2018, 20h42min).

O então candidato explica que o plano além de trazer a ideia de que tudo nele é visto como normal, queria também desconstruir o casal heterossexual. Ele assume então, nessa ocasião, que não quer mais entrar no assunto e que o plano ficou conhecido como “*kit gay*”, com Fernando Haddad como pai (BOLSONARO, Jair M. 12/10/2018, 20h42min).

O fato é que o termo “*kit gay*” foi recorrente no discurso e agendou uma série de oposições que colocaram, a exemplo da *live*, a homossexualidade como sendo uma prática desviante, estando em um nível inferior em uma hierarquia de sexualidades possíveis, segundo ele.

Cabe aqui salientar que os itens citados pela candidatura se referem aos eixos estratégicos do “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBT”. Esses são direcionados a diversas pastas e possuíam, na época, prazo para implementação.

Assim, o que caberia à pasta do MEC, segundo o plano, era promover a discussão sobre gênero, sexualidade e educação, investindo em pesquisas, formações a profissionais da educação, e disseminando, nos currículos e materiais escolares, propostas que atendessem a estratégia 4, qual seja, a “sensibilização e

mobilização de atores estratégicos e da sociedade para a promoção da cidadania e dos direitos humanos de LGBT” (BRASIL, 2009, p. 32).

Sobre os materiais escolares, citados no decorrer do discurso pelo então candidato, o que institui o caderno (BRASIL, 2009, p. 32) é:

Produzir e/ou estimular a confecção e a divulgação de materiais didáticos e paradidáticos e de materiais específicos para a formação de profissionais da educação para a promoção do reconhecimento da diversidade de orientação sexual e identidade de gênero, inclusive em linguagens e tecnologias que contemplem as necessidades das pessoas com deficiências.

Observa-se que houve duas estratégias adotadas para a candidatura construir a narrativa sobre a proposta do caderno. Uma delas foi atribuir aos materiais escolares, um caráter moral, muito ligado à visão cristã, ou seja, perpetuando a lógica de convenções binárias históricas que se naturalizaram como sendo hierarquicamente normal e que foram defendidas pela candidatura como únicas aceitáveis.

Outra estratégia foi colocar os materiais propostos em um caráter de perversão, de incentivo ao sexo e relacionando-os a uma doutrinação homossexual em detrimento da heterossexualidade. Há, nesse sentido, a insistência de relacionar uma das estratégias do caderno ao livro “Aparelho Sexual”, de Hèllène Bruller.

A estratégia criticada em questão era a que buscava incluir nos programas de livros para as bibliotecas escolares, obras científicas e literárias que abordem as temáticas de gênero e diversidade sexual para os públicos infanto-juvenis e adultos (BRASIL, 2009, p. 32). Todavia, o livro de Bruller não foi distribuído pelo MEC, fato este já discutido anteriormente e, coube sim, a outra pasta, a da Cultura, a sua utilização.

A insistência de delegar ao seu opositor a paternidade do chamado “*kit gay*” e, assim, a distribuição desse material, provoca, mais do que pensar no conteúdo do livro, uma tentativa de silenciar uma proposta histórica de direitos humanos e cidadania a população LGBTQIA+. Ou seja, trata-se da não aceitação da promoção da diversidade em espaços formais de poder.

O reconhecimento da necessária inclusão dessa população em políticas públicas provocou, na candidatura, divergência de posicionamentos e que, via de regra, buscaram no discurso, radicalizar gênero e sexualidade, contribuindo para a

perpetuação de uma “homofobia de Estado”. Ou seja, a manutenção de um Estado que não percebe a necessidade de colocar em pauta, os direitos e o reconhecimento dessa população.

Sobre essa radicalização, a candidatura criticou, por diversos momentos, o que ele chama de “ideologia de gênero”, mostrando uma aversão e um mal uso ao que tem se construindo em teorizações identitárias. Importante afirmar que se considera nesta dissertação, gênero enquanto uma construção social, retificando a nomenclatura adotada pela candidatura, para a definição correta, ou seja, identidades de gênero.

Ainda sobre a radicalização, em uma *live*, compartilhada, do *Facebook*, por Bolsonaro (*Twitter*, 24/10/2018, 21h), ele alerta mais uma vez para a existência do “*kit gay*”. Segundo ele, este, tanto existiu, que Dilma mandou recolher no início de 2011, depois de pressão da bancada evangélica e católica, tendo sido ele que em 2010, denunciou no “9º Seminário LGBT Infantil na Câmara”, referindo-se à “Conferência Nacional GLBT”.

O tema revoltou a candidatura que afirmou ter vontade de falar palavrões, já que, segundo ele, queriam ensinar” criancinhas de 8 e 9 anos de idade a fazer sexo”. É possível perceber isso, no seguinte trecho: “Isso é um absurdo, não dá pra voltar isso, são criminosos, amigos de criminosos”, referindo-se ao suposto *kit* (BOLSONARO, Jair M. 24/10/2018, 21h).

Ele afirmou, na época, que, apesar do “*kit gay*” existir, o PT queria afirmar que se tratava de *fake news*. Assim, Bolsonaro explicou que eles – o PT – são “mentirosos”. Conclamando então, suas seguidoras e seguidores, ele explicou que faltava poucos dias para evitar políticas que desgastam a família e que querem “enfiar goela a baixo a ideologia de gênero” (BOLSONARO, Jair M. 24/10/2018, 21h).

Segundo ele, é preciso se afastar dessas ideologias de esquerda, comunistas e socialistas. Ou seja, ele acabou atrelando a regimes de esquerda, a personificação daqueles que seriam contrários à família e que políticas de gênero e sexualidade – explicou ele – como sendo perturbações que alimentam uma possível ideologização.

O deslocamento do termo identidade de gênero para ideologia de gênero, ocorreu com a lógica de provocar, seguidores e seguidoras, a acontecimentos e debates que já estavam sendo realizadas no cenário político, promovidos em especial pelo projeto “Escola sem Partido”. O projeto, que já foi citado no capítulo anterior, traz debates que em seu teor reconhecem as pautas identitárias como uma tentativa de doutrinação que ameaça os valores familiares e que busca desconstruir o sexo biológico dos sujeitos.

A deputada eleita, Alana Passos, que também estava na *live*, remeteu a essa mesma lógica de defesa de valores familiares postos pelo “Escola Sem Partido”. Ela dirigiu-se na ocasião, às mulheres, enquanto mães e esposas, e como sendo aquelas que possuem o maior patrimônio, a família.

Ela também, assumiu na *live* que "esse é nosso maior alvo" e, na sequência, acaba fazendo apelo para as mulheres votarem dia 28. A *live* encerra com o deputado federal eleito, Hélio Lopes (PSL), a deputada e Bolsonaro falando o slogan da campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Ou seja, há um apelo, que é recorrido em diversos momentos do discurso, que atribui gênero, sexo, sexualidade e orientação sexual, como sendo conceitos sinônimos. E tudo isso vinculado a um modelo que legitima as sexualidades como sendo estruturas de uma reprodução biológica.

Inclusive afirmando o modelo biológico dado à sexualidade, a candidatura assume que a reprodução biológica somado a realização da maternidade são consideradas por sua família, como algo imprescindível para a manutenção do casamento. Ou seja, com isso, a candidatura desconsidera o matrimônio e as constituições familiares entre sujeitos que possuem o mesmo sexo biológico.

Essa afirmativa se confirma no nó “Defesa de princípios religiosos”, quando a candidatura assume que a família, segundo a Constituição Federal, é somente a união entre homem e mulher. Também ele admite que ele reconheceria outras formas de constituição, se a lei não fosse esta.

A confusão dos conceitos também é percebida na entrevista dada à TV Cidade Verde, onde Bolsonaro fala que defende a disciplina na sala de aula, afirmando que na sua época era diferente, pois se respeitava os professores, ao contrário de hoje

em dia que, ao invés disso, se quer ensinar sexo e ideologia de gênero. Ele acaba reconhecendo que ambos são a mesma coisa, só modificando o nome dado (BOLSONARO, 2018).

Importante aqui frisar que gênero não é equivalente a sexo, sendo esse um conceito ainda considerado complexo nas diversas teorizações sobre o assunto. Em suma, gênero corresponde aos processos individuais, sociais, institucionais, nunca finalizados, fixos e lineares, pelos quais os sujeitos vão se constituindo como masculinos e/ou femininos, em meio à cultura e às relações de poder (MEYER, 2003).

Ou seja, gênero pode ser identidades as quais os sujeitos se reconhecem, como também, todos aqueles processos que impõe suas constituições, do que é ser homem e ser mulher, desde o nascimento. Processos esses, que acabam sendo naturalizados nas sociedades.

Dando resposta, a visão biológica provocada pela afirmativa de Bolsonaro de procurar igualar gênero a sexo, Butler (2007, p. 55) já afirmava que essa diferenciação:

“[...] sirve al argumento de que, con independencia de la inmanejabilidad biológica que tenga aparentemente el sexo, el género se construye culturalmente: por esa razón, el género no es el resultado causal del sexo ni tampoco es tan aparentemente rígido como el sexo. Por tanto, la unidad del sujeto ya está potencialmente refutada por la diferenciación que posibilita que el género sea una interpretación múltiple del sexo”.

Ou seja, gênero sendo algo produzido culturalmente, não pode definir a existência de um único sexo, dado a multiplicidade de ser e sentir o mundo. Ademais, a defesa de Butler, autora reconhecida em estudos da área, demonstram que o corpo age como um marcador social em uma lógica binária nas sociedades ocidentais.

Do mesmo modo, orientação sexual, outra recorrente confusão dada, diz respeito as formas como os sujeitos relacionam-se nas práticas mundanas. A homossexualidade, a bissexualidade e a heterossexualidade são formas afetivas de relacionamento, e que não são compreendidas nessa pesquisa como sendo algo deterministas e fixas na vida dos sujeitos.

Importante explicar que todas essas atribuições dadas pela candidatura a gênero, sexo e orientação sexual aparecem por diversos momentos no discurso eleitoral de 2018 e de forma equivalente. A articulação dada entre o denominado “*kit gay*” e a expressão “ideologia de gênero” aparecem nesse cenário como sendo formas de conduzir a narrativa de que se instalaria um caos social se as minorias sexuais fossem reconduzidas ao poder, através do PT.

Entre as discussões de existir ou não o “*kit gay*”, que são rebatidos pelo repórter, na entrevista citada, Bolsonaro afirma que existiria filme nesse sentido, do André Lazaro, ex-secretário do MEC. Nele, Lazaro falaria sobre um possível beijo lésbico que visava combater preconceito e homofobia.

Demonstrando preocupação, Bolsonaro diz que os municípios e estados também fizeram votação pra inclusão ou não de ideologia de gênero nos planos estaduais e municipais de educação. E segundo ele, essas legislações eram conduzidos pelo ministro na época Aloizio Mercadante (2012/2014).

O tema conduziu boa parte da entrevista, e Bolsonaro assumiu que Beto de Jesus (vice-presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, etc.) havia afirmado que Haddad amarelou ao falar que o “*Kit Gay*” não exista. Sobre isso, Bolsonaro (9h03min, 24/10/2018) questionou, na sequência: “[...] você pai, você mãe, quer que seu filho aprenda sexo com 6 anos de idade, homoafetivo ou hetero não importa, ou o pai quer chegar e encontrar o filho brincando de boneca por influência da escola?”.

Na mesma ocasião, ele responde: “infelizmente isso é verdade, o PT queria impor isso nas escolas” (BOLSONARO, 2018). O entrevistador que tenta ponderar, acabou afirmando que de fato, existia preconceito, provocando Bolsonaro a dizer se considera que isso seja uma política de governo, mas o mesmo não é levado a sério pela candidatura.

Isso porque, as respostas dadas foram evasivas e generalistas, onde a candidatura recorreu a suas experiências escolares para reduzir a importância do combate a intolerância às diversidades. A exemplo disso, ele cita que na sua infância não existia *bullying*.

Na sequência, a explicação é conduzida para uma ideia de que existe um exagero quando se atribui brincadeiras como sendo, homofobia e preconceito. E que não se fazia necessário uma política para isso, pois tudo segundo Bolsonaro (*Twitter*, 24/10/2018, 9h03min) é “coitadismo”, ironizando logo a seguir, “coitado do negro, da mulher, do gay, do nordestino, do piauiense”.

Bolsonaro afirma então na sequência, que sua proposta é acabar com isso, inclusive acaba citando de forma genérica, legislações de cotas raciais (entende-se que o mesmo se refere a lei 12.711/2012 que dispõe sobre a inclusão da população afrodescendente nas universidades), cujas quais, na visão de Bolsonaro (*Twitter*, 24/10/2018, 9h03min): “partem da mesma lógica, dividir a sociedade em classes, por cor de pele, por opção sexual, região, etc.”.

Ele retoma a máxima de campanha de que “todos são iguais” perante a lei, pertencendo a uma só bandeira, verde e amarela, e quem se empenhar pelo mérito terá uma vida mais tranquila do que o que não se dedicar no seu tempo de jovem, no Brasil. Ele então, acaba encerrando a entrevista afirmando que são um só povo.

Outra análise realizada no nó “Defesa da educação tradicional” diz respeito a uma canção que conduziu as campanhas de rua do então presidenciável. Nela, havia a preocupação com os currículos escolares que deveriam segundo ele, ser espaço para conduzir a escola tradicional, qual seja, a conteudista, priorizando matemática, português e outras disciplinas, não cabendo nesse espaço, a ideia de transversalizar, gênero e sexualidade.

Um dos trechos da música, “O mito Chegou” (VHERO, El Veneco featuring, 2018), que apareceu em diversas manifestações de rua em que a candidatura compartilhou em seu perfil no *Twitter*, traz o seguinte:

“Ir à escola por que quero aprender, ciência, matemática, física, português (Sexo!) Não tenho idade pra isso. (Ideologia de gênero!). Oh que nojento! Nasci menino, vou me tornar um homem Deus quis assim, não me incomode. Obrigado meus pais, pela orientação. Bolsonaro na cabeça e no coração. Todos brasileiros que a minha voz escuta. Pátria sou teu filho, não vou fugir a luta! O Mito chegou. E o Brasil acordou. A esperança de verdade, olhar de criança Agora podemos ver um futuro melhor”

O trecho da música demonstra que há presente, a visão do criacionismo religioso e do carácter biológico, em que se inscreveria gênero e sexualidade. Mais uma vez, conflitando conceitos, sexo aparece como prática sexual, e também, sugere-se que o tema estaria sendo incentivado nos currículos escolares, por governos, que segundo outro trecho da música, praticaram corrupção.

Ou seja, é possível afirmar que o tema da sexualidade esteve presente de forma direta e indireta em outros temas, que compuseram a prática articulatória discursiva construída em 2018. Com o tema da educação, não foi diferente, outros elementos-momentos estiveram articulados, seja na sexualidade, ou no aspecto amplo analisado no capítulo anterior.

Cabe salientar que em relação a temas gerais, “Defesa da educação tradicional” também exerceu papel como grande tema. Esse nó, já comentado no capítulo anterior, assume aqui um significado diferente, atrelado sempre a crítica da adoção de um currículo escolar voltado a pautas identitárias, ligadas a gênero e sexualidade.

Na verdade, foram muitos elementos, que versaram com essas mesmas lógicas narrativas. O que não impediu a candidatura de construir práticas que versavam sobre machismo e homofobia, que ora ocupou um carácter de esclarecimentos seus sobre acusações, desse teor, contra si, ora corroboraram para demonstrar que a candidatura construiu de fato, discursos homofóbicos e machistas.

Um outro tema que fez parte da prática articulatória da sexualidade foi “Defesa de princípios religiosos”. Muito ligado a uma visão criacionista para justificar seus posicionamentos, a candidatura, demonstrou que foi através do desse nó que se inscrevia o discurso construído, de oposição a diversidade.

Assim, “**Defesa de princípios religiosos**” foi o elemento que esteve em último lugar, mas não menos importante, apareceu 42 vezes. Nesse nó, considerou-se apelos religiosos, apoio de religiosos que se colocaram contrários a população LGBTQIA+ e defesa da bíblia.

A religião talvez possa ser considerada nesse capítulo como o pano de fundo do *Twitter*, ou seja, foi a estratégia utilizada pela candidatura, que demonstra claramente sua visão de mundo, para justificar seus posicionamentos em

determinadas demandas sociais. Aborto, reconhecimento da população LGBTQIA+ através de políticas públicas e educação sexual, foram as discussões que preocuparam a candidatura, sob aspectos fundamentalistas.

Sobre isso, pode-se citar o dia 12 de outubro, onde a candidatura replicou a *live* intitulada “PT Camaleão”, a qual participou Luiz Philippe de Orleans e Bragança, deputado federal eleito em São Paulo. Nesta ocasião, ele admitiu que o Partido dos Trabalhadores dividiu o país, “homos e heteros, brancos e negros, sulistas e nordestinos e agora evangélicos e católicos” (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 12/12/2018, 20h42min).

A preocupação com a divisão social a partir da religião, bem como o posicionamento religioso de adversários, sustentou a legitimidade da defesa da família heterossexual. Essa estratégia, também fazia com que se criasse inimigos em um contexto que visava instaurar o pânico social no eleitorado.

Nessa mesma *live* de outubro, a chapa composta por Manuela D'Ávila (PCdoB) e Haddad (PT), oposição eleitoral a Bolsonaro, é colocada em xeque. Afirmando que ambos haviam atacado religiosos, a candidatura explicava que se envergonhava por eles tomarem hóstia em uma missa (referência dada a uma das agendas de campanha do PT, em que Haddad e Manuela participaram de uma celebração católica).

Na sequência, ele seguiu afirmando que como já estava tratando sobre religião, valores e Deus, precisava mostrar um documento em que afirmava que a ex-presidenta do PT, Dilma Rousseff, escolheu Eleonora Menicucci²⁶ para estar à frente da secretaria responsável por políticas para as mulheres, desfazendo da ex-Ministra-Chefe.

Opondo-se ao aborto, enquanto política pública e na tentativa de desqualificar a ex-secretária, ele na ocasião afirmou que a mesma era especialista em AMIU²⁷

²⁶ Eleonora Minicucci é ex-Ministra-Chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo Dilma Rousseff (2012-2016), professora titular de saúde coletiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É pesquisadora em temas como direitos reprodutivos e sexuais, saúde integral da mulher, envelhecimento, violência de gênero, aborto, direitos humanos, autonomia, avaliação qualitativa, políticas públicas de saúde e autodeterminação.

²⁷ Segundo a Portaria n.º 1.020 de 29 de maio de 2013, Art. 10, são atribuições dos serviços hospitalares de referência da Atenção à Gestação de Alto Risco, utilizar metodologias que garantam assistência segura no aborto espontâneo, incluindo-se o Método de Aspiração Manual Intrauterina (AMIU) até a 12ª semana. Importante citar que no Brasil, o aborto legal é permitido em três casos: vítimas de estupro, Feto anencefálico e Risco de morte materna. O caso citado, envolvendo a ex-ministra, diz respeito a uma matéria de Reinaldo Azevedo na revista Veja, em que o jornalista cita uma entrevista cedida no dia 14 de outubro de 2004, onde a então apenas professora Eleonora Menicucci, que tomou posse

(Aspiração Manual-Intrauterina), afirmando mais adiante que ela seria então uma abortista. Ou seja, evidenciou-se que a candidatura buscava deslegitimar Menicucci frente a opinião pública.

Por duas vezes, Bolsonaro admite que havia explorado quem seria Eleonora na Câmara dos Deputados e acrescenta junto a uma visão cristã que condena o aborto. Na tentativa de desqualificar a ex-Ministra, ele explica quem ela seria “também LGBTQIA+”.

Bolsonaro faz referência então, a uma declaração dada em entrevista ao Correio Braziliense em 12/03/2012, na qual ela teria afirmado que: "não é porque tenho mais de 60 anos que não namoro, me relaciono com homens e mulheres e tenho orgulho da minha filha gay" (a declaração citada pelo candidato é baseada em um recorte de um trecho dado na entrevista, cujo objetivo era mostrar aos internautas, a sexualidade de Eleonora).

Bolsonaro admite que enquanto parlamentar, questionou a assessoria da ministra na época, sobre a veracidade da matéria veiculada. E não obtendo resposta, segundo ele, isso seria a confirmação da relação dela com a AMIU.

Na *live*, ele acabou complementando, afirmando que "ninguém tem nada a ver com a vida dela", e afirmando que com uma declaração dessas (sobre sua sexualidade), junto com o fato de ser, nas palavras dele, “abortista”, Eleonora não teria condições de estar à frente de uma secretaria de políticas para as mulheres.

Ou seja, Bolsonaro considera que aspectos da sexualidade atrelado a um apelo religioso sobre o tema do aborto, são decisivos para definir as condições dos sujeitos para assumir um papel de reconhecida importância no governo. Ou seja, Eleonora, era apresentada como alguém incapaz de estar frente ao cargo que ocupava.

Importante citar que a ex-ministra foi insistentemente atacada na *live*, sendo colocada em xeque, de diversas formas, sua vida privada e profissional. A exemplo disso, na tentativa de deslegitimar a figura de Eleonora, Bolsonaro salientou que a mesma foi “colega de prisão” de Dilma Rousseff, que teria ficado presa por três anos por ter cometido uma série de crimes.

como ministra das Mulheres, teria admitido que em São Paulo, integrara o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde e que nesse período, esteve também pelo Coletivo fazendo um treinamento de aborto na Colômbia. A mesma entrevista, ela aborda sobre sua sexualidade.

Expressões como “foram colegas de cela”, se fizeram presentes. Inclusive, segundo ele a prisão seria a “cereja do bolo”, sendo apenas uma curiosidade e que não iria entrar nem no mérito do caso. Mas o apelo religioso, enquanto pano em que se inscrevera uma série de justificativas, colocava a candidatura enquanto único candidato, frente a inversão de valores, os quais estariam destruindo o país (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 12/10/2018, 18h38min)

Em uma celebração na Igreja Atitude, igreja que frequentava Michele Bolsonaro, esposa do candidato, Bolsonaro recebe apoio do padre Josué Valandro. Em uma das falas do candidato, na ocasião, ele afirmou que é preciso valorizar a família, fazer com que as crianças sejam respeitadas em sala de aula, varrer o comunismo e acaba encerrando, dizendo que o Estado pode ser laico, mas ele não (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 20/08/2018, 20h46min).

Depois de assumir, então, tal posicionamento, no ato de rua em Rio Branco, no Acre, junto a indígenas, Bolsonaro (*Twitter*, 01/09/2018, 19h53min) faz menção ao PT enquanto divisor da sociedade, entre brancos e negros, “opções contra outras opções” (como ele assim se refere as sexualidades), sulistas e nordestinos, brancos contra índios. Bolsonaro acrescentou, dizendo que 13 seria o número do capeta, o qual se coloca contra a família brasileira, não respeitando as religiões, e que busca “perverter nossos filhos, as criancinhas em sala de aula”.

Ele acrescenta ainda, que o 13 quer tornar o Brasil uma Venezuela e que é preciso dar “um pé no traseiro do 13”. Ele encerra, com o apelo para que se una o Brasil em uma só raça e um só coração, verde e amarelo.

Percebeu-se que o apelo religioso, colocou a sexualidade, articulada a outros grandes temas, justificando o que tornava ilegítimo seus rivais políticos, a partir de preceitos religiosos. E isso também se fez presente entre apoiadores da candidatura, os quais eram ligados a instituições religiosas.

É o caso do vídeo de apoio, do pastor André Valadão, em 04 de setembro de 2018. Além de declarar apoio, o líder religioso rebateu algumas acusações em que Bolsonaro é inserido.

Valadão aproveitou a ocasião para afirmar que seu candidato, Bolsonaro, “bate na tecla da erotização infantil”, já que segundo ele, só quem tem filho sabe o que significa isso. O pastor admitiu que quem defende a erotização, deveria ter distúrbios sexuais.

É importante frisar que o discurso da erotização, surge a partir da ideia preconizada durante a campanha, qual seja, a “ideologia de gênero” e o “*kit gay*”. Sobre isso, cabe dizer que estas nomenclaturas estiveram muito presentes no discurso de religiosos, apoiadores de Bolsonaro.

Assim, o pastor rebate, na *live*, dizendo que quem defende isso é quem defende também esses atos nas escolas, referindo-se a “ideologia de gênero”. Ele então encerrou a *live*, afirmando que Bolsonaro não é perfeito, mas é quem defende a família, a infância, e quem é temente a Deus, um cristão.

Em outra *live*, ao lado do candidato ao senado, Magno Malta, que vestia a camiseta de sua campanha “Criança nasceu para ser amada e não para ser abusada - O abuso sexual infantil, deixa marcas para a vida toda, denuncie - Pedofilia é crime! Entre nesta luta!”, e de seu filho Flávio, Bolsonaro afirma que está recebendo apoio de muitos líderes religiosos, evangélicos, “setores de bem”, homens e mulheres que prezariam pela família, que buscariam um Brasil diferente, que querem que se combata a violência.

Magno que desacredita as pesquisas (pois segundo ele Bolsonaro venceria em primeiro turno), afirmou na ocasião que ele é um candidato que nunca foi adepto ao politicamente correto, e que as verdades estão expostas para todos verem. Magno encerrou pedindo voto para si no Espírito Santo e pedindo aos pastores, padres e líderes religiosos e todos aqueles que militam pela vida, para não deixarem Suplicy (candidato na época ao senado pelo PT) voltar ao senado (BOLSONARO, J. M. *Twitter*, 2/10/2018, 21h25min).

A ideia de colocar as pautas identitárias como sendo atitudes politicamente corretas, foi uma estratégia de enfraquecer o tema, tratando-as como um exagero do campo progressista. As lideranças políticas, e Bolsonaro, recorreram a esse argumento, com frequência.

Outra *live*, importante na análise, foi a da candidatura com o filho Flávio Bolsonaro, Silas Malafaia e o líder religioso Claudio Duarte, em 4 de outubro de 2018. Ao ser dada a palavra aos presentes, Malafaia afirmou que o cristianismo permeia todo o mundo e segundo ele os “esquerdopatas” (como assim se refere aos sujeitos de esquerda) querem implantar sua ideologia, que por sua vez seria contra o cristianismo.

Malafaia afirmou também, que a sociedade brasileira não quer isso e que família pertence a todas as religiões, admitindo que isso se dá, inclusive, entre os ateus. Para ele, a esquerda busca retirar os direitos da família, algo que ele considera como algo sagrado.

Ele então se colocou contra o que segundo ele seria retirar os direitos (considerado constitucional) dos pais a educação, mesmo estando previsto na convenção dos direitos humanos. Ele acaba citando então seu artigo 12, inciso IV, o qual define que pertence aos pais, a educação moral e religiosa dos filhos.

Ao perceber mais uma vez, uma retomada de elementos presentes no PL “Escola Sem Partido”, Malafaia admitiu que a esquerda quer destruir o direito dos pais e distribuir esse papel para a escola. A fala do religioso se soma aos demais presentes, como o caso do líder religioso Claudio Duarte, que é apresentado como um defensor da família.

O mesmo iniciou sua fala, explicando o porquê de seu apoio, que se deu, segundo ele, tendo em vista ter visto o ultrassom de seu neto e por ser contra o aborto. Na sequência, Claudio Duarte, afirma que algo aconteceu no seu interior e que começou a ver o que ele quer que seu neto aprenda, o que representa o aborto e como será o seu amanhã.

Muito atrelado em oposição ao aborto, o líder seguiu afirmando que estaria satisfeito em ver que o brasileiro está enxergando que a esquerda tem histórico de desqualificar a família. Admite ele, que seu candidato tem os valores parecidos com os seus, como a defesa da família e ser contrário a erotização infantil.

Na sequência, o líder reconhece que quem é gay sabe que ele não é homofóbico, já que ele “inclusive” abraçaria e não teria problema de se relacionar com sujeitos LGBTQIA+. Ele acrescentou que o que ele tem que lutar é contra esses princípios e valores de família, e o que faz um indivíduo viver é saber que sua semente irá seguir a vida, fazendo referência à procriação, fruto do relacionamento heterossexual.

Opondo-se à população LGBTQIA+, Claudio Duarte acrescenta que se não existe quem o represente no amanhã, ele poderá destruir tudo e que são esses os valores que ele buscava representar. Ele finalizou sua interferência, dizendo que respeitava os posicionamentos de todos, mas o seu candidato era Jair Bolsonaro e Major Olimpio (PSL) para senador, em defesa da família.

Após encerrar com “Deus abençoe essa nação”, Bolsonaro puxa na sequência o assunto referente ao “*kit gay*” e diz que não possui nada contra gay, mas admite que colocar “isso” na escola, através do Haddad, ex-ministro da educação, não admitiria. Ele afirma então, que o projeto foi barrado, tendo em visto o peso do apoio da bancada evangélica.

Bolsonaro, cujo apelo religioso ainda se faz presente, afirmou que nenhum pai quer, inclusive pai gay o chamado *kit*. Malafaia que o interrompeu nesse momento, acaba relacionando o material a classificação indicativa, explicando que a criança não sabe o que é governança, sugestão e informação, então o que seria mais nefasta era ensinar uma criança de 6 anos, sexualidade.

Malafaia afirmou também na ocasião que a criança não está estruturada pra isso, que segundo ele, seria "ensinar sexo", o que avalia como algo horrível. Na sequência, ele citou um projeto do PT e do PSOL – a PL - 5002/2013, em que determinaria que uma criança poderia mudar de sexo independente do consentimento dos pais.

Ele associou a maioria penal do Brasil ao PL, afirmando que um adolescente de 17 anos, pela lógica do PT e do PSOL não pode responder criminalmente, já uma criança teria autoridade para mudar de sexo, a partir do projeto.

Malafaia, que nitidamente demonstrava irritação, questionou se existe lógica para isso e adverte que não é religião o que ele estaria falando e que tampouco estaria pregando, mas estaria falando de – isso sim – coerência. Ele afirma então, que o PL em questão é um projeto que quer destruir a família e seus valores.

Mais adiante, Malafaia, declarou apoio a Mendonça Filho (candidato na época ao senado pelo Democratas), falando que seu candidato seria um “cara macho”, por ter impedido de colocarem “ideologia de gênero” nas escolas. Ou seja, evidencia-se a presença da reafirmação masculina em um cenário predominantemente de apelo religioso.

Os apoios declarados, como ao senado em Pernambuco, mostram que há a busca por um alinhamento político que esteja contrário as pautas identitárias de gênero e sexualidade. Sendo presente, uma preocupação em relação a um possível caos social de total destruição se eleito, a candidatura que representaria as pautas progressivas no campo da sexualidade.

Ao analisar como cada ponto nodal exerceu seu papel articulatório, identificou-se alguns antagonismos construídos, bem como alguns dos significados atribuídos ao tema da sexualidade. Pode-se dizer que, via de regra, houve claramente oposição a população LGBTQIA+ nos *tweets*, sejam eles oriundos de *lives*, entrevistas, postagens de texto, imagens, etc.

Em última análise, foi possível perceber que sexualidade esteve de forma direta e indiretamente, atravessada em temas diversos a qual a candidatura protagonizou no *Twitter*.

4.3 Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso de Jair Messias Bolsonaro no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE): análise das categorias no discurso amplo

Nas 17 propagandas eleitorais analisadas, assim como na análise do capítulo anterior, percebeu-se que a abordagem também se dá de forma mais polida, com pouco aprofundamento no tema. Isso já justifica a forma reduzida como é realizada a análise das propagandas eleitorais, que tiveram pouco espaço televisivo e que se colocaram de forma repetitiva ao longo da grade de programação da televisão e do rádio.

Todavia, 26 vezes sexualidade se fez presente, demonstrando ser o quinto elemento-momento, mais abordado no discurso. Os temas que foram relevantes, ou seja, foi possível de análise no HGPE foram: defesa da família, educação e homofobia e machismo.

A centralidade nas propagandas se deu sobre a “Defesa da família tradicional”, já que ela conseguia dar conta de outras agendas eleitorais, como segurança, educação, PT, etc. Estrategicamente, “Defesa da família tradicional”, aglutinava o que estava sendo discutido de forma mais ampla, no *Twitter*.

A economia do discurso, que se deve ao pouco tempo de televisão, fez com que a candidatura se focasse prioritariamente na defesa de um ideal familiar, em oposição ao que segundo a candidatura avaliava, não representar a família

brasileira. Para essa análise minuciosa, demonstra-se a incidência dos três nós encontrados.

Análise do Tema da Sexualidade no Discurso do HGPE (%)

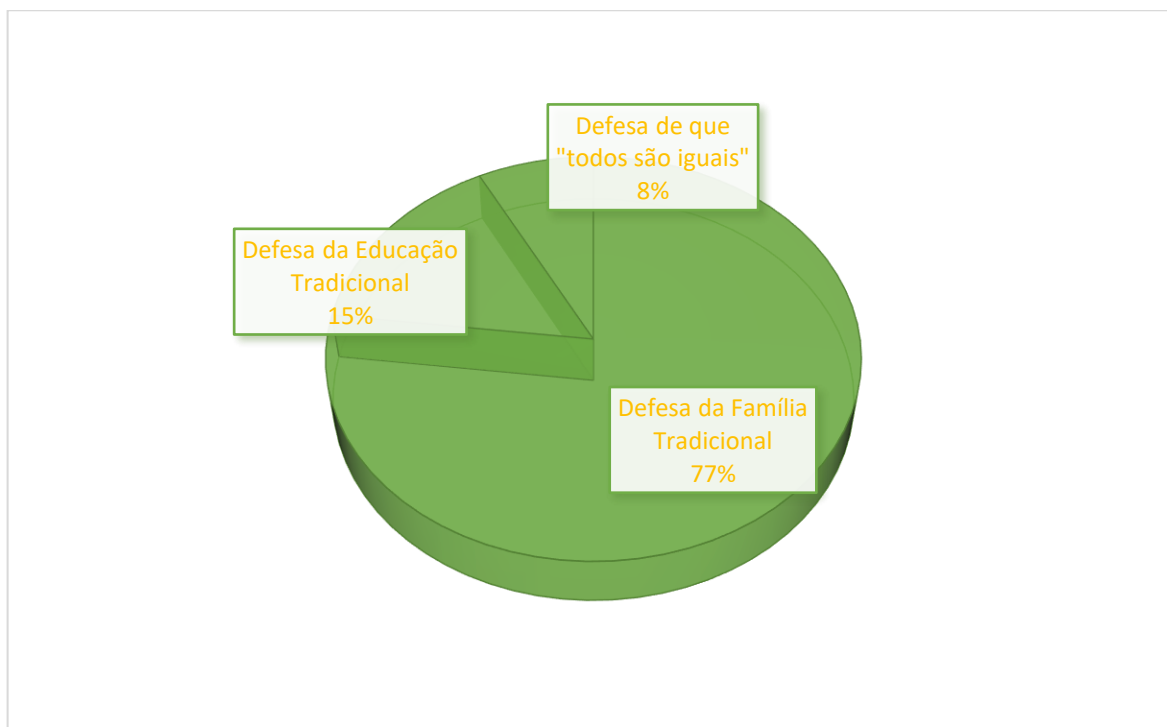


Figura 8. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do HGPE.

Na figura 8, foi possível perceber que os elementos momentos que se articularam, inclusive nos temas gerais, foram pouco explorados, e pode-se dizer que **“Defesa da família tradicional”**, apareceu 20 vezes na construção discursiva, a partir de uma defesa da infância e de um modelo de família considerado, de bem (lê-se heterossexual).

Já **“Defesa da educação tradicional”**, apareceu apenas 4 vezes, sendo ambas, ligadas a uma preocupação com o *“kit gay”* e, a instauração de uma possível ameaça a família, tendo em vista uma imaginável doutrinação da educação. Doutrinação esta, que atribuía ao currículo uma ameaça que versava sobre a possibilidade de uma erotização, ideia tal qual defendia no *Twitter*.

“Defesa de que ‘todos são iguais’”, que apareceu 2 vezes, demonstrava uma preocupação da candidatura em desfazer acusações que versavam sobre o tema, fortalecendo a ideia de se colocar como aquele que buscava a uniformidade social e não a segregação. Importante afirmar também, que desmentir ou prestar explicações diante de acusações também se articulava ao que estava sendo debatido no *Twitter*.

Assim, a exemplo desses nós, cita-se uma das propagandas eleitorais em que a estratégia midiática utilizada foi explorar na introdução – abertura das propagandas – ataques direcionados ao PT. Na sequência a ideia era apresentar a importância de políticas para mulheres, com a ideia de que somente Bolsonaro poderia representá-las.

De fato, a mudança significativa aqui percebida era de que o HGPE, articulava-se com o *Twitter*, no sentido de demonstrar nas propagandas a supremacia da candidatura em relação as demais, ou seja, uma possível superioridade em relação as demais. Ao passo que no *Twitter*, explorava-se o que a candidatura defendia, de forma mais detalhada.

Na sequência, dessa propaganda analisada, a apresentadora que conduzia o HGPE da candidatura, referiu-se a elementos que brasileiros buscam em um candidato, sendo um deles, um governo que preserve a inocência das crianças e valorize a família. Importante destacar que para essa defesa se investiu na representação de mulheres para dialogar com o(a) telespectador(a).

O vídeo destaca então, Joice Hasselmann, deputada federal mais votada no Brasil, que apareceu no HGPE, esclarecendo que apesar, de acusarem Bolsonaro de machista, ele elegeu 2 mulheres, mais bem votadas, sendo ela uma delas, e outra, Janaina Paschoal.

Dayane Pimentel, deputada federal da Bahia, eleita pelo PSL, também abordou a pauta das mulheres. Ao falar sobre mulheres na política, ela afirmou que as bandeiras das mulheres são a família, os cristãos, a ordem e a hierarquia. Ou seja, há uma preocupação no HGPE, em demonstrar a ameaça que a sociedade está, frente as pautas da família, quais sejam, uma educação que não estivesse voltada aos valores familiares.

Uma das práticas que o HGPE também adotou foi atrelar a figura de Bolsonaro ao assistencialismo e a boas ações praticadas pela candidatura, nesses espaços. A ideia era desconstruir uma imagem que já vinha sendo desconstruída no *Twitter*, ligadas a homofobia, machismo, nazismo, entre outras acusações.

Outra propaganda eleitoral analisada, que cabe aqui destacar, foi uma animação dirigida a população nordestina, população essa que historicamente vinha elegendo o Partido dos Trabalhadores nos últimos anos. Nela, ao falar sobre os anseios do povo nordestino, um interlocutor, com a característica do sotaque típico do Nordeste, afirmou que gostaria que nas escolas ensinassem português, matemática, geografia, pois as crianças são inocentes, e referindo-se ao chamado “*kit gay*”, destacou para que “não viessem com livro de besteiras pra elas não”.

O suposto nordestino, que narra e participa do vídeo, afirma que nessa eleição iria mudar de rumo e não iria votar em “pau mandado”, referindo-se a Fernando Haddad (PT). Ao encerrar o vídeo, é aberto um momento para apoios e agradecimentos das ruas.

Destaca-se aqui, o apoio que vem de uma eleitora que afirmou que o candidato representaria o resgate dos valores da família e dos valores morais. Fato este, que corroborou para o aspecto amplo do tema.

Em outro programa do HGPE, a candidatura que faz um comparativo entre o programa de governo de Haddad e de Bolsonaro, apresenta as divergências, entre eles, as quais destaca-se: Armamento, encarceramento, impostos e aborto. Sobre o aborto, é importante falar que a candidatura que se apresentou defensora da vida, demonstrou já em outras ocasiões, a importância dada ao casamento heterossexual em razão da constituição familiar ligada a biologia e assim, ao criacionismo.

Outrossim, optou-se por não colocar aqui uma visão religiosa através do nó “Defesa de princípios religiosos”, pelo fato de se ter poucos elementos para análise no HGPE, o que impossibilitaria definir se há ou não influência religiosa, ainda que se perceba tal influência no *Twitter*.

Em outra propaganda eleitoral, também estiveram presentes declarações de apoio a Bolsonaro. Destaca-se um deles que vem de um eleitor que apelou para o(a) telespectador(a), “deixem nossas crianças em paz”, referindo-se a defesa da infância que protagonizou forte apelo eleitoral. Já em outro relato, uma eleitora conclamou pelo voto a Bolsonaro, “pela mudança, pela família e pela paz”.

A proteção das crianças e da família, também esteve nas sucintas propagandas do primeiro turno, momento em que a candidatura utilizava para declarar a defesa da família e da pátria. Aliás, no HGPE do primeiro turno cabia dois elementos que buscavam apresentar a candidatura, quais sejam: a família é a base de tudo e Deus estaria acima de todos.

4.4 Encontrando o lugar da Sexualidade no Discurso de Jair Messias Bolsonaro: Análise geral das categorias no discurso amplo (*Twitter* e HGPE)

A midiática da política interferiu de forma significativa no período eleitoral de 2018. As redes sociais, assumiram uma centralidade política que tornou possível um aprofundamento nos temas e uma maior interação com o eleitorado, ou seja, um aprofundamento que no HGPE, Bolsonaro não conseguiria ter realizado, tendo em vista o pouco tempo televisivo.

Na análise realizada, ao copilar os temas dos meios de comunicação, percebeu-se que apesar da relação dos temas abordados no *Twitter* e no HGPE, prevaleceu a ordem estabelecida, já dada no *Twitter*.

Análise do Tema da Sexualidade no discurso do *Twitter* e do HGPE (%)

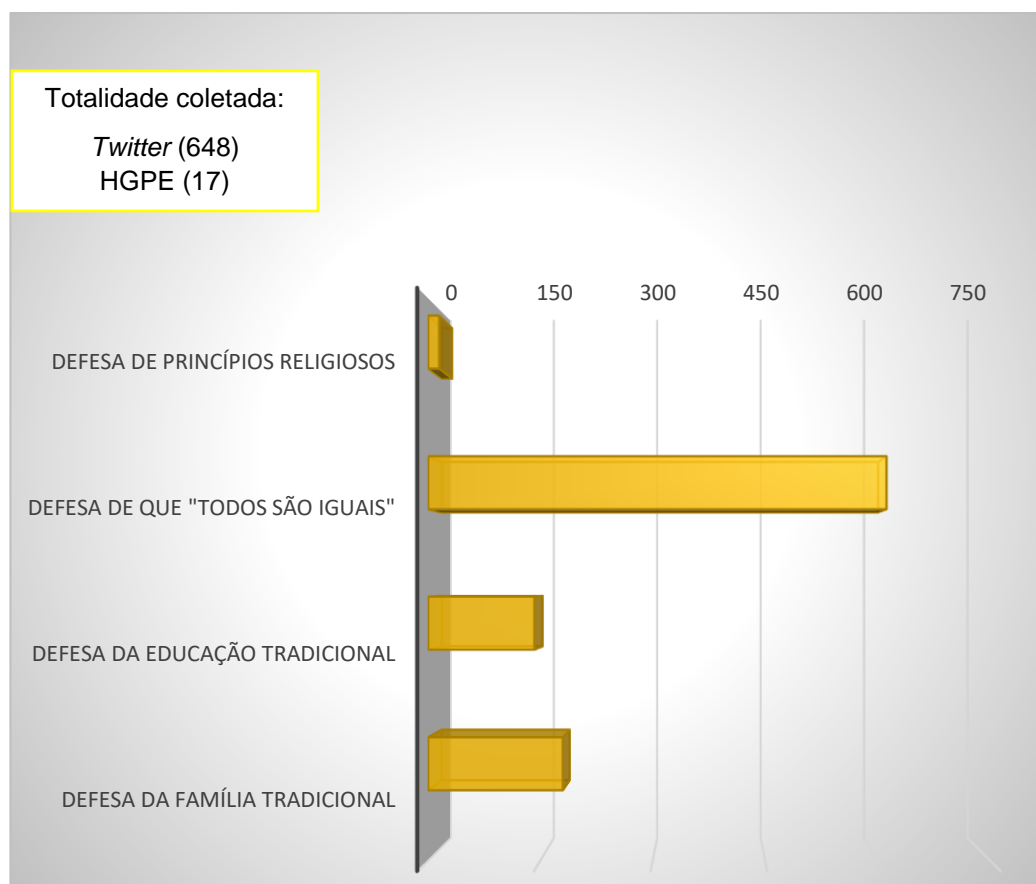


Figura 9. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter* e HGPE.

A figura 9 demonstra que os temas mais relevantes nas eleições de 2018, no conjunto da campanha eleitoral, são na ordem: Defesa de que “todos são iguais”, “Defesa da família tradicional”, “Defesa da educação tradicional” e “Defesa de princípios religiosos”. Ou seja, pode-se afirmar que o *Twitter* exerceu um papel fundamental na construção discursiva, tendo sido o HGPE responsável por alimentar o debate mais aprofundado na conta Oficial @jairbolsonaro.

É possível afirmar que, na lógica de equivalências, a partir de Laclau e Mouffe (2015), a sexualidade articulou os seguintes elementos:

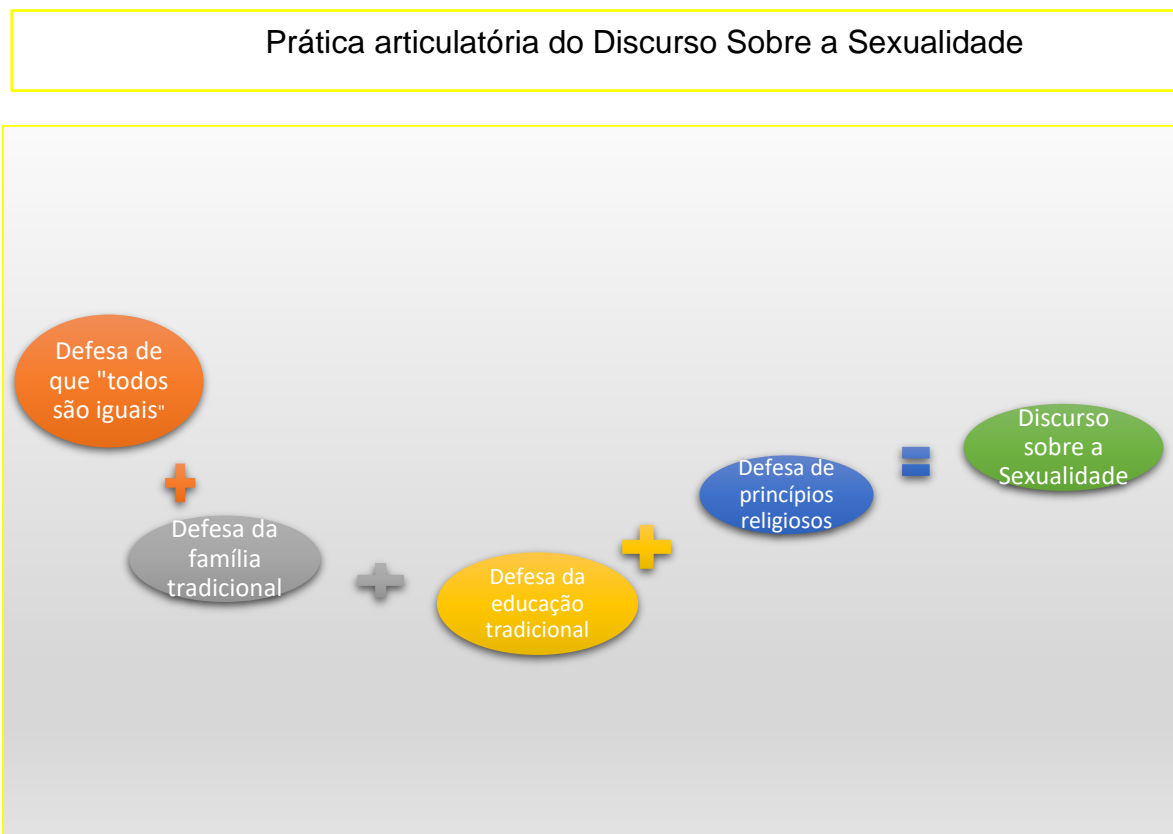


Figura 10. Fonte: Elaboração própria, a partir de dados analisados do *Twitter* e HGPE.

Pode-se dizer, a partir do gráfico, que esses pontos nodais assumiram ao longo da prática articulatória, uma demanda comum, que considerava os sujeitos LGBTQIA+, uma ameaça ao *status quo* social que vinha sendo, sendo a candidatura, colocado em xeque por forças políticas progressistas. O antagonismo construído, foi sem dúvida, materializado pela população LGBTQIA+, que sobre uma lente criacionista, colocava o conjunto da sociedade – e suas famílias – em risco ético, moral e cristão.

4.5 Considerações

Na análise realizada foi possível perceber algumas posturas de insatisfação, adotadas por Bolsonaro na construção discursiva sobre a sexualidade. Sendo importante citar que a candidatura relacionou a sexualidade, ora, a erotização e a prática do sexo, e ora, atrelou gênero e sexualidade, as diversidades sexuais, representadas pela população LGBTQIA+.

De fato, percebeu-se que algumas vezes, essas compreensões se atravessaram e via de regra corroboraram para a construção de estereótipos e de marcadores sociais sobre o corpo LGBTQIA+ e que ideologizavam suas práticas como impuras, libidinosas e criminosas. A ideia central então, foi atrelar o discurso, a uma cultura moral e cristã que considerou a heterossexualidade superior as demais possibilidades sexuais.

Logo, pode-se afirmar que a “ideologia de gênero”, difundida pela candidatura, parte de uma concepção essencialista, muito atrelada ao criacionismo religioso e a biologia, em que gênero é reconhecido como aquele atrelado ao sexo biológico dos sujeitos. A discursividade sobre a sexualidade se inscreveu nesse contexto de emergência que, ao assumir a narrativa de “ideologia de gênero”, colocou o tema, sobre algo compreendido como não-natural.

Outra consideração importante a ser feita, é a forma secundária em que aparece a população LGBTQIA+ em políticas públicas. Como se viu ao longo do capítulo, essa estratégia de não enfatizar a diversidade contribuiu para marginalização dos sujeitos.

Há de se considerar que o tema analisado é algo que mobiliza alas mais conservadoras e fundamentalistas da sociedade. E que historicamente, gênero e sexualidade, foram subscritos através de relações de poder, não diferente do que a candidatura construiu.

É importante também mencionar que há insistência em desqualificar personalidades públicas a partir das formas com as quais os sujeitos relacionam-se no mundo, através de suas sexualidades. Ser homossexual, é considerado pela candidatura, como um atributo pejorativo, da mesma forma como é colocado tais

sujeitos de forma minimalista, como sendo espécies exóticas, minoritárias e que ameaçavam a família.

O que se percebeu, ao fim dessa análise, é que os nós se articularam entre si, construindo inimigos sociais representados pela população em análise. Dessa forma, todas e todos aqueles que defenderam pautas identitárias – mídia, partidos e regimes de esquerda, escola, etc. - foram significados como inimigos da família tradicional.

Com essa estratégia, conclui-se que o discurso de 2018 buscou o apagamento das sexualidades, a misoginia, a imposição da heteronormatividade no social, a homofobia, o machismo e as práticas discursivas que buscavam centralizar a dominação do homem hetero sob as demais relações (androcentrismo).

5 Considerações Finais

No intuito de dar respostas para o problema de pesquisa desta dissertação, no que tange à construção discursiva sobre o tema da sexualidade no discurso do presidenciável Jair Messias Bolsonaro, por ocasião das eleições de 2018, a pesquisa encontrou, ao longo do percurso da campanha do então candidato, elementos discursivos reiteradamente marcados pelo conflito. Por essa razão, antes de responder ao referido problema, se faz necessário levantar algumas considerações sobre o discorrido nos capítulos desenvolvidos.

Primeiramente, sob o ponto de vista da trajetória política de Jair Bolsonaro, assunto tratado no primeiro capítulo, viu-se que o presidenciável manteve uma uniformidade ideológica iniciada no Partido Democrata Cristão. Também, ele elegeu-se sob uma mesma linha político-partidária — até o seu ingresso no Partido Social Liberal —, o que se denota que, ao longo de sua trajetória política e também a desses partidos, eles mantiveram comumente a característica de se apresentarem como uma terceira via eleitoral no cenário político.

Todavia, a ideia de mudança da “velha política” também acompanhou Bolsonaro no partido em que ele concorreu nas eleições presidenciais de 2018, o PSL, e, não por acaso, esta lógica esteve presente em toda construção discursiva analisada. A exemplo disto, destacam-se aqui, as propagandas eleitorais investigadas, que, apesar do pouco tempo televisivo (no primeiro turno), optaram por uma estratégia midiática que apresentava Bolsonaro, como aquele responsável pela mudança em um cenário “devastado” pela política corrupta e imoral até então.

Essa característica de apresentar-se como uma alternativa política marcou também a trajetória meteórica de Bolsonaro no Partido Social Liberal. Apesar de curta, ela foi semelhante à dos demais partidos por que ele passou em carreira política, qual seja, acompanhada por um posicionamento conservador e de conflito.

Apresentar essa trajetória, polêmica e conflitiva, foi fundamental para compreender as influências políticas com que Bolsonaro chega a uma projeção nacional. E mais do que isso, foi imprescindível para que, ainda no primeiro capítulo, se apresentasse um aprofundamento teórico que conseguisse explicar o campo discursivo da figura política que ascendeu em 2018.

Nesse sentido, a abordagem pós-estruturalista adotada, a partir da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, permitiu compreender como ocorreu de fato a construção discursiva bolsonarista, especialmente no tocante à questão da sexualidade. E, para tanto, partiu-se da ideia de que o social deve ser fundamentalmente compreendido a partir de uma variedade de identidades.

Assim, no discurso bolsonarista, pode-se afirmar que há a tentativa de hegemonizar a heteronormatividade no social. Nesse sentido, a candidatura estabeleceu uma relação de conflito, colocando a população LGBTQIA+ antagonicamente ao *status quo* da sociedade, representado por cristãos, heterossexuais e outros grupos conservadores.

No entanto, somente foi possível analisar o conflito construído em torno da sexualidade, nos aspectos amplo e específico, através da noção de discurso desenvolvida por Laclau e Mouffe. Ou seja, o escopo da totalidade estruturada resultante das práticas articulatórias foi fundamental para tal intento.

Isso permitiu que se encontrasse os pontos nodais com que se construiu a prática discursiva. E, mais do que isso, a Teoria do Discurso permitiu compreender qual foi a lógica discursiva, quais demandas a sustentaram, o que a candidatura buscava com isso e, por fim, apresentou quem foram os inimigos que a candidatura apresentava no *Twitter* e nas propagandas eleitorais do cenário analisado.

É com esse suporte teórico que, no segundo capítulo, analisou-se o discurso amplo, na tentativa de encontrar a recorrência do tema da sexualidade no contexto discursivo geral do bolsonarismo. Compreendido por quinze nós (pontos nodais), o discurso amplo se deu a partir de uma relação de conflito, que foi conduzida, nas propagandas eleitorais, pelo sentimento de uma candidatura de buscava mudança e, de forma mais aprofundada, no *Twitter*, pela busca por apresentar soluções e respostas ao “caos” social instaurado.

Percebeu-se que, dentre os quinze temas encontrados, os que mais preocuparam a candidatura, sob o ponto de vista amplo da análise, foram “Eleições”, seguido de “Pessoal”, “PT” e “Sexualidade”. O que já indica, de antemão, a relevância do tema aqui analisado. É importante destacar que, não apenas nesse capítulo, mas em todo conjunto analisado, o discurso bolsonarista foi construído a partir de elementos que suscitavam uma ideia patriótica. Bolsonaro, da forma como foi apresentado, conduziria uma mudança não só em relação às velhas práticas políticas de um sistema político “corrupto”, como também seria aquele que corrigiria uma sociedade em “extrema desordem”, sob o ponto de vista dos seus valores éticos, morais, religiosos e patrióticos.

Por fim, no terceiro capítulo, a partir da análise aprofundada sobre o tema da sexualidade, se verifica que grande parte da percepção da candidatura sobre a “desordem moral instaurada”, se materializa pela ameaça de antagonismos construídos. Isso se dá através da articulação entre quatro pontos nodais que permitiram que o discurso acontecesse.

Pode-se dizer, então, que Bolsonaro, sob a lógica da Teoria do Discurso, encontrou diversos inimigos, entre eles, os partidos progressistas (destacam-se PT, PSOL e Pcdob), os quais, segundo ele, priorizariam agendas identitárias em detrimento de uma maioria, a população LGBTQIA+ propriamente dita, um currículo transversal, os artistas que tensionavam essas pautas, entre outros. Ou seja, os inimigos de Bolsonaro, reconhecidos como causadores da desordem social apresentada, foram nomeados ao longo do discurso.

Outro dado importante analisado no último capítulo diz respeito aos quatro pontos nodais extraídos e suas incidências. Dentre “Defesa da preservação de princípios religiosos”, “Defesa da família tradicional”, “Defesa de que ‘todos são iguais’” e “Defesa da educação tradicional”, o que mais preocupou a candidatura foi a “Defesa de que ‘todos são iguais’”.

Este nó, inclusive, demonstrou um discurso negativo em relação às minorias identitárias, que com a estratégia de colocar a ideia de “totalidade” buscava não enfatizar a população LGBTQIA+ em políticas públicas. Com isso, Bolsonaro procurava excluir a população LGBTQIA+ das políticas sociais e de um ideal de sociedade na qual almejava.

Desse modo, os sujeitos LGBTQIA+ eram considerados pelo bolsonarismo como um atraso a uma agenda de desenvolvimento pautada no seu discurso amplo. Isso também se percebe, no segundo ponto nodal em que mais houve apelo, ou seja, a “Defesa da família tradicional”. Tal preocupação se dava em razão de uma série de elementos que atrapalhariam a família heterossexual, reconhecida como única família verdadeira. Dali extraíram-se inimigos que também se fizeram presentes no discurso amplo.

Sobre os terceiro e quarto pontos nodais, a “Defesa de uma educação tradicional” e a “Defesa da preservação de princípios religiosos”, houve uma preocupação com a forma como se “administrava a sociedade”. Tal preocupação resultava seja pela ausência de uma educação mais rígida e tradicional no sentido “conteudista”, seja pela inexistência de um código cristão presente nas práticas institucionais que fundamentassem a sociedade como um todo.

Em todos aspectos, há uma ruptura com o entendimento de que os sujeitos LGBTQIA+ pudessem ser reconhecidos enquanto cidadãos de direito. E, de forma agressiva, essa população foi considerada, ao longo do discurso, ligada à perversão, contribuindo para a manutenção de uma homofobia de Estado.

Ainda sobre a percepção de Bolsonaro sobre o tema da sexualidade, cabe concluir que os pontos nodais foram marcados por uma confusão entre o que seria gênero (referente à identidade, a qual os sujeitos se reconhecem), sexo (no sentido de ato sexual) e orientação sexual (referente aos relacionamentos afetivo-sexuais dos sujeitos). Também ficou claro, inclusive isso foi afirmado diversas vezes pela candidatura, que se fez presente uma visão biológica sobre os sujeitos, contribuindo, assim, para uma lógica heteronormativa do discurso.

Buscando, então, responder ao problema desta dissertação, é possível afirmar que, no tocante à primeira hipótese, esta se confirma plenamente. Assim, para construir o seu discurso nas eleições de 2018, Bolsonaro fez uso de uma prática articulatória que buscava instaurar a heteronormatividade no social, enquanto ordem hegemônica.

Isso foi comprovado, no conjunto discursivo, quando foi colocado o sujeito LGBTQIA+ no espaço da patologia, do crime, da impureza, através da articulação dos quatro pontos nodais aqui elencados e discutidos. Com uma estratégia ética, moral e

cristã, o bolsonarismo apresentou a heterossexualidade enquanto uma identificação superior às demais.

Confirma-se igualmente a segunda hipótese, ou seja, aquela que afirma que o tema da sexualidade esteve presente, de forma direta ou indireta, na grande maioria dos debates que o candidato protagonizou. Isso se explica em razão da percepção de Bolsonaro que afirmava que um desenvolvimento econômico, social, moral e ético da sociedade estaria estritamente ligado a uma agenda pautada nos pontos nodais construídos ao longo do discurso e na eliminação social, dos antagonismos que construiu.

Logo, no contexto analisado, por exemplo, o problema da violência social estaria ligado a governos que priorizaram pautas identitárias, ao invés de investirem em uma agenda de segurança mais rígida. Ou seja, o tema da sexualidade foi relacionado aos demais temas, como forma de caracterizar o caos que seria a “velha política” no enfrentamento aos problemas sociais.

O que cabe aqui concluir é que a metodologia utilizada para analisar o discurso de 2018 construído pela candidatura de Jair Bolsonaro trouxe elementos muito mais do que quantitativos. Com a provocação de compreender a condução de um tema, que possui um peso teórico e de militância, a pesquisa demonstrou um caráter qualitativo singular.

Isso porque, considera-se que, poucas vezes, o tema da sexualidade esteve tão presente na agenda eleitoral nacional. E, sobre isso, considera-se importante que outras pesquisas sigam esse caminho e que busquem explorar como o debate político tem sido conduzido após este cenário específico de conflito, marcado pela busca do apagamento das identidades sexuais, pela imposição da misoginia, da homofobia, do machismo e, por fim, que buscou uma hegemonia social heteronormativa antagonicamente a uma sociedade mais tolerante e livre.

6 Referências

AZEVEDO, Reinaldo. ELEONORA MENICUCCI VOLTA A ATACAR: AGORA ELA MIRA NOS MÉDICOS QUE NÃO PRATICAM ABORTO POR OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA. **Veja**, 2020. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/eleonora-menicucci-volta-a-atacar-agora-ela-mira-nos-medicos-que-nao-praticam-aborto-por-objecao-de-consciencia/>> Acesso em abril/2021. Texto original.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 7699/2006**. Institui o Estatuto do Portador de Deficiência e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=339407>> Acesso em abril/2021. Texto original.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília, 2018. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRMAOPNEDH.pdf> >. Acesso em abril/2021. Texto original.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos LGBT**. Brasília, 2009. <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/39/LGBTI/Plano%20Nacional%20de%20Promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20Cidadania%20e%20Direitos%20Humanos%20LGBTI.pdf>. Acesso em abril/2021. Texto original.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República; Ministério da Justiça. **Decreto Nº 7.037, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2009.** Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm> Acesso em abril/2021. Texto original.

BRASIL. Senado Legislativo. **Projeto de Lei 122/2006.** Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>> Acesso em: agosto/2020. Texto Original.

BUTLER, Judith. **El gênero em disputa.** El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 2007.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. **A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Dória e Nelson Marchezan.** Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual. n. 18, 2018, p. 54-84.

COELHO, Sandro Anselmo. **Partido Democrata Cristão: teores programáticos da terceira via brasileira (1945-1964).** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 201-228 – 2003.

DEPUTADOS, Câmara dos. Brasília. **Jair Bolsonaro – Biografia.** Disponível em <<https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>> Acesso em: setembro/2021.

FERREIRA, Denise Paiva. **A evolução do sistema partidário brasileiro: número de partidos e votação no plano subnacional 1982-2006.** Opinião Pública, Campinas, vol. 14, nº 2, 2008, p.432-453.

FGV, Fundação Getúlio Vargas. **Partido Democrata Cristão (PDC – 1945 - 1964)**. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-democrata-cristao-1945>> Acesso em: setembro/2021

FGV, Fundação Getúlio Vargas. **Partido Democrata Cristão (PDC – 1985 – 1993)**. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-democrata-cristao-pdc-1985-1993>> Acesso em: setembro/2021.

FIGUEIREDO, Marcus. **Intenção de voto e propaganda política: Efeitos da propaganda eleitoral**, Logos, v. 27, n. 2, 2007. p. 9-20.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz; IFF, Instituto Nacional de Saúde da Mulher e da Criança e do Adolescente. **Método de Aspiração Manual Intrauterina – AMIU: quando e como fazer**. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/29835/2/M%C3%89TODO%20DE%20ASPIRA%C3%87%C3%83O%20MANUAL%20INTRAUTERINA%20-%20AMIU_QUANDO%20E%20COMO%20FAZER.pdf> Acesso em abril/2021.

FOLHA. **Candidatos - Presidente - Luciano Bivar. 2006**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/candidatos-presidente-luciano_bivar.shtml> Acesso em setembro/2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graau, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FROEMMING, Cecília Nunes; IRINEU, Bruna Andrade; NAVAS, Kleber. **Gênero e sexualidade na pauta das políticas públicas no Brasil**. Revista de Políticas Públicas, Número especial, p. 161 – 172, 2010.

GALE; AGBLT; PATHFINDER; ECCO; RETROLATINA. Caderno Escola sem Homofobia. Disponível em < file:///C:/Users/Casa/Downloads/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf > Acesso em abril/2021.

GLOBO, G1. **Projeto de distribuir nas escolas kits contra a homofobia provoca debate**. Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/projeto-de-distribuir-nas-escolas-kits-contr-homofobia-provoca-debate.html> > Acesso em abril/2021.

GLOBO, G1. **TSE aprova resolução com tempos de propaganda dos candidatos a presidente**. Brasília, 28 de agosto de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/28/tse-aprova-resolucao-com-tempos-de-propaganda-dos-candidatos-a-presidente.ghtml>> Acesso em: agosto/2018.

GUAZINA, Liziane. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares**. Revista Debates, v. 1, n. 1, 2007, p. 49-64.

IRINEU, Bruna Andrade. **10 anos do programa Brasil Sem Homofobia: notas críticas**. Revista Temporais, Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 193-220, jul./dez, 2014.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma Política Democrática Radical**. Nova York: Ed. Intermeios, 1985.

Livro exibido por Bolsonaro no Jornal Nacional não foi comprado por MEC. **UOL**, 2018. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2018/08/30/livro-exibido-por-bolsonaro-no-jornal-nacional-nao-foi-comprado-pelo-mec.htm> > Acesso em abril/2021.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs). **Emancipação e diferença / Ernesto Laclau**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista Petrópolis: Vozes, 1997.

MAZZOCO, Bruno. UMA ANÁLISE DO CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA. **Nova Escola**, 2015. Disponível em < <https://novaescola.org.br/conteudo/1579/uma-analise-do-caderno-escola-sem-homofobia> > Acesso em abril/2021.

MENDONÇA, Daniel de. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. **Revista Sociologia Política**, vol. 11, no. 20, p.135-145, 2003.

MENDONÇA, Daniel de. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v.1., n.1, jan/jun, 2009, p. 153-169.

MENDONÇA, Daniel; LOPES, Alice Casimiro. In: MENDONÇA, Daniel; LOPES, Alice Casimiro (Orgs). **A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: Ensaios Críticos e Entrevistas**. São Paulo: ANNABLUME, 2015.

MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo P. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MENDONÇA, Daniel. **Teorizando o agonismo: crítica a um modelo incompleto**. Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 3, p. 479-497. 2010.

MENDONÇA, Daniel de. **Uma (Breve) Introdução ao Pensamento Pós-Estruturalista**. PARALELO 31, v. 1, p. 150-162, 2020.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. **Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade**. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 11-29.

NACIONAL, Congresso. Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização. **PPA 2004 – 2007: Anexo I - Orientação Estratégica de Governo**. Disponível em <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/planejamento-e-orcamento/plano-plurianual-ppa/arquivos/ppas-anteriores/ppa-2004-2007/anexo_i-orientacao_estrategica_do_gov.pdf> Acesso em abril/2021. Texto original.

OROPALLO, Maria Cristina. **A presença de Nietzsche no discurso de Foucault**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2005.

PERES, Paula. LIVRO EXIBIDO POR BOLSONARO FAZ PARTE DE “KIT GAY”? **Nova Escola**, 2018. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/12465/livro-exibido-por-bolsonaro-nao-faz-parte-de-kit-gay>> Acesso em abril/2021.

PROGRESSISTAS. **Conheça a história do Progressistas**. Disponível em <<https://progressistas.org.br/partido/>> Acesso em: setembro/2021.

PSL, Partido Social Liberal. **Estatuto**. Brasília/DF, 14 de fevereiro de 2004. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/estatuto-do-partido-social-liberal-de-14-2-2004.2006/rybena_pdf?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/estatuto-do-partido-social-liberal-de-14-2-2004.2006/at_download/file> Acesso em: setembro/2021

SECAD, Ministério da Educação. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília, 2007. Disponível em:<http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf> Acesso em: agosto/2020.

SOARES, Wellington. CONHEÇA O "KIT GAY" VETADO PELO GOVERNO FEDERAL EM 2011. **Nova Escola**, 2015. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>> Acesso em abril/2021.

TSE, Tribunal Superior Eleitoral. **Partido Social Liberal**. Disponível em <<https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/partidos-registrados-no-tse/partido-social-liberal>> Acesso em: setembro/2021

UNISINOS, Instituto Humanitas. **Eleonora Menicucci fez curso de aborto, relata texto. Ministra nega**. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506544-eleonoramenicucci-fezcursodeabortorelatatextoministranega>> Acesso em abril/2021.

USP, Universidade de São Paulo. **II Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) – 2002**. Biblioteca virtual de Direitos Humanos. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direitos-Humanos-no-Brasil/ii-programa-nacional-de-direitos-humanos-pndh-2002.html>> Acesso em abril/2021.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio: História Geral do Brasil**. Editora Scipione: São Paulo, volume único, 2002, p. 525-558.